



Pelas Estrelas

EVILANE
OLIVEIRA





PERIGOSAS NACIONAIS

Pelas Estrelas

EVILANE
OLIVEIRA

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A Belinda, meu anjinho que foi morar no céu.

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Evilane Oliveira

Pelas Estrelas

1ª Edição

Capa: Dri K.K.

Revisão: Evelyn Santana

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens e acontecimentos que aqui serão descritos, são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº. 9.610. /98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Todos os direitos reservados.

Edição Digital | Criado no Brasil.

PERIGOSAS ACHERON



[Sinopse](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Doze](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Treze](#)

[Quatorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Contato](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A escuridão me acalmava. E como os pequenos pontos de luz no céu, eu me sentia bem. As estrelas sempre me guiaram. Elas me davam sentido. Até que eu conheci Vinícius. Ele era de uma boa família, lindo e de coração bondoso como nunca conheci.

Eu me apaixonei por ele. Infelizmente.

Porque quando ele se foi sem deixar rastros, eu fiquei sem rumo.

Até que me encontrei e ele voltou. Eu esperava tudo, mas jamais saber que o motivo de seu sumiço era algo tão avassalador.

Quando eu estava tentando ordenar os acontecimentos e os meus sentimentos por ele, fui "*atropelada*" por Gael. Ele era o completo aposto de Vinícius. Perigo, isso era o que ele exalava a cada vez que eu o sentia por perto. Chegava a escutar a voz do meu irmão me mandando correr a cada vez que os olhos verdes dele encontravam os meus.

Os dois eram como fogo e água. E eu nunca me imaginei querendo queimar e submergir ao mesmo tempo. Da mesma maneira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Te amar foi juvenil, selvagem e livre
Te amar foi legal, quente e doce
Te amar foi luz do sol, foi estar sã e salva
Um lugar seguro para baixar minha guarda
Mas te amar teve consequências.”*
CONSEQUENCES | CAMILA CABELLO

PASSADO

Rabisco a atividade na folha de papel e me assusto quando uma bola colide com minha cabeça e aterrissa em minha carteira. Meus dedos finos pegam a folha e eu tremo, imaginando a merda que escreveram aqui. *Não ligo*, repito em meus pensamentos, mas ao contrário do que eu quero fazer, minhas mãos abrem o papel.

“Quanto tempo falta para seu irmão marginal sair da jaula?”

Amasso o papel e controlo minha respiração. Eles não são ninguém. Luca é mil vezes melhor que esses idiotas mimados e burros. Alícia, minha cunhada e agora tutora, errou ao me trocar de escola. Eu odeio essa gente rica que pensa que é melhor do que eu ou Filipe, meu irmão mais novo.

Encaro a porta fechada e limpo minha mente durante o restante da aula. Quando o som estridente soa, eu fecho meus olhos o mais apertado possível. Todos se levantam e eu continuo sentada, tentando me transformar em um fantasma.

— Você não precisa ficar parada aí. Eles

estão esperando por você — uma voz rouca soa acima do som da campainha, avisando a todos que podem dar o fora.

— Quem espera por mim? — pergunto apertando meus olhos ao ver um garoto de cabelos loiros atrás de mim.

Seus olhos, por incrível que pareça, não são verdes ou azuis como da maioria das pessoas loiras. São tão escuros que me fazem dar um passo para trás, assustada com a aparência deles.

— Eles. — Ele acena em direção à porta e eu vejo uma garota loira que se parece muito com Alícia. Porém seus olhos estão com raiva, e Alícia nunca tem esse olhar na direção de ninguém. Não comigo por perto, pelo menos.

Ao seu lado tem uma menina que encara seus pés e um garoto mais alto que elas. Não preciso ver muito para saber que eles são as pessoas que atiraram papéis em mim durante a aula. As palavras do último me fazem fechar meus punhos.

— Não estou “parada aí”. Que bom que eles me esperam, tenho algo para eles. — Deixo o garoto para trás e saio andando a passos largos.

A menina loira sorri elevando sua sobrancelha quando me vê andando em sua direção, e eu me aproximo mais, tentando sorrir de volta, bem irônica.

— Humm, a filhote de cachorro pobre veio até nós. — Ela sorri ao falar e o garoto gargalha ao seu lado. Eu mordo meu lábio, evitando desviar os olhos dela, sabendo que é a líder deles. A vaca master.

— Sou pobre sim, e isso não é da sua maldita conta, sua anta. Da próxima vez que jogar papel em mim ou falar do meu irmão, você vai chegar com um olho roxo na sua casinha da Barbie — digo tudo calma, vendo seus olhos se apertarem. A garota ao seu lado engole em seco e tenta se afastar, mas a imbecil loira a segura, lhe dando um olhar seco.

— Não se atreva a me ameaçar...

— Não se atreva a mexer comigo ou minha família. Sou pobre e aprendi muito de onde vim. — Não lhe dou tempo de responder. Apenas caminho para longe dela e de sua turma.

SEMANAS DEPOIS...

PERIGOSAS ACHERON

Sabe o que aprendo com os dias que estamos ficando na casa do pai de Alícia? Que as pessoas podem ser boas. Elas podem, sim, ter compaixão e amor ao próximo. Eu sou grata por Lili estar cuidando de mim e Lipe enquanto meu irmão mais velho e namorado dela está preso, mas não aceito essa troca de escola.

Não mesmo.

Luca foi preso meses atrás por se meter com gente ruim. Meu irmão tentou nos proteger e acabou por ficar enjaulado como um bicho. Meu coração aperta lembrando que não o vejo há muito tempo. Alícia tem nossa guarda temporária e graças a Deus não fomos para um orfanato. Eu não aguentaria. Nem mesmo Felipe.

Perdemos nossos pais novos. Não me lembro de nenhum deles exatamente e às vezes eu gostaria de ter apenas um vislumbre do rosto dos dois sem ser por uma fotografia.

Respiro fundo quando outra bola de papel pousa em minha mesa assim que os outros estudantes saem, ao som do alarme da escola. *Eu juro que tentei, Lili.* Porém essa garota, e eu soube

que seu nome é Ellen, não vai me deixar em paz enquanto eu não quebrar a cara de metida dela.

Por isso eu me ergo, pego minha mochila e caminho até ela. Seu sorriso ainda está lá e é isso que mais me irrita. Ela sabe que me tira do sério, que seus bilhetes falando de Luca me fazem ficar fora de mim, e ela gosta, não, ela ama isso.

— Eu avisei a você, sua puta sem noção. — Elevo minha mão para marcar seu rosto, mas alguém a pega e a mantém elevada.

Ellen arregala os olhos surpresa e eu gostaria de ver o quão surpresa ela iria ficar quando se olhasse no espelho depois de eu deixá-la marcada com meus dedos.

— Pare com isso — uma voz rouca fala firme e me lembro do menino loiro de olhos escuros. — Ande, vamos sair daqui. — Ele puxa meu braço e mesmo que eu puxe de volta com muita força, ele ganha a batalha. É claro, o idiota é bem mais forte.

— Você é doido? Me solta! — Trinco meus dentes com a raiva inflamando meu peito. O garoto para de me arrastar quando chegamos ao jardim da
PERIGOSAS ACHERON

escola. Eu empurro seu peito quando ele afasta a mão de mim.

— Valentina, você é mais difícil do que imaginei — ele murmura balançando a cabeça e tirando seu cabelo dos olhos.

— Não me toque. Eu iria dar uma lição naquela vagabunda e você me impediu. Idiota! — grito irritada, e ele só faz careta, me medindo de baixo acima.

— Que palavras são essas? Pare de falar assim. — ele continua com a careta e minha boca cai aberta. Sêrio?

— Com licença, vossa senhoria, eu estava indo desferir um golpe no rosto daquela senhorita, porém a vossa excelência não me permitiu. — Eu forço todas as palavras bonitas que aprendi na minha vida para gozar da sua cara, mas ele começa a rir.

Meus braços se cruzam enquanto sua gargalhada ridícula rompe no meio do jardim cheio de grama e flores. Os alunos saem em direção ao estacionamento à nossa frente e franzem a testa para ele. *Sim, vejam o quanto ele é um idiota.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Valentina, você é a garota que eu estava esperando nessa escola. — Ele segura sua barriga, parando de rir, e eu reviro meus olhos.

— Cuzão — resmungo caminhando para longe dele.

— Eu escutei isso, Valentina! — ele grita às minhas costas e eu me viro, lhe dando o meu dedo médio.

— Espero que seus olhos enxerguem tão bem quanto os seus ouvidos escutam! — grito e corro em direção ao carro de Theo.

— Ah, meu nome é Vinícius. — Ele acena ao longe com um meio sorriso e eu reviro os olhos quando Theo eleva sua sobrancelha, me questionando.

— Um idiota — explico e ele eleva as mãos, se rendendo.

MESES DEPOIS...

— Você deveria ser mais silencioso — resmungo quando o escuto se aproximar.

— Sim, eu sei. — Ele ri enquanto abre
PERIGOSAS ACHERON

minha porta para a sacada do meu quarto. — Eu trouxe alguns filmes dessa vez. Cansei das suas séries bobas. — Seu rosto tem um sorriso que eu tento não encarar.

O garoto loiro de olhos escuros é Vinícius. Durante os meses em que estou nessa escola ele se aproximou e se tornou meu melhor amigo. Vini me seguiu durante todos os momentos na escola. Ele me fez me sentar com os seus amigos e me colocou sob sua asa.

Ele me protege — não que eu precise — e depois do último episódio com Ellen, ela nunca mais olhou torto para mim. Eu estranhei, mas fiquei aliviada. Não quero que Alícia tenha problemas por causa de mim.

— Clarisse estava com você no estacionamento? — Vini pergunta, me encarando, e eu dou de ombros.

— Parece que ela cansou da Ellen. Não somos amigas, mas eu sou uma garota legal e a deixei em casa. Ela mora na rua de baixo, sabia? — Pego uma mão de pipoca e levo à minha boca, vendo-o se deitar ao meu lado e ligar a minha TV.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sabia disso, mas que bom. Ellen a escravizava — ele murmura e fica em silêncio enquanto um dos seus filmes começa.

Durante o filme sinto os dedos de Vinícius fazerem desenhos na minha pele, na altura da barriga. Eu fecho meus olhos e engulo em seco. É pouco tempo para sentir minha barriga gelar. Vini é meu amigo, só isso.

— Tina. — Pulo quando a voz de Alícia ecoa do lado de fora da minha porta.

— Merda. Levanta. Você precisa ir. — eu começo a sussurrar e vejo Vinícius morder seu lábio, rindo devagar. — Do que está rindo? — Empurro seu ombro, tentando manter meu riso baixo.

— Tina, você dormiu? — Eu reviro os olhos para a pergunta de Alícia. Como ela pergunta a alguém se está dormindo?

— Não, Lili. Estou indo — grito para a porta e empurro Vinícius para trás da madeira, não deixando Alícia vê-lo. Abro-a e sorrio ao ver minha cunhada de pé. — Oi.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só vim desejar boa noite. Estou saindo com Gabby. — Ela sorri ao falar e eu a meço de cima a baixo. Ela está bonita e eu estranho muito essa saída.

— Só vocês duas?

— Sim, só nós duas. — Ela ri e se vira, indo embora, mas para e me olha. — Cuidado. — Pisca e sai.

Franzindo a testa volto para meu quarto e encontro Vini parado, rindo de mim.

— O que foi agora? — questiono fazendo careta.

— Você vigiando sua cunhada. — Ele dá passos até mim e eu reviro os olhos, porém paro quando seu peito se encosta ao meu.

Vinícius me encara, fazendo com que eu tenha que inclinar a cabeça para trás para poder ver seus belos olhos escuros. Sua boca está a centímetros da minha e eu me pego desejando que essa distância não existisse.

— Valentina.

— Hum?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou te beijar. — Sua voz soa mais rouca que o normal e parece que ele está me avisando, me alertando, como se isso fosse algo que eu não quisesse. Eu quero. Engulo em seco e fecho meus olhos.

— Sim — sussurro e sinto seu dedo deslizar pelo meu pescoço. Sua respiração está pesada e antes que sua boca toque a minha, sua mão sobe e retira meus cabelos da presilha, deixando-os caírem soltos.

Assim que a maciez da sua boca toca meus lábios eu vislumbro seu sorriso quando, hoje de manhã, me disse durante uma de nossas chamadas de vídeo que essa noite iríamos nos divertir.

Eu estou me divertindo, Vinícius. Muito mais do que eu pensei me divertir.

PERIGOSAS ACHERON



*“Quando eu vou te ver de novo?
Você foi embora sem dizer adeus, nem uma palavra
sequer foi dita
Nenhum beijo final para selar algum pecado
Eu não fazia ideia de onde estávamos.”*
DON'T YOU REMEMBER | ADELE

AINDA NO PASSADO...

Eu sorrio quando escuto um toque rápido na minha janela e me viro, retirando meu fone que estava num volume baixo. Vejo quando Vini entra no quarto. Seu casaco está molhado e eu olho para fora, vendo que começou a chover. Nem percebi.

— Você está todo molhado. Vem, vou pegar uma toalha... — Eu sorrio, me erguendo, mas paro quando seus olhos não se elevam para mim. — Vinícius? O que houve? — Eu me aproximo devagar e pego uma toalha no banheiro, indo em seguida para sua frente.

— Não foi nada — ele resmunga e pega a toalha de mim, se afastando rapidamente.

— Tem certeza? — questiono de longe. Cruzo meus braços, esperando por sua resposta. Vinícius olha pela janela, seguindo as gotas que se chocam contra minha janela e descem pelo vidro embaçado.

— Já falei que não foi nada, Valentina — ele é grosso ao dizer isso. Eu bufo e me sento na cama.

— O que veio fazer aqui? — pergunto ríspida, desligando meu notebook, onde estava fazendo uma pesquisa para o trabalho de Biologia que estou fazendo.

— Eu venho aqui toda noite. — Ele se vira, balançando a cabeça, e eu vejo o seu rosto. Seu olho esquerdo está roxo, e seu lábio, um pouco maior que o normal.

— Você andou brigando? — Semicerro meus olhos e ele revira os olhos, se virando para mim.

— Foi uma brincadeira com os meninos. Nada de mais. — Ele suspira e eu me encosto na cama, ouvindo a chuva aumentar.

— Você está estranho...

— Já vou indo — ele me corta e joga a toalha na poltrona do quarto. — Valentina — ele me chama e eu me ergo, indo ao seu encontro.

— Você é meu namorado, Vini. Eu sempre vou estar aqui para você — murmuro, inclinando a cabeça para trás para alcançar sua boca. Escovo meus lábios nos seus e Vini suspira, me dando um

selinho para logo se afastar.

— Meus pais estão se separando. Eu só fiquei louco com isso. — Ele segura meus cabelos enquanto cola sua testa na minha e respira o ar que eu expiro. Seus olhos escuros estão nos meus, e sua boca ainda sobre a minha.

— Sinto muito — digo, e na verdade eu sinto mesmo. Os pais dele sempre estão brigando, eu já previa a separação.

— Não há problema. Eu vou indo, está bem? Amanhã te vejo na escola — ele me diz e eu aceno, recebendo em seguida um beijo calmo. Seguro seus braços e sorrio, vendo-o se afastar.

Olho para a janela e vejo que a chuva acabou. Vinícius vai embora e eu suspiro, caindo na cama. Fecho meus olhos e massajeio minha cabeça. Apaixonar-me por Vini foi tão de repente. Depois que nos beijamos aqui, no meu quarto, tudo me levou até os seus braços. Vinícius se tornou meu porto seguro.

— Tudo bem? — Eu me viro vendo Alícia parada na porta do meu quarto. Ela está suja de tinta e eu sei que estava no atelier.

— Tudo sim. — Aceno suspirando, e seus ombros caem quando ela acena, fechando minha porta, me deixando sozinha.

Alícia não sabe de Vinícius. Não quero comprometê-la com Luca. Sei que ela não iria mentir, caso ele perguntasse se estou namorando. Não gosto de pensar no meu irmão se preocupando comigo enquanto está trancafiado naquele lugar.



— Você fica mais bonita com o cabelo solto, você sabe, não é? — Eu faço careta ao ouvir a voz de Benjamim.

— Meu namorado fala o mesmo. — Eu sorrio brincando, e ele faz careta à menção de Vinícius.

— Estou aqui, pretinha. Hoje e sempre — Ben fala sorrindo, mas sei que ele sabe que isso nunca vai acontecer.

— Já falei para não chamar ela assim, Benjamim. Se fosse sua namorada você não iria gostar. — Vinícius se coloca atrás de mim e enlaça minha cintura, fazendo Ben acompanhar sua mão.

— É apenas um apelido — Benjamim resmunga já pronto para sair. Não sei por que ele ainda faz essas brincadeiras. Ele sabe que Vini não gosta.

— Eu sei que é, e eu não gosto — meu namorado fala rápido e eu me viro, colocando minha mochila de volta no ombro e afastando Vini para trás.

— Eu estou atrasada. Vamos lá. — Pego sua mão e caminhamos pelo corredor lotado de alunos.

Procuro algum hematoma de ontem no rosto dele, mas não há rastros de nada. Vini enlaça minha cintura e deixa um beijo casto em meus cabelos.

Paro de andar quando vejo Ellen no final do corredor. Ela me olha como se soubesse de algo, como se eu fosse uma brincadeira. FRANZO as sobrancelhas para ela, mas não lhe dou atenção. Entro em minha sala e vou para meu lugar com VINÍCIUS atrás de mim.

— Você está percebendo eles olhando para mim? — questiono a VINÍCIUS e ele olha para os lados, semicerrando os olhos. Como num passe de
PERIGOSAS ACHERON

mágica, todos param de me encarar.

— Sim, vamos saber até o final da aula — ele resmunga, sério, e eu aceno, engolindo em seco.

Passo as duas primeiras aulas olhando para os que me olham, estou cansada e a ansiedade de que algo está para acontecer me fere.

A porta está fechada quando voltamos do intervalo. Clarisse está ao meu lado e abre a porta, entrando em seguida. Seu corpo estanca e eu trombo contra suas costas.

— Merda, Clarisse! — resmungo alto e ela me empurra, querendo que eu volte para fora, mas quando vejo todos os alunos lá dentro eu fico rígida e tiro minha amiga da minha frente.

— Tina. — É apenas uma lamentação, e eu só entendo quando entro na sala. A imagem refletida por um Datashow na parede me faz fechar os olhos e os pulsos.

É a imagem do Luca, quando ele foi preso. A foto padrão com a altura atrás num papel. O rosto do meu irmão está duro e eu tremo ao olhar para seus olhos. Lá tem tanto medo e tanta angústia. Só

de olhar para seus olhos eu sei que ele estava pensando em mim e Felipe. Meus dedos tremem e eu ando diretamente para Ellen, que está sentada de frente para mim.

— Ops, ela está irritada. — Ela ri com suas amigas e eu a pego pelos cabelos, a tirando da cadeira e a puxando para o meio do palco. — Me solta!

— O quê? Agora? Ops, você está ferrada, querida. — Sorrio fervendo de ódio e me sento na sua barriga, dando tapas em seu rosto. Ellen fica tentando se defender, mas coitada, está difícil. Sua boca começa a sangrar e eu lhe dou mais tapas, vendo-a se contorcer, chorando.

Eu me ergo quando estou satisfeita e puxo os cabelos dela, fazendo com que olhe para todos da sala.

— Vocês piscaram e a irmã do presidiário deu uma surra na cadela rica. — Eu sorrio enquanto Ellen continua tentando me fazer soltar seus cabelos. — Isso aqui serve para todos vocês. — Eu rio quando sinto Vinícius me segurar. Não sei de onde ele saiu, mas logo solto a idiota.

— Louca! Eu vou agora para a sala do diretor...

— E ele vai saber o que fez aqui. Cuidado, Ellen — Benjamim resmunga cruzando seus braços na porta, e ela engole em seco. A passos rápidos, vejo-a sair da sala e relaxo.

Vinícius me leva para fora da escola assim que o sinal toca. Eu pego o resultado das minhas provas de sua mão e suspiro ao ver o Theo logo à frente.

— Preciso ir... — resmungo, não querendo conversar sobre o episódio. Vini sabe o quanto me machuca falarem do meu irmão.

— Vou viajar amanhã. Minha mãe convenceu meu pai a tentar ajustar o casamento e eles decidiram ir para Nova York — ele diz de supetão, e eu me viro, sentindo meus olhos triplicarem de tamanho.

— As férias todas? — questiono piscando. Pensei que ficaríamos mais tempo juntos com o recesso de fim de ano, pelo visto eu estava errada.

— Sim, eu pedi para voltarem uma semana

PERIGOSAS NACIONAIS

antes, eles estão pensando. — Ele suspira, colando sua testa na minha. — Logo vou estar aqui, baby. — Seus lábios deslizam pelos meus e eu aceno, sorrindo.

— Tudo bem. — Dou um selinho em sua boca e Vini me segura mais próximo.

— O mês vai passar rapidinho. Eu prometo. — Ele sorri e eu abraço seu corpo, colocando minha boca em sua orelha.

— Pelas estrelas, Vini? — Minha voz é insegura e ele percebe isso, pois se afasta para poder ver meus olhos.

— Sempre pelas estrelas, Tina. — Eu relaxo e o deixo me beijar intensamente, mesmo com Theo olhando de longe.

PERIGOSAS ACHERON



*“Porque depois de todos esses anos
Eu continuo sentindo tudo quando você está por
perto”*

ALL THESE YEARS | CAMILA CABELLO

PRESENTE...

— Não quero ir. — Escuto Clarisse responder e reviro os olhos, já tirando um vestido bonito para ela.

— Eu não quero ficar em casa, Clarisse. Por favor, vamos — imploro me sentando ao seu lado com o vestido rodado em minhas mãos. É um dos vários que Lili me fez comprar esses dias.

— Hum, eu só vou porque hoje é o último dia das nossas férias. — Eu beijo sua bochecha e me ergo sorrindo.

Estou animada para ir à festa na casa de Ellen. Ela não me convidou de coração, eu sei, mas não vou por ela. Vou por mim. Preciso me divertir, e lá tenho certeza de que encontrarei diversão. Ellen ainda é a cadela de sempre, mas eu apenas a ignoro a maioria dos dias. Não a surrei outra vez e isso já é um progresso.

Estarmos na faculdade também ajuda. Não a vejo com frequência, graças a Deus.

Eu me arrumo e ajudo minha melhor amiga a se arrumar também. Clarisse é a garota pacata que

eu não sou. Ela é legal e tímida, por isso sempre que vamos a festas ela nunca quer ir. Vai por minha causa, apenas.

— Seu irmão está em casa? — Clarisse pergunta olhando para o corredor enquanto saímos em direção à sala.

Há um ano Luca saiu da prisão e nos mudamos da casa de Alícia para nossa casa no meu bairro antigo. Alícia a reformou inteira e Luca falou que era melhor voltarmos para cá. Não saí da escola porque já estava no meio do ano e Alícia falou que poderia muito bem pagar pelos meus estudos. Meu irmão não gostou muito, mas quando eu pedi ele cedeu. Agora, na faculdade, os dois pagam por ela.

— Eles saíram para um jantar com Filipe — murmuro e saio de casa, entrando no carro de Clarissa.

Luca não pensa em me deixar dirigir um carro. Isso foi o que ouvi dele quando Alícia estava falando em dividir seu carro comigo. Eu também não quero um. Na verdade, idade para possuir um eu tenho, mas eu não preciso de um.

Quando chegamos à casa de Ellen, vejo vários carros espalhados pelo jardim. Sei que são dos ex-alunos de San Francisco, escola onde estudei no ensino médio. A porta é aberta e eu quase caio quando um dos idiotas passa por mim, empurrando meu ombro.

— É por essas e outras...

— Que você odeia festas — eu gargalho, terminando de falar por ela.

— Isso mesmo. — Clarisse me puxa para o canto da sala onde tem alguns meninos em círculo. Eu me afasto, não querendo que eles comecem a conversar conosco. Principalmente por Clarisse.

— Não acredito — minha amiga fala assim que saímos para a área da piscina. Elevo minha cabeça e procuro pelo que Clarisse viu.

Assim que vejo os cabelos mais claros e os olhos mais escuros que um dia já vi minha barriga dá um nó. Minha boca se abre e eu engulo em seco.

Vinícius.

— Você sabia que ele voltou? — As palavras sussurradas de Clarisse me mantêm presas

a ele. Vinícius está maior em altura, músculos e cabelo. Seus cabelos estão longos, quase chegando aos ombros.

— Não. — Balanço a cabeça e mesmo que eu não queira um sorriso ansioso nasce em meus lábios. — Eu vou matá-lo. Como ele volta de onde diabos esteve e não me avisa? — digo franzindo o cenho enquanto ando a passos rápidos até ele. Vini sumiu depois que nos despedimos no jardim da escola, foi para as férias com a família e ninguém nunca mais soube dele. Eu esperei por ele, mesmo sem saber se ele voltaria algum dia.

Antes que eu chegue à sua frente, seus olhos se elevam e ele me vê. Meus passos cessam quando um frio se alastra pelo meu corpo. Nunca, nenhuma vez ele olhou assim; frio e indiferente.

Não parece o meu namorado. Minha garganta dói e eu me pergunto se eu ainda sou sua namorada... quero dizer, passaram-se anos. Acho que o nosso relacionamento acabou, não? Estou confusa.

Quando eu volto a caminhar em sua direção, espero que ele se erga para me abraçar ou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas me cumprimentar, mas não. Vinícius segue sentado. O rosto impassível, como se eu não fosse ninguém.

— Vini. — Engulo em seco vendo seus olhos me medirem.

— Olha ela. Você não entendeu um convite feito sem qualquer vontade? — a voz de Ellen chega a mim e eu a vejo se plantar entre mim e Vinícius.

— Eu... — Minhas palavras se perdem quando ela se senta no colo dele, ficando de costas para mim.

A cena se desenvolve em câmera lenta diante dos meus olhos; as mãos dele deslizam pelas coxas dela. Ele esconde seu rosto em seu pescoço e a cheira lá. Eu quero vomitar diante disso.

— Vinícius — chamo, engolindo o caroço que se forma em minha garganta. Quero chorar, e esse sentimento estúpido faz brotar em mim uma raiva tão grande.

Por que Vini está fazendo isso? Ele sumiu das redes sociais dias depois de viajar. Tentei fazer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

contato, mas falhei miseravelmente. Ele nunca respondeu meus e-mails ou mensagens WhatsApp. Passei noites chorando e me perguntando o que aconteceu.

— Saia! — Eu sequer escuto a voz de Ellen. Minha atenção está nele, em seu olhar completamente sério. Seus olhos estavam concentrados nela, mas logo vêm para mim.

— Valentina, a dona da casa te mandou ir. — Vinícius acena para fora da casa e eu engulo em seco. Sua voz rouca ainda envia choques por meu corpo, mas dessa vez é diferente. Sua fala me dá medo.

— O que aconteceu? O que está falando... Onde esteve?

— Tontina, saia da minha casa agora. Seu inferno começou. — Ellen se põe de pé e eu, de um jeito doido, me sinto aliviada. *Ela não está em seu colo.*

— Vinícius, eu quero conversar... — Paro de falar quando sinto um líquido frio descer por meu vestido.

PERIGOSAS ACHERON

Encaro Ellen, que sorri com uma lata de cerveja na mão. Meu vestido está completamente encharcado. O pano branco está transparente e eu engulo a raiva que brota em meu corpo. Não vou bater nela, eu não posso. Jesus, meu irmão me mataria se soubesse que andei brigando em festas.

Por isso escuto minha amiga quando ela me puxa e pede para irmos. Eu me viro e começo a me afastar deles. Porém, quando a onda de riso começa, eu me viro para saber o que aconteceu.

Se antes eu queria vomitar, agora eu não sei o que está acontecendo.

Vinícius a está beijando. Segurando Ellen pela bunda enquanto ela o rodeia com suas pernas. Meus olhos piscam com umidade. Ele não fez isso. Ele não pode ter feito isso.

— O que aconteceu com o Vinícius? Ele está completamente diferente, ele, ele, ele acabou de te trair na sua frente, Valentina! — Clarisse parece a ponto de explodir.

— Não estamos juntos. Meu Deus...

— Você esperou por ele. Valentina, você

passou meses a fio esperando por esse idiota, e olha o que ele fez ao chegar aqui? — Ela balança a cabeça completamente chocada, e eu levo minha mão aos meus lábios quando o primeiro soluço irrompe de mim.

— Por favor, me leva embora — peço, limpando meu rosto.

Clarisse acena, se calando, e eu fecho meus olhos, não querendo pensar em Vinícius, mas a cena do beijo deles passa em meus olhos.

O que eu te fiz, Vinícius? O que te levou a me odiar a esse ponto?

Desgrudo meu vestido com cheiro de cerveja e o solto novamente, com nojo dessa porcaria. Ellen, você vai ver com quem mexeu. Se o meu inferno está começando, o seu eu ainda estou preparando.



Na manhã seguinte, eu desço para o café com Lipe ao meu lado. Ele arruma sua mochila e a coloca no sofá, ao lado das minhas coisas.

— Bom dia. — Beijo a bochecha do meu

irmão mais velho e ele me encara em silêncio enquanto eu dou a volta na mesa e me sento.

— Bom dia, querida. — Alícia sorri enquanto corta um pedaço de bolo para Lipe.

Arthur e Leo estão no carrinho e os dois estão dormindo. Os gêmeos têm alguns meses de vida e são o centro da casa. Beijo as mãozinhas dos dois e meu irmão sorri apaixonado.

— Vou deixar vocês hoje. — Eu ergo a cabeça rapidamente quando Luca fala isso. Felipe sorri acenando e eu engulo em seco.

— Por quê? — questiono de forma rápida. Lili olha para mim, franzindo o cenho, e Luca ri na cadeira.

— Oras! Porque eu quero. A oficina já tem gente demais, não vão sentir falta de mim por algumas horas. — Ele dá de ombros e eu aceno, sorrindo.

Vejo Lili baixar seus ombros e seu olhar ficar ferido. Balanço a cabeça, negando que estou com vergonha do Luca, pois sei que é o que ela deve estar pensando. Eu só não quero que aquelas

cobras vejam meu irmão e façam algo na sua frente. Eu mataria algum deles se fizessem Luca se sentir mal.

— Ótimo! Eu estou indo para a Galeria mais cedo, pois hoje tem exposição. Vejo vocês lá mais tarde. — Lili beija nossas bochechas e Luca a leva até seu carro junto com os gêmeos. Ela ainda não confia na babá para ficar em casa sozinha com os meninos. Então montou um quarto enorme no prédio para a babá cuidar deles lá, por enquanto.

Gabby e Lorena agradecem. Logo Laís, filha de Theo com Lorena, vai chegar. Falei para Alícia que a Galeria vai se tornar uma creche. Thomas (filho de Theo), Luca, Nico (filhos de Gabby e Kieran), Arthur e Leo já ficam lá mais vezes que o normal. Laís vai ser uma rainha entre tantos garotos.

Terminamos de comer e logo saímos de casa. Luca deixa primeiro Lipe e depois seguimos para a minha faculdade. Escolhi estudar Direito enquanto Ben e Clarice resolveram ir para Administração.

— Está tudo bem? — Luca segura o

PERIGOSAS NACIONAIS

volante, relaxado, olhando para frente. Ele estaciona, mas ainda assim seu olhar é na frente.

— Claro...

— Você está nervosa. Eu estou vendo. — Meu irmão me encara pela primeira vez em alguns minutos, e eu suspiro.

— Vinícius voltou. — Eu pisco olhando para a frente. Não quero chorar na frente do homem que mais amo no mundo por um idiota.

Falei para meu irmão sobre ele uma noite em que eu não conseguia parar de chorar por causa dos e-mails sem respostas que se acumulavam. Luca entrou em meu quarto e implorou que eu confiasse nele.

— Você me contou sobre ele um tempo atrás. Vocês conversaram? — Luca relaxa no banco e eu balanço a cabeça, negando.

— Não temos mais o que conversar. Acabou. — Eu dou de ombros e limpo meus olhos, que já estavam úmidos.

— Sim, talvez, mas eu vejo mágoa nos seus olhos. Não guarde isso para si. Converse com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele segura meu queixo entre seus dedos e eu pulo em seus braços, o abraçando forte. — Eu te amo, minha menina. Se cuide. — Meu irmão beija minha testa e eu me afasto.

— Também te amo.

Eu saio do carro e sorrio ao ver Clarisse e Benjamin me esperando no portão. Ben se tornou um amigo mais próximo nesse tempo, eu o amo. Clarisse é minha melhor amiga, nunca encontrarei uma mais amável e disposta a me ajudar sempre.

— Ei! — Eu sorrio e me jogo nos braços de Ben. Ele viajou para o Nordeste nas férias e não nos vimos. — Como foram as férias? — questiono quando ele me solta e enlaço o braço de Clarisse enquanto entramos no campus.

— Ótimas. Só faltou vocês. — Ele pisca, sorrindo, e se coloca no meio de nós duas para colocar seus braços sobre nossos ombros.

— Imagino que sim — Clarisse resmunga, olhando para os lados. Eu acompanho seu olhar e perco o sorriso ao ver Vinícius escorado em uma pilastra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ora, ora, quem está vivo sempre aparece, não é mesmo? — Benjamin grita chamando sua atenção, porém Vinícius já o encarava sem expressão.

— Eu preciso ir. Tenho que pegar um livro na biblioteca — murmuro rapidamente e saio quase correndo para o caminho do meu refúgio.

Ainda faltam vinte minutos para minha aula começar, então eu deslizo pela parede, no fundo da sala cheia de livros, e respiro fundo tentando me acalmar. *É assim que vai ser agora, Tina. Se acostume!*

Balanço a cabeça e me ergo, me achando uma idiota. Vou fugir do Vinícius toda vez que o vir? Não me surpreendo ao saber que ele está estudando aqui. É a porra da melhor universidade do estado. É lógico que o mimado seria colocado aqui.

— Você sempre se escondeu bem. — Pulo assustada e trinco minha mandíbula vendo o próprio na minha frente. — Mas foi fácil te encontrar. — Sua voz tem uma tonalidade diferente. Não sei explicar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez porque você saiba onde ficam meus esconderijos — respondo firme e arrumo minha mochila, já pronta para ir.

— Verdade. — Ele está de pé entre duas estantes repletas de livros.

Vinícius está maior. Seus braços, mais fortes, e seu peito, mais largo. Gostaria que não tivesse se tornado mais bonito que antes. Volto a lhe dar atenção e vejo seus dedos deslizarem pelas lombadas. Devagar ele retira um, segurando-o por alguns segundos, e em seguida o devolve. Sem falar outra palavra ele sai e me deixa sozinha.

Eu dou um passo para ficar onde ele estava e retiro o mesmo livro que ele pegou segundos atrás. Engulo em seco ao ler o título do livro jovem: *Saudade é uma merda*.

Peço o livro emprestado e a bibliotecária me dá um sorriso enquanto assino meu nome. Saio de lá e guardo o livro na mochila para ler quando chegar em casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu vi você na outra noite
Eu nem te reconheci
Achei isso meio estranho
Acho que as pessoas mudam
Mas eu não esperava que você mudasse.”*
YOUNGER | RUEL

— Então, eu quero te chamar para ir ao cinema — Ben murmura quando estamos na lanchonete comendo.

— Claro! Clarisse está louca para ver *A Liga da Justiça*. Qual dia...

— Só nós dois, Val. — Ben segura meu braço e me para, fazendo com que eu fique entre os armários e ele. Eu olho em seus olhos azuis e pisco sem entender.

— Nós dois? — eu sorrio e cruzo os braços. — Se for como amigos, Clarisse pode ir. Nesse caso, eu vou, mas se está pensando em outra coisa... sinto te informar, mas não vai rolar, Ben — eu digo sinceramente e ele aperta os lábios juntos prendendo o riso.

— Você caiu mais uma vez. Eu adoro isso! — ele grita rindo histericamente e eu soco seu estômago devagar. — Não faz isso... — Ele me puxa para seus braços enquanto segura minha cabeça. Eu relaxo contra seu corpo e beijo sua bochecha.

— Não faça isso novamente... — Eu pego sua mão e recomeçamos a andar.

— Foi hilário...

— Vai à merda — eu resmungo e ele me abraça, colocando seu braço sobre meus ombros enquanto caminhamos.

Escolho uma mesa e coloco minha mochila. Ando até o balcão da lanchonete e peço um sanduíche e suco. Benjamin faz o seu pedido também e logo voltamos para nos sentarmos.

Sinto meu celular vibrar e olho, vendo que Alícia falou comigo no WhatsApp.

“Podemos conversar hoje? Vou te buscar.”

Eu engulo sem seco e respondo que sim. Guardo meu celular e volto a comer. Até imagino o que Alícia quer falar. Minha barriga dá um nó e eu perco a fome.

— Vai ter filme novo no cinema na sexta. Vamos? Amigos, e, claro, com a Clarisse — Ben trata de explicar rapidamente, ainda rindo, e eu aceno.

— Claro, eu adoraria. — Eu sorrio quando vejo Clarisse surgir pelas pessoas.

— Cinema sexta, que tal? — Ben questiona

PERIGOSAS NACIONAIS

e ela sorri acenando.

— Preciso pegar algumas cópias. Vejo vocês na sala. — Eu me ergo e beijo meus dois amigos.

— Ei. — Eu sinto um solavanco quando dedos seguram meu braço próximo ao corredor e me viro para ver Vinícius. Sinto meu estômago esfriar.

— Vinícius. — Eu me desvencilho dos seus dedos e dou um passo para trás.

— Está chateada com algo? — Ele arqueia a sobrancelha espessa e eu pisco, sorrindo irônica.

— Não é da sua conta. Está ficando cansativo... — Eu sorrio o desafiando a me responder.

— Desde ontem eu esperei ver um pouco da Tina que eu conheci, agora, aqui está ela. — Vinícius cruza os braços e ri de lado.

— Você não me conhece mais, Vinícius — eu o respondo séria e ele pisca, tirando os cabelos ainda longos dos seus olhos.

— Você e o Ben...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu já falei, minha vida não é da sua maldita conta.

Vinícius me olha por segundos e eu vejo uma dor se espalhar pelos olhos escuros do garoto que eu amei, mesmo ele tendo sumido da minha vida de maneira repentina. Porém, da mesma forma que veio, o olhar se foi.

— Preciso ir. — Eu me viro e saio de perto dele rapidamente.



Quando dá meu horário de ir eu corro para fora da sala e vou para o estacionamento. Ben me encontra com Clarisse ainda com livros fora da mochila.

— Sexta-feira vamos ao cinema. Pego vocês em suas casas. — Ben sorri de lado e eu aceno.

— Hoje ainda é segunda, então você pode desencanar, tá? — Eu rio quando seu rosto se transforma em uma careta.

— A semana vai passar voando — ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resmunga e eu abraço Clarisse e ele antes de ir em direção ao carro de Alícia.

Sento-me no banco e bagunço o cabelo do Lipe ao vê-lo no banco de trás.

— Para, Tina. — Ele afasta minha mão e eu beijo sua cabeça. Mando beijos para os gêmeos e eles sorriem.

— Ei! — Eu abraço Lili e ela sorri saindo do acostamento.

Coloco meu cinto e olho para a frente da faculdade novamente, porém me arrependo ao ver Ellen enroscada em Vinícius. Deus, eu vou vomitar.

Desvio o olhar e me concentro nas minhas unhas até que chegamos em casa. Subo as escadas rapidamente e tranco minha porta. Esfrego meu rosto e suspiro, sentindo meu coração doer.

Sério que eu vou ficar sofrendo por aquele idiota? Não. Eu não vou.

Vinícius fez uma escolha, agora ele terá que lidar com ela.

PERIGOSAS ACHERON



Uma hora mais tarde eu escuto batidas na minha porta. Termino de pentear meus cabelos úmidos do banho e abro a porta, vendo Lili.

— Podemos ir? — Ela acena para baixo e eu aceno, pegando meu celular.

Alícia nos leva para o shopping e mesmo que eu não goste desse lugar, aqui é onde ela sempre usa para ter conversas comigo. Arthur e Leo ficaram em casa com Felipe e a babá.

— Hoje, quando Luca disse que iria te deixar... — Ela mexe o seu milk-shake com o canudo e eu a interrompo.

— Você entendeu errado. Eu não tenho vergonha dele. Ele é a pessoa mais importante da minha vida, Alícia — eu a asseguro e ela suspira, deixando a bebida de lado e me olhando.

— Então o que era?

— O começo na minha escola antiga foi difícil, Alícia. Eu não falei para você nem deixei que alguém lá em casa soubesse, mas foi horrível. Aqueles ricos são um pé no saco. — Eu sorrio

tentando aliviar, mas Lili está de olhos arregalados e claro, assustada.

— O que fizeram?

— Eles falavam de Luca. Me chamavam de pobre e outras coisas. Eu não ligo que me chamem de coisas, Alícia, mas eu não deixo que falem dos meus irmãos. Ninguém...

— Valentina! Como nunca me disse? Eu resolveria...

— Eu resolvi. Dei uma surra na líder deles e eles me deixaram em paz. — Eu suspiro e aperto a mão da minha cunhada. — Hoje eu tive medo que eles falassem algo com o Luca. Só isso. — Eu aceno querendo que ela entenda e vejo seu rosto delicado fazer o mesmo.

— Você bateu na menina mesmo? Como não fui chamada? — Ela morde seu lábio sem entender, e eu sorrio.

— Ela tinha feito coisa pior. Se fosse falar para a diretora ela iria se dar mal.

Alícia fica aérea alguns segundos e depois suspira mudando de assunto. Eu agradeço por isso.



Três noites depois eu escuto algo do lado de fora na minha varanda. Coloco o livro de romance entre um anjo caído e uma humana de lado e puxo minhas pernas contra meu peito enquanto sinto os batimentos do meu coração acelerarem. Será que ele veio até aqui?

Ele sempre gostou de escalar minha janela quando eu morava na casa do pai da Alícia. Será que ele veio até a minha casa? Mas como ele saberia que eu voltei a morar aqui?

Fecho os olhos e espero por mais algum ruído. Quando escuto passos do lado de fora eu me ergo e vou para a porta que dá acesso à varanda do meu quarto.

Meu quarto é o único que fica do lado da rua. Na reforma, eu mesma pedi isso a Alícia. Eu queria que ele tivesse acesso ao meu quarto da casa nova tanto quanto teve na casa do pai da Lili. Já é tarde e todos estão dormindo, então me aproximo mais, puxando a cortina para o lado.

Meu queixo treme quando o vejo. Seus

ombros estão baixos, e seu olhar, no chão. Sua estatura longa e seus braços estão mais fortes do que a maioria dos estudantes me fazem pensar no quão mudado ele está. Suas mãos estão dentro dos bolsos da frente do jeans escuro e apertado. Eu não me permito abrir a porta. Apenas fico paralisada, com as batidas irregulares do meu coração chegando aos meus ouvidos, enquanto continuo vendo Vinícius parado, sendo banhado pelo luar na minha varanda.

Por alguns segundos ele mantém sua atenção no chão, mas logo seus cílios batem e seus olhos escuros como a noite trilham o meu corpo de maneira vagarosa. Eu mordo meu lábio, esperando que ele diga algo, mas ele só permanece parado. Eu não sei como ele conseguiu meu endereço novo nem como subiu na minha varanda.

Eu me sento contra minha cama, que é bem perto da porta, e cruzo minhas pernas, apenas o encarando. Vini não diz nada, e eu muito menos. Afinal, o que eu falaria? Não tenho nada para dizer a ele, porém ele sabe que me deve palavras. Que me deve explicações.

A imagem dele com Ellen hoje no campus cruza minhas lembranças e eu fecho os olhos, querendo esquecer isso. Dessa explicação eu não preciso, ficou claro só de ver suas atitudes, mas eu mereço explicação pelo tempo que ele ficou distante.

Eu o encaro novamente e me surpreendo ao ver que ele também se sentou.

O que estamos fazendo aqui?, questiono a mim mesma. Depois do que ele me fez, o que ele quer vindo aqui? Ele ajudou Ellen a me humilhar naquela festa e hoje, com ela em volta dele, novamente.

Eu não sei quanto tempo passa até que ele se ergue. Eu passei os minutos apenas o olhando, vendo o quão diferente ele está. Tão maior, mais escuro também. Sua áurea parece completamente negra e eu quero saber o que aconteceu para que ficasse assim.

Vini chegou na minha vida de maneira rápida, e eu caí apaixonada sem nem perceber. Hoje eu gostaria de dizer que ele não mexe mais comigo. Porém seria mentira. Mais uma para a

PERIGOSAS ACHERON

conta.

Eu fecho meus olhos e me viro, encarando o meu quarto. Quando eu volto a olhar para a minha varanda, ele não está mais lá. E isso, por mais bobo que seja, faz mais um pedaço do meu coração se quebrar.



*“Esse novo você, esse novo cara
Não conheço ele, e nem quero
Eu queria que eu ainda conhecesse o antigo ele, o
antigo você.”*

RIP | OLIVIA O'BRIEN

Quando vejo Clarisse sendo arrastada por Benjamim em minha direção, eu sorrio. Ela parece que caiu da cama e ele parece bem impaciente. Os dois são vizinhos e Ben dá carona a ela todos os dias.

— Me parece que você não dormiu — eu murmuro ainda mexendo no meu armário. Não estou melhor que ela, na verdade, eu não dormi a noite inteira. As bolsas pretas embaixo dos meus olhos denunciariam se eu não tivesse passado maquiagem, uma das coisas que Alícia me ensinou um dia desses.

— Não mesmo. — Clarisse sorri e suas bochechas ganham um tom mais rosado. Eu arregalo os olhos enquanto Ben olha dela para mim, confuso.

— Mentira! — Eu abro a boca e sorrio para minha amiga.

— Sim! Ele chegou esses dias. Foi tão legal. — Ela suspira feliz e eu a empurro de brincadeira.

— Quem chegou? Do que diabos estão falando? — Benjamim parece chateado e eu
PERIGOSAS ACHERON

suspiro, me virando para explicar.

— Luan chegou, o cara que Clarisse conheceu por um aplicativo de namoro, e eles estão namorando há algumas semanas — eu digo, e Ben se vira completamente chocado para nossa amiga.

— Que diabos? Você enlouqueceu? Isso é perigoso, Clarisse! — Eu e Clarisse damos um passo para trás com a sua explosão.

— Eu sei que é, Ben, mas eu tive cuidado. Meus pais sabem de tudo e eles conheceram o Luan ontem. Não precisa ficar...

— Seus pais? Eles estavam sóbrios pelo menos? — Benjamin parece a ponto de explodir. Seu rosto está vermelho e suas mãos estão em punhos.

Clarisse desliza a mão pela alça da mochila diversas vezes e eu sei que ela está a ponto de chorar. Benjamim e eu sabemos que os pais dela não são os melhores, na verdade, eles são negligentes. Não ligam muito para Clarisse, apenas pagam suas despesas.

— Ben... — Eu seguro seu braço e ele

pisca, suavizando o olhar. — Está tudo bem. Se está preocupado com ela, podemos marcar algo com o Luan, não é, amiga? — Eu me viro para Clarisse e ela acena, apertando seu nariz devagar.

— Eu vou ao banheiro. Volto já. — Ela corre na direção oposta e eu bufo olhando para Benjamin.

— Eu só estou preocupado — ele murmura antes que eu fale algo e sai na direção que ela foi.

Eu esfrego meu rosto indo para minha sala de aula. Sinto em minhas mãos um suave tremor quando chego à sala vazia. Ainda é cedo, mas com a explosão do Ben eu decidi vir logo.

Assim que me sento a porta da sala abre e eu elevo meus olhos, vendo Vini de pé com uma mochila no ombro. Seus passos são precisos e eu me ajeito na cadeira, focando minha atenção no meu caderno. Não sei o que fazer, então começo a passar a limpo a atividade de ontem.

Ele se senta devagar atrás de mim e eu engulo em seco, tremendo.

— Desculpe por ontem — é apenas um

murmúrio da sua voz rouca.

Eu tento pensar em alguma resposta, mas quando ela vem eu sinto sua mão contra meu ombro. É apenas um toque e logo ele se afasta, pois, vários alunos entram na sala. Ele se ergue e vai para sua própria aula.

Eu passo o resto do tempo aérea. Não sei o que fazer com o que sinto sobre Vini ter ido à minha casa ontem. Foi intenso, assustador. O que ele quer? Enlouquecer-me, é isso?



— Não esqueça, hoje às sete. Pego você na sua casa. — Ben se afasta e eu aceno, vendo-o sair da biblioteca com Clarisse. Estávamos batendo papo enquanto não dava a hora de quem me busca chegar.

Eu me apresso com medo do Theo já estar me esperando. De vez em quando ele vem me buscar para sairmos juntos. Eu adoro passar um tempo com ele.

Eu me assusto quando sinto um puxão em meu braço. Vinícius me prende entre as prateleiras

PERIGOSAS NACIONAIS

e eu ofego ao ver seu olhar furioso.

— Vocês estão juntos, Valentina?

Eu demoro para perceber do que diabos ele está falando, mas quando o faço eu caio na risada. Elevo minha sobrancelha, tapando minha boca por causa das gargalhadas.

— Tá de sacanagem com a minha cara, Vinícius? — eu questiono, debochando dele.

— Só fiz uma pergunta...

— Que não te interessa. Noites atrás você estava atracado com a Ellen e quer vir me questionar? Se toca. — Empurro seu peito, mas ele nem se mexe. — Saia do meu caminho agora — sibilo furiosa e sua mandíbula aperta.

— Eu não acredito, porra! É isso mesmo? Enfim ele conseguiu, não é? Ele sempre gostou de você...

— Incrível! — Reviro os olhos, suspirando. — Pelo menos alguém gostava de mim, né? Estou avisando, se afaste e me deixe ir...

— Eu te... porra! — Ele cai de joelhos assim que o meu chute acerta suas bolas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foda-se! — xingo e saio correndo para fora da biblioteca.

Theo está no estacionamento assim que eu saio. Entro no carro e solto um gemido ao sentir o meu joelho dolorido.

— O que foi? — ele é direto. O melhor amigo do meu irmão beija minha cabeça, me cumprimentando, e suspiro.

— Não sabia que chutar um garoto nos ovos doía tanto — eu resmungo e ele se vira para mim completamente branco.

— O que, caralho? O que ele fez? Desça, quero saber quem foi. — Ele abre as portas e eu o seguro no lugar.

— Deixe de ser dramático. Não foi nada, ele apenas é meu ex.

— Vinícius? — Theo o conheceu anos atrás. A foto da sua noiva aparece em seu celular e ele sorri, atendendo-a. — Só um momento, baby.

— Sim, ele voltou e está um verdadeiro idiota — respondo, mesmo sabendo que talvez Lorena esteja escutando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, ele mereceu? — Ele coça sua barba e eu aceno, chateada. — Tudo bem, então.

— Sim, tudo ótimo — resmungo, massageando minha perna.

— Nem tudo, sua boca suja está um horror! Pare com isso e não fique dizendo a palavra com o na frente dos homens...

— Ovos?

— Porra, Tina. Pare já! — Eu gargalho de sua careta e me mantenho calada até chegar em casa.

À noite Luca está andando pelo meu quarto como se eu estivesse a caminho da forca. Eu suspiro, terminando de escovar meu cabelo.

— Eu só vou ao cinema com meus amigos, Luca — resmungo chateada. — Você não confia em mim?

— É claro que confio. Mas você é minha irmã, eu tenho direito de estar nervoso. — Ele para de andar, cruzando os braços. Ele chegou do trabalho momentos atrás, estava indo para o banho quando o gritei, dizendo que iria ao cinema.

PERIGOSAS ACHERON

Ele está aqui desde esse momento.

— Eu já tenho 18 anos, estou na faculdade. É isso e muito mais que os jovens como eu fazem nas sextas-feiras — contraponho, e ele se senta suspirando. Alícia ainda não chegou e eu estou rezando para que chegue logo, pois somente ela consegue domá-lo.

— Tudo bem... com que você vai mesmo? Eu posso ir te deixar e buscar? — Quero revirar meus olhos, mas escuto Alícia gritar lá embaixo, avisando que chegou, e meu irmão se ergue, indo receber sua mulher e os filhos.

Ben manda mensagem dizendo que já pegou Clarisse e que estão vindo. Eu pego meu celular e a bolsa carteira que Alícia me deu. Olho-me no espelho e faço careta para o vestido rosa rodado. É tão sem graça, mas Alícia que me deu, e eu não farei desfeita com ela.

Desço e depois de Alícia sorrir e segurar meu irmão no lugar, eu saio com meus amigos. Clarisse mexe no celular o caminho inteiro, e eu olho para ela sorrindo.

— Luan? — questiono elevando a
PERIGOSAS ACHERON

sobancelha e ela acena com as bochechas vermelhas.

— Ela veio o caminho inteiro nessa porcaria de celular — Ben resmunga e eu franzo o cenho para ele. Clarisse revira os olhos e continua falando com o namorado.

Benjamin está tão carrancudo. Pelo amor de Deus.

Compro pipoca e refrigerante com eles e logo entramos para o filme. Clarisse fica entre mim e Ben enquanto come pipoca com as mãos cheias. Ela e Benjamin são doidos por isso. Eu sorrio vendo os dois brigarem pelo balde grande.

O filme termina e eu os sigo para uma mesa na praça de alimentação do shopping. Benjamin pede hambúrgueres para nós e refrigerante novamente. Eu como enquanto Ben explica que seu jogo contra um outro campus será no domingo.

Clarisse e eu logo dizemos que estaremos lá para apoiá-lo.

— Ben! — Eu me viro ouvindo alguém gritar e vejo um garoto se aproximar. — E aí, cara?

PERIGOSAS NACIONAIS

Como tá?

— Ei, Jefin! Estou bem. Vai para onde nessa pressa? — Ben se levanta sorrindo e abraça o menino.

— Festinha, cara. Bora? Leva suas amigas — o tal Jefin fala e Ben se vira para nós.

— Essas são Clarisse e Valentina. Meninas, esse é um amigo meu, Jefferson. — Eu sorrio para o cara e Clarisse também.

— Então, topam ir? É perto — Jefferson fala sorrindo e Clarisse olha para Ben, que acena.

— Se não quiserem ir, tudo bem, eu mando o motorista deixar vocês em casa.

— Você vai? — eu pergunto, e Clarisse acena, questionando também.

— Vou. Meus pais não estão em casa até mais tarde, e fora que, porra, faz tempo que não vejo esse cara aqui. — Ele bagunça o cabelo do amigo e eu engulo em seco, acenando.

— Vamos também, então. Porém, voltamos logo, tá? Antes de meia-noite eu tenho que estar em casa...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também — Clarisse afirma e eu sorrio, saindo do shopping com eles.

Vai ser bom me divertir um pouco. Que mal tem de ir em uma festa? São apenas pessoas e eu sou uma, não é?



*“Todos os garotos bons vão para o céu
Mas os garotos maus trazem o céu até você
É automático. É simplesmente o que eles fazem.”*

HEAVEN | JULIA MICHAELS

Sabe quando você sente que uma coisa vai dar merda? É isso que sinto quando deslizam uma latinha de cerveja na minha mão. Eu pulo e a devolvo para o tal amigo do Ben.

— Eu não bebo — resmungo e ele eleva as mãos num gesto de rendição. Benjamin segura meu braço e me puxa para mais perto dele.

— Ninguém aqui bebe — Benjamin afirma completamente sério. Clarisse olha para os lados completamente chocada e eu não a culpo.

Vejo meninas dançando em cima do paredão de som e faço careta. Jesus Cristo. Vejo mais garotas que parecem ter a idade bem próxima da nossa fumando e bebendo cerveja como se fosse água. Eu minto quando digo que não bebo. É obvio que de vez em quando eu chuto o balde, mas aqui, de maneira nenhuma.

Sinto um calafrio pelo meu corpo ao sentir o vento contra minha pele e me viro na direção dos paredões de som, vendo um rapaz. Seus braços musculosos estão cruzados e um boné cobre metade do seu rosto. A camiseta sem mangas é preta e os jeans estão baixos, mostrando uma linha da sua

cueca. Volto minha atenção para cima e me surpreendo ao ver um sorriso em seus lábios. Não vejo seus olhos para ter certeza, mas eu sinto que seu sorriso era destinado a mim. Porém era um sorriso de ironia.

— Ben, acho melhor irmos — Clarisse interrompe meu devaneio, gaguejando, e eu aceno concordando. Se Luca me visse aqui, com certeza amanhã eu não estaria viva para falar.

— Sim, eu também acho — murmuro e Benjamin diz que já vamos. Clarisse atende uma ligação e eu sei que é Luan quando ela o chama de amor.

— Você quer ir por causa do seu namorado? — Benjamin se vira para ela arqueando a sobrancelha. — Que merda, Clarisse. — Minha amiga se vira para Ben e guarda o celular. — Não vamos agora. Fiquem quietas aqui — ele resmunga irritado e eu semicerro meus olhos.

Tenho vontade de gritar, dizendo que vou agora, mas lembro que vim com o motorista dele e que o Ben o mandou ir, porque quando fôssemos embora ele ligaria. Penso em uma alternativa e

mordo meu lábio ao perceber que não tenho. Se eu chegar de táxi em casa, Luca vai me bombardear de perguntas, e se eu o ligar... nem quero pensar na sua reação ao ver isso aqui.

Eu me viro procurando o menino que me olhava, mas não o encontro mais. Digo a mim mesma que estou o procurando para saber quem ele é e por que sorriu daquele jeito para mim.

— Eu vou para casa, Ben. Não é pelo Luan, é porque aqui é perigoso. Olhe ao seu redor! — Clarisse levanta a voz, mas por causa da música somente nós três escutamos.

Benjamin não nos dá atenção, pelo contrário ele vai até o amigo e pega a cerveja que ele estava me oferecendo. Porra.

— Clarisse, o que tem de errado com ele? Está irritado o tempo todo... — Eu paro de falar quando percebo algo. — Porém, é só quando tocamos no nome do Luan. Ele... porra, Ben está com ciúmes, amiga. — Eu sorrio, vendo-a ficar em choque.

— Você está louca! Ele sempre foi apaixonado por você, Valentina. Pare com isso. —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela faz careta e eu balanço a cabeça.

— Essa é a única explicação.

— Loucura não precisa de explicação.

Precisamos ir. Esse lugar cheira a problema, e dos grandes. — Eu concordo com ela, mas como iremos?

— Eu sei, mas não podemos sair daqui sem ninguém, e pior, chamar nossos responsáveis. — Eu solto um gemido de desagrado e Clarisse também.

— Eu vou ficar uma semana completa sem falar com ele. Eu juro, Valentina!

Até eu quero fazer isso.

Eu não sei quanto tempo se passa enquanto ficamos as duas paradas e de braços cruzados, à espera do idiota do Ben. A vontade de fazer xixi vem e eu aviso a Clarisse, mas ela diz que vai ficar de olho em Benjamim. Eu a deixo parada e vou em direção ao banheiro químico.

A fila está grande, mas permaneço parada, esperando. Meu cabelo arrepia e eu me viro para ver se tem alguém me espiando, mas não há

PERIGOSAS ACHERON

ninguém. Vou ao banheiro e quando saio ando em direção ao lugar onde deixei Clarisse, paro quando vejo o mesmo garoto de antes.

Ele está encostado em um carro preto e seus braços estão cruzados. O boné ainda esconde seu rosto, mas ele o eleva para que eu o veja. Seus olhos são verdes como os meus e sua pele é cor de jambo, diferente da minha, branca. Um suspiro sai por meus lábios enquanto sinto meu corpo tremer. Percebo que parei de andar e engulo em seco, saindo do meu estupor.

— Você é nova aqui. — O garoto se põe na minha frente quando eu avanço e dou um passo para trás instintivamente.

— Sai da minha frente. — Minha voz sai firme e eu agradeço por isso.

— E se eu não quiser? — sua cabeça inclina e ele dá mais um passo em minha direção.

— Eu vou socar a sua cara — sibilo devagar e me aproximo também, elevando minha cabeça para encarar seus olhos.

— Nossa... — Ele sorri e leva a mão ao

rosto. Minha barriga gela quando o sorriso dele alcança seus olhos. Confesso, ele é lindo. Não mais que Vinícius, mas é. — Qual o seu nome?

— Você não quer saber de verdade e eu tampouco quero saber o seu, então sai da minha frente...

— Eu descubro. Nada aqui passa despercebido por mim. Esse é meu lugar... — Ele enrola um cacho do meu cabelo em seu dedo e o leva até o nariz. — Docinho.

Puxo meu cabelo do seu dedo e dou passos para trás até conseguir sair do seu domínio. Ando rápido na direção de Clarisse e suspiro quando chego ao seu lado. Procuro Benjamim e me surpreendo quando uma menina o puxa e os dois se beijam como se estivessem prestes a transar aqui mesmo. Clarisse desvia o olhar e eu aperto meus punhos. O que diabos está acontecendo com eles?

Eu decido ir até Ben, porém, em algum momento depois do beijo, eu agradeço por vê-lo vindo na nossa direção. Clarisse vira as costas e fica parada sem olhar para nós.

— Que coisa mais estúpida, Benjamin!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quem diabos era aquela menina? Você pode ter pegado herpes, seu idiota do caralho! — eu grito na sua cara e ele apenas segura meu braço e o da Clarisse, nos puxando para fora do lugar.

— Chamei o motorista, ele vai deixar vocês em casa — Ben fala sorrindo como um bêbado, e Clarisse se vira com o olhar chocado.

— Você está louco? Não vai ficar aqui, Benjamim! — ela grita descontrolada e eu aceno, lhe dando total razão. — Vamos para casa ou eu vou contar aos seus pais onde estamos — ela ameaça, pegando o celular, e ele trinca a mandíbula.

— Você tá empatando minha foda, Clarisse! Por que não liga para o Luan? — Eu reviro meus olhos para a briga idiota dos dois e puxo Clarisse para a saída.

— Estou empatando? Você quer transar com essa...

— Sim! — ele grita e eu faço careta. Meu Deus, o que tem de errado com esse povo?

— Eu vou vomitar. — Ela cobre sua boca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com a mão e eu a puxo para meus braços. Clarisse se curva e vomita todo o lanche que comemos no cinema.

— Ben, por favor, vamos lá — suavizo minha voz e ele fecha os olhos e acena, nos levando para o carro.

— Quem é você? O que fez com o meu amigo? — Clarisse sussurra no carro e eu olho pela janela, deixando-os conversar.

Eu não sei o que está acontecendo, mas algo aconteceu. Eu tenho certeza.

— Não vou responder isso agora. Quando chegarmos em casa, você vai ter sua resposta. — Eu continuo boiando. Ben parece a ponto de explodir e compartilho o sentimento, por isso quando o carro estaciona na minha casa, eu pulo querendo correr para longe deles.

Prevejo um milhão de brigas daqui até a casa dos dois.

Luca está na sala me esperando, e eu troco apenas algumas palavras com ele sobre o cinema e o lanche no shopping, claro, omitindo a festa, e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corro para meu quarto. Tranco a porta e respiro fundo, cansada.

— Onde estava?

Eu grito, porém o som não sai, pois sinto mãos taparem minha boca num segundo.

— Puta que pariu! Saia do meu quarto agora, Vinícius! — Eu quero gritar, mas temo que Luca venha até aqui se ouvir algo, então apenas empurro-o para longe de mim.

— Se acalma — Vini pede tranquilo, e eu balanço a cabeça, contrariada.

— O que deu em você? Como entrou aqui?

— A porta estava aberta. — Ele aponta para minha varanda e eu engulo em seco.

— Não pode vir aqui, não mesmo. — Eu caminho para longe dele e ele se senta na minha cama enquanto eu vou para o closet. — Você se faz de idiota para melhor passar, mas eu estou te dizendo, não venha mais aqui. Assim que eu sair daqui não quero te ver! — grito enquanto tiro o vestido e coloco meu pijama de flanela.

Eu saio e o vejo ainda sentado, olhando para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as mãos.

— Vinícius! — eu rosno, mas ele ainda fica olhando para as mãos. — Estou falando sério — continuo, mas mesmo assim ele não me dá atenção. Balanço seu ombro e ele me fita. — Você ouviu?

— Desculpe, o que foi?

— Eu quero que vá embora e que não volte aqui. — Eu engulo em seco e sinto minha barriga esfriar. — É difícil, e você vindo aqui não ajuda. Então fica na tua — eu peço, pois não quero ter que vê-lo no meu quarto de novo.

— O que é difícil, Tina? — Ele se levanta e dá um passo, me segurando pela cintura. Seu peito sobe e desce contra o meu e eu fecho meus olhos, balançando a cabeça.

— Você sabe o quê. Não finja...

— Eu te magoei, mas é algo que não estava nas minhas mãos...

— Me magoou? Vinícius, você me quebrou. Eu te amava e você só sumiu. Um dia estava comigo, respondendo meus e-mails e mensagens. No outro, você não existia...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tina, eu sinto muito. De verdade. — Ele encosta sua testa na minha e eu soluço, me afastando rapidamente. Meus olhos se enchem de lágrimas e eu me viro para não ter que vê-lo.

— Por favor, vai embora — peço me acalmando. Segundos passam e eu me viro, vendo-o no mesmo lugar. — Vai, por favor. — Eu limpo meu rosto e ele faz uma careta.

— Não chore — Vini implora e eu suspiro, indo para a porta.

— Não venha mais aqui, Vini. Prometa, por favor — eu peço desesperada. Não dá. Eu não o esqueci, o que eu deveria ter feito há tempos, e com ele ao meu redor, eu não vou esquecê-lo.

— Eu prometo. — Ele desvia os olhos de mim e dá um passo para fora indo para a varanda. — Mas não pelas estrelas, Tina. Porque nós sabemos que eu vou voltar e que o que acabei de falar é uma promessa vazia. — Suas palavras ficam no ar enquanto ele desce a varanda e pula.

Fecho minha porta quando escuto um barulho de carro e o vejo partir.

PERIGOSAS ACHERON



— Não vou nem perguntar se dormiu. —
Alícia ri quando eu desço de pijama e coque na
cabeça.

— Dormi pouco.

— Eu ouvi ontem... — ela sussurra
passando manteiga no pão e o levando para a boca.

— Hum... — Engulo em seco e sorrio,
tentando disfarçar. — Ouviu o quê?

— Vinícius estava aí. Eu sempre ouvi,
desde que se conheceram e ele veio a primeira vez.
— Lili sorri e segura minha mão. — Já tive a sua
idade, Tina. Claro, eu não me apaixonei tão cedo.
Eu estava esperando seu irmão. Porém eu entendo
que vocês precisavam daqueles momentos. Sempre
tive vontade de conversar com você, mas você era
muito nova, então estou guardando a conversa para
agora...

— Eu sei tudo sobre sexo...

— Tudo?

— O importante. — Suspiro e sinto minhas
bochechas corarem. — Onde estão Luca e Lipe?

— Foram jogar futebol.

— Então, eu sei que existem doenças, gravidez e que tem que usar camisinha. Eu sei, então não faça a gente se constranger mais do que o necessário — eu falo rapidamente e Alícia abre e fecha a boca repetidamente.

— Hum... ok.

Um minuto se passa enquanto comemos em silêncio, mas logo Lili começa a falar.

— Você ainda gosta dele?

— Sinceramente? — Elevo a sobrancelha e minha cunhada sorri, acenando. — Eu o amo, mas...

— Mas?

— Eu não confio nele. Ele sumiu sem dizer nada, você sabe disso. — Mordo meu lábio e aperto minhas mãos em punhos.

— Talvez tenha uma explicação. Você sabe, ele veio até aqui, ele quer conversar, não?

— Não sei, mas não lhe darei oportunidade. Foram três anos, Alícia. É muito tempo e eu tenho certeza que ele poderia tirar um minuto dessas

26280 horas.

— Eita. Como sabe que três anos têm esse tanto de horas?

— Eu decoro coisas na internet e essa é uma delas. — Eu dou de ombros e ela sorri, acenando.

Passo o sábado de molho no quarto fazendo trabalhos e organizando minhas roupas. Cuido dos meninos enquanto Lili faz o almoço e passo a tarde brincando com Felipe quando Luca chega e pega os filhos.

No domingo de manhã eu atendo uma ligação da Clarisse e suspiro preocupada quando ela diz que está passando mal. Peço Lili para me levar até ela e me assusto quando entro em sua casa e a encontro no banheiro, completamente pálida.

— O que está acontecendo? — questiono a ajudando ir para a cama.

— Eu não sei. Estou enjoada há alguns dias, mas nada como hoje. — Sua voz é fraca e eu me viro quando escuto uma porta bater.

— O que está acontecendo? — O pai de Clarisse entra no quarto e Lili lhe explica que a

filha dele estava passando mal e ligou. — Ah, só isso? Pensei que era alguma coisa na casa. Logo ela melhora. Pedirei à mãe dela para medicá-la...

— Se não se importar, gostaria de levá-la a um médico. Será rápido e o senhor nem precisar ir. — Alícia tenta soar educada, mas ela odeia os pais de Clarisse tanto quanto eu.

— Se insistem. — Ele dá de ombros e sai do quarto.



*“Me perguntam como estou indo, eu digo: Estou
bem*

Sim, mas não é isso que todos nós dizemos?”

IF YOU WANT LOVE | NF

Ajudo Clarisse a se vestir e ligo para Benjamim avisando que estou aqui e que Clarisse está mal.

— O que você tem? — ele questiona, entrando pela janela vestindo apenas um short fino e uma camiseta. Eu suspiro, deixando minha amiga sentada.

— Não é nada. — Ela se afasta do toque dele e se levanta, vindo devagar. — A garota que estava ontem deve estar te esperando, a Tina vai me levar ao médico, depois a gente conversa. — Ela sorri e eu a ajudo a ir para o carro.

Ben corre em casa e quando volta está com a carteira e de calça jeans, com a mesma camiseta de antes.

— Eu vou com você — ele afirma entrando no carro ao lado dela enquanto Lili vai para o banco do motorista, e eu, para o do passageiro.

Não demora muito até que estamos no hospital e entramos na sala de consulta. Uma mulher morena está sorrindo para nós enquanto pergunta a Clarisse o que ela está sentindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Enjoos e tonturas — ela murmura olhando para as mãos, e eu aperto seus dedos.

— Entendo, eu gostaria que ficasse na sala apenas uma pessoa com ela — a médica informa, rabiscando o prontuário, e Clarisse ergue os olhos.

— Tina fica. — Sua fala é forte mesmo com o seu rosto parecendo fraco.

— Não sairei. — Ben cruza os braços enquanto Alícia sai da sala.

— Ben...

— Não, Tina, eu não vou sair daqui — ele me interrompe e a médica nos silencia, mandando-nos ficar quietos e nos sentar.

— Sua menstruação está em dia? Você sente cólicas?

— Ela é desregulada, nada de mais. Às vezes sinto cólica...

— Esses dias você sentiu? — A médica olha atentamente para Clarisse e ela acena. — Clarisse, preciso que troque de roupa e vá para o quarto ao lado. Estarei lá em um minuto junto com seus amigos.

PERIGOSAS ACHERON

Minha amiga faz o que foi pedido e logo estamos na sala com ela. Meus olhos se arregalam quando eu a vejo deitada em uma maca com os olhos esbugalhados.

— Eu estou fazendo uma ultrassonografia em você, pois o exame é o mais seguro para afirmar uma possível gravidez.

— O quê?!

Eu pisco olhando da médica para Clarisse enquanto a vejo começar a negar. O que está acontecendo?

— Deve ser algum engano — murmura com a voz trêmula e tentando se sentar na cama.

— É apenas um exame. Só para dar-nos certeza.

Eu não consigo me mexer, olho para Benjamin e ele parece tão assustado quanto eu. Eu nem mesmo sabia que ela já tinha transado. Como assim, grávida?

— Não pode ser... — Clarisse fala olhando assustada para Ben.

A médica começa o exame e eu soluço

quando ela diz que minha melhor amiga está grávida de sete semanas.

— Esse é o coração dele. — A médica aperta um dos botões e um batimento forte ecoa na sala. Olho para Clarisse e a vejo chorando, inconsolável. — É, eu sei que não esperava por isso, mas você está grávida. — A voz da médica soa triste e eu engulo em seco, correndo para o lado da Clarisse. — Vou deixar vocês sozinhos, mas quando sair, por favor, passe na sala para pegar as vitaminas que precisa tomar. — Nós acenamos e ela sai, nos deixando.

— Clarisse... — Eu abraço seu corpo enquanto ela treme, balançando a cabeça. Meu coração dói por ela, como ela contará isso aos pais? Pelo amor de Deus, ela tem apenas dezoito anos. Está na faculdade.

— Meu Jesus Cristo... — Eu me viro para olhar Benjamin ao ouvir seu sussurro.

— Ben, não, não é isso...

— É claro que é! Meu Deus, não precisamos pirar, está bom? Meus pais vão aceitar você lá em casa, não se preocupa...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Do que diabos estão falando? —
pergunto confusa, vendo lágrimas grossas descendo
pelas bochechas vermelhas da minha melhor amiga.

— É meu...

— É seu o quê? — grito quando minha
barriga gela. Porra, eu não acredito!

— O bebê... é meu — Benjamin afirma,
erguendo os ombros, e se aproxima da Clarisse
enquanto eu fico olhando para o lugar onde ele
estava, em choque.

— Vocês... como... — Eu me viro, vendo-
o puxar Clarisse para seus braços.

— Desculpe, foi culpa minha. Tudo foi
culpa minha...

— Shiu, Clarisse, nada é culpa sua. — Ben
coloca os dedos sobre os lábios dela e engole em
seco. — Vai dar tudo certo.

Eu não sei o que está acontecendo.
Benjamim transou com ela? Eu nem mesmo sabia
que Clarisse já tinha perdido a virgindade. Fico
calada, tentando absorver tudo.

— Meus pais vão me colocar para fora de
casa — ela balbucia se afastando do Ben.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fica lá em casa — afirmo antes que Ben fale algo.

— Não, ela é minha responsabilidade...

— Jesus Cristo, Benjamin, isso é mais complicado do que parece. Você acha que seus pais vão sorrir e aceitar tudo normalmente quando o filho deles de dezoito anos chegar e disser que vai ser pai? Vamos com calma. Vou falar com a Alícia e com o Luca. Eles vão nos ajudar — explico séria enquanto os dois prestam atenção em mim. Ben acena, por fim, e eu suspiro aliviada.

— Eu vou tentar esconder por um tempo, depois eu converso com meus pais. Por favor, eu não quero falar nada agora — Clarisse implora e eu mordo meu lábio, acenando.

— Tudo bem. — Suspiro e a ajudo a se vestir enquanto Ben espera lá fora.

Saio da sala de consulta deixando apenas os dois com a médica. Alícia sorri, tensa, e eu suspiro, abraçando-a.

— Ela está grávida — murmuro sem saber se choro ou se sorrio.

— Meu Deus...

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei. Os pais dela vão enlouquecer.

Espero que eles saiam de lá e pego a receita, indo pegar também as vitaminas enquanto eles vão para o estacionamento. Não consigo acreditar que minha melhor amiga está grávida e que o pai é o Benjamim. Era por isso que eles estavam tão estranhos?

— Não vai mudar, mãe. — Congelo ao escutar a voz rouca do Vinícius. Eu me viro, vendo-o sentado ao lado da mulher que sei ser sua mãe, Flaviana. — Não aguento mais, tá? Paramos aqui, estou cansado dessa merda...

— Vinícius, querido, precisamos vir. Não me fale essas coisas, você me machuca. — Ela sorri, mas as lágrimas em seus olhos tão escuros quanto os do filho entregam a sua tristeza.

— Mãe... — Ele para de falar e se vira, como se percebesse a presença de alguém. Assim que nossos olhos se encontram ele franze a testa.

Ando na direção oposta, desviando minha atenção para a farmácia.

Quando já estou com os comprimidos me viro para voltar para meus amigos, mas não me surpreendo ao ver que Vinícius está na minha

frente.

— Você está me seguindo? — Sua voz revela raiva e eu fico momentaneamente sem fala.
— Responde, Valentina.

— Não. Graças a Deus, minha vida não gira em torno de você — respondo séria e tento sair, mas ele dá um passo para o lado, me prendendo.

— O que está fazendo aqui?

— Isso é um hospital. Qualquer um vem aqui. Não te interessa o que vim fazer ou não...

— Nossa, cada dia mais...

— Valentina! — Eu me viro ao ouvir a mãe dele e sorrio. — Quanto tempo. Tudo bem?

— Tudo ótimo, e como a senhora vai? — Abraço seu corpo e relaxo. Ela sempre foi incrível comigo, senti saudades.

— Bem, na medida do possível. Vinícius quer desistir do tratamento...

— Mãe. — Vinícius segura o braço dela em um aperto e com o olhar faz com que ela se cale.

— Que tratamento? — questiono firme e encaro seus olhos. Sinto meu estômago revirar com a possibilidade de ele estar doente.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é nada... — Ele dá um passo para trás e se vira para ir embora.

— Vinícius! — Seguro seu braço e o faço me encarar. — Responde.

— Não é da sua maldita conta. — Ele se esquiva do meu aperto e sai andando para fora.

— Desculpe. — Flaviana sai em busca do filho e me deixa parada no meio do hospital, sem saber o que fazer.

Depois de deixar Clarisse em casa e Benjamim ter se acalmado, vou para casa. Alícia murmura no caminho o quanto vai ser difícil para Clarisse e em um dado momento até me perguntou, assustada, se minha amiga teria coragem de abortar.

Eu afirmei com veemência que ela não faria isso, mas agora deitada em meu quarto me pergunto se isso está passando pela cabeça da Clarisse. Eu jamais faria, mas eu não sou ela e nossas conversas nunca chegaram a esse assunto.

Meu celular toca no criado-mudo e eu o pego. A foto de Theo junto com Lorena e Thomas em um parque aquático me faz sorrir. Os dois decidiram viajar antes de Laís nascer e o destino escolhido foi o Ceará. Já fui lá e é lindo.

PERIGOSAS ACHERON

“Aproveitem por mim!”

“Na próxima você vem.”

Sorrio para o que ele responde. Theo é amigo do Luca, mas eu o considero um tio. Ele é incrível desde sempre. Eu o amo muito e foi por isso que nunca quis criticar seu amor por Lorena. Antes ela era uma pessoa difícil e quase ninguém gostava dela, mas Theo conseguiu mexer com a mulher. Hoje somos uma família. Laís vai chegar para completar tudo.

Entro no meu Instagram e deslizo pelas fotos dos meus colegas. Vejo o storie de Benjamim e meu coração aperta quando vejo a frase. *Nossas vidas são definidas por momentos. Principalmente aqueles que nos pegam de surpresa.* Não quero imaginar como eles dois vão enfrentar isso.

Saio de lá e vou para o WhatsApp. Clarisse está online e eu começo uma chamada de vídeo. Seu rosto vermelho aparece na tela do celular e eu suspiro, me aconchegando no meu travesseiro.

— Como você está?

— Não sei — ela murmura também com a cabeça contra o travesseiro. — Nunca pensei em ser mãe e agora... meu Deus, meus pais irão me PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

matar.

— Eu estou aqui. Sempre vou estar, Clarisse. Não importa o que seus pais digam...

— Eu sei, e isso me causa mais vergonha. Eu nem te contei do Benjamim...

— Quando foi isso? Como começou? Eu só fiquei surpresa...

— Eu sou apaixonada por ele. — Ela morde o lábio e lágrimas enchem seus olhos. — Acho que sempre fui, mas ele gostava de você... eu sei que nunca foi recíproco. Porém eu não sei o que aconteceu. Um dia estávamos aqui em casa. Ele dormiu na minha cama e aconteceu. Foi uma única vez. Eu fingi que nada tinha acontecido e segui. Conheci o Luan e realmente queria tentar, mas aí descobri que tem um bebê dentro de mim...

— É muita coisa, eu entendo. — Respiro fundo e me sento. — O que você vai fazer? Pensou em algo?

— Eu não sei. Ben disse que vai cuidar de nós dois, mas como eu vou ter coragem de chegar na casa dos pais dele? Eles são vizinhos dos meus pais...

PERIGOSAS ACHERON

— Não importa, Clarisse. Se eles te quiserem lá, ótimo. Você já é maior de idade. Pode fazer o que quiser. Fica comigo pelo tempo que quiser. Depois você pode falar com Benjamim e se acertarem. Porém agora você precisa falar com Luan. Rápido, Clarisse.

— Eu sei. Vou fazer isso. Eu só preciso falar com Benjamim direito. Ele estava aéreo quando voltamos. Falou que mais tarde vem aqui.

Conversamos por alguns momentos e depois desligamos.

No dia seguinte chego ao campus cedo e fico esperando Benjamim, Clarisse ou Vinícius aparecerem. Ontem foi estranho demais no hospital. Não consigo entender o que Flaviana quis dizer com Vinícius não aceitar o tratamento. O que ele tem? Meu coração aperta com a infinidade de doenças que passam pela minha cabeça.

Forço um sorriso quando vejo Clarisse e Benjamim. Os dois andam lado a lado, mas as expressões são diferentes. Clarisse está cabisbaixa, e Ben, do mesmo jeito que ele sempre está; normal. Escondendo tudo sob seus olhos claros.

— Bom dia! — Sorrio abraçando os dois e

PERIGOSAS NACIONAIS

eles respondem meu cumprimento. — Você está melhor dos enjoos? — questiono enquanto andamos para nossa sala.

— Consideravelmente. — Seu sorriso pequeno aparece e eu aceno, deixando o assunto morrer. Quando entramos na sala tudo está silencioso e eu agradeço por isso.

A primeira aula passa rápido e durante o dia eu percebo que Vinícius faltou. Engulo minha frustração e vou almoçar com meus amigos. Os dois estão cheios de dedos e eu suspiro audivelmente para que eles entendam que estão me deixando louca.

— Vocês estão parecendo dois estranhos. Sinto muito falar, vocês estão passando por algo muito difícil e eu entendo, mas nada vai mudar. Quero dizer, só se vocês estiverem pensando sobre o aborto...

— Não! — Clarisse grita arregalando os olhos e Benjamim acena, concordando com ela. — Nós dois fomos inconsequentes. Não usamos camisinha e sabíamos o que poderia acontecer. Somos responsáveis por nossos atos e eu nunca faria isso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei.

— É nosso bebê. Não importa se veio cedo. Eu já falei para ela que vou cuidar de tudo. Já trabalho com meu pai, eu posso cuidar dos dois. Vai dar tudo certo — Benjamim afirma sério e eu encaro o olhar aliviado de Clarisse.

— Nunca quis te empurrar uma obrigação dessas...

— Eu sei. Vai ficar tudo bem. — Ele segura a mão dela e beija seus dedos.

— Posso trabalhar também. Ajudar, sabe?...

— Claro que pode, mas vai ficar difícil com o bebê — eu a lembro e Ben acena, concordando. — Eu acho que vocês só precisam contar aos pais de vocês. Tudo tem um jeito.

Os dois acenam e em seguida o celular de Clarisse começa a tocar. Eu fico parada observando e vejo quando Benjamim se afasta um pouco.

— É o Luan. Eu não vou atender. — Ela solta o celular na mesa e eu mordo meu lábio.

— Você precisa terminar com esse cara. — A voz de Benjamim está seca e eu vejo seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

escurecerem de raiva. — Nós vamos morar juntos, é nosso bebê que você está carregando...

— Ben, se acalma...

— Não, Tina, é sério. Eu não gosto disso.

— Ele esfrega o rosto e sua mão colide com a mesa.

— Você vai parar de sair com outras garotas? — Clarisse surpreende a mim e Ben ao perguntar.

— Eu vou. Nenhuma garota. Eu juro — Benjamim responde rapidamente e Clarisse me encara por um segundo antes de acenar.

— Eu vou terminar. Eu não iria continuar, é claro. Quem ficaria com uma garota grávida de outro cara? Ninguém. — Ela dá de ombros e eu sorrio, balançando a cabeça.

— Clarisse...

— Não importa. Façam o que deve ser feito e contem aos pais de vocês. Agora eu preciso ir. — Eu me ergo da mesa e abraço os dois.

Chamo um Uber e logo estou em casa. Arthur e Leo estão na sala e eu me distraio cuidando deles pelo resto do dia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*‘Eu ouvi que tinha alguém, mas eu sei que ele não
te merece
Se você fosse minha, eu nunca deixaria ninguém te
machucar.’*

CAN I BE HIM | JAMES ARTHUR

Durante toda a semana Vinícius sumiu do mapa, mas quando o rumor de uma festa começa eu sei que ele estará lá. Eu me arrumo cedo e aviso a Alícia que volto logo. Graças a Deus, Luca estava longe de ser visto.

Quando chego ao local que tinha no grupo do WhatsApp minha barriga gela. Droga. A última vez que vim aqui não foi uma boa ideia. Eu estava em uma festa e todo mundo resolveu estender até aqui para correr. Foi estúpido, mas eu vim. No final, tive que ligar para o Theo, pois ninguém queria ir me deixar em casa, e, claro, estavam entretidos nas corridas.

Sei que Luca já correu nessa pista várias vezes anos atrás. Foi aqui que Alícia foi pedida em casamento.

Eu me movo em direção a Zoe e seu sorriso cresce. Somos amigas há muito tempo, mas com minha mudança de escola nos afastamos. Não tinha dúvidas de que ela estaria aqui.

— Nossa, você está incrível. — Ela pula em meus braços e eu a seguro enquanto suas pernas me rodeiam.

— Não mais que você. — Dou de ombros

PERIGOSAS ACHERON

rindo, e nos afastamos.

Zoe está com calça jeans, botas e um top preto de renda. A jaqueta jeans está amarrada em seus quadris. A mulher é linda e sabe se vestir.

— Que milagre é esse? Onde está Luca? Ele vai te matar... — Eu mordo meu lábio, sabendo bem que meu irmão teria um infarto se me visse aqui, mas nesse momento só estou torcendo para encontrar Vinícius. Depois me resolvo com Luca.

— Ele não sabe.

Enfio minhas mãos no bolso do meu casaco. O vestido preto colado que estou usando não ajuda no frio, mas o tecido macio me mantém aquecida. Deslizo minha bota pela grama seca e olho ao redor.

Meus olhos detectam George, um amigo de Vinícius, a distância, e suspiro me concentrando em o encontrar. Não demora. Acho-o sentado em cima do capô de um carro preto que sei ser seu.

— Venho já — aviso a Zoe antes de sair andando.

Meu estômago esfria consideravelmente a cada passo que dou. Tento dizer a mim mesma que

preciso fazer isso. Que se ele estiver doente ou algo assim, eu vou ficar preocupada e que mereço saber o que está acontecendo. Porém, quando seus olhos se elevam e ele me vê na sua frente, eu sei que só vou perder meu tempo. Aquela frieza que ele começou a direcionar a mim está dentro de suas íris.

— Precisamos conversar — digo sobre o som que ecoa pelo ambiente.

— Valentina... — Sua voz faz cócegas em minha pele, porém ele para de falar quando Ellen aparece. Devagar ela se põe entre nós e se senta no colo do meu ex-namorado.

Como uma boa imbecil eu assisto a ela se virar um pouco e colar seus lábios nos de Vinícius. Não é isso que machuca, mas, sim, seus olhos presos nos meus enquanto ela faz com ele o que eu fazia, anos atrás.

— Ok. — Eu respiro fundo e me viro, voltando para Zoe.

Esbarro em alguém e meu coração acelera quando sinto um líquido gelado respingar na minha pele. A garota negra de cabelos cacheados ergue seu rosto furioso para mim ao sentir que eu

derramei sua bebida em nós duas. Respiro fundo me forçando a pedir desculpas, mas o que encontro quando estou revirando os olhos me faz parar.

O garoto de dias atrás está atrás dela, olhando diretamente para mim. *Docinho*. Sua voz ecoa em minha cabeça e eu suspiro dando um passo para trás.

— Tá olhando o quê, ridícula? — a garota grita chamando minha atenção, e eu respiro fundo.

— Nada. Com licença.

— Baixa a bola, Fernanda. — O garoto afasta a menina e se coloca na minha frente. — Desculpa, *Docinho*. A Nanda é meio irritada. — Seus olhos verdes me causam comoção na barriga e eu não gosto disso. De jeito nenhum. Ele pega uma mecha do meu cabelo e enrola no dedo, como fez no dia que o vi pela primeira vez.

— Eu sei me defender — sibilo rapidamente e me afasto.

Zoe me encara de olhos arregalados quando chego à sua frente e acena para trás de mim. Eu me viro e arregalo os olhos ao ver Vinícius conversando com o garoto. Ele empurra o peito dele e eu volto correndo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não toque nela! — escuto Vinícius gritar e me enfiar entre os dois. — Sai da minha frente, Valentina. — Novamente seus olhos estão negros e a fúria silenciosa neles me enche de raiva.

— Cara, só não estou entendendo. Você estava com outra mina nesse minuto. O que é que você tem? Eu toco em quem eu quiser! — o rapaz responde atrás de mim e eu sinto seu corpo tocar o meu.

— Você está louco? — questiono diretamente para o idiota do meu ex-namorado. — O que deu em você? — grito furiosa, vendo-o querer alcançar o outro menino.

— Nela você não toca — Vinícius repete sério, e eu engulo em seco. Droga.

George aparece atrás do amigo e o puxa para longe.

— Vem aqui, Valentina! — Vini grita me chamando e eu dou um passo em sua direção, mas me lembro de que há minutos ele beijou Ellen na minha frente.

— Vai embora — murmuro séria e me viro, voltando para a Zoe.

PERIGOSAS ACHERON

— Que caralho foi aquele? — Minha amiga está rindo, mas eu não vejo graça. Vinícius não é violento, ele é calmo e centrado. Por que fez isso? Droga, ele estava com outra menina e surta por ver um cara pegando no meu cabelo?

Eu só não entendo.

— Eu não sei. De verdade. — Suspiro audivelmente e viro minha cabeça tentando encontrar os dois. Vinícius está em seu carro, sentado, com os olhos cravados em alguém, que quando olho sei ser o garoto. Ele está rindo com alguns meninos e desvia sua atenção para mim.

A piscadela que ele me manda me faz elevar meu dedo do meio. Ele explode em risada e surpreendentemente me faz querer rir também, mas mordo meu lábio, me proibindo.

Viro-me para a Zoe, que ri também, e pego da sua mão uma garrafa de cerveja. Eu bebo ocasionalmente. Na verdade, não gosto muito, mas às vezes cai bem. Luca sabe disso, até tentou brigar, mas é em vão. Já sou maior de idade e sei bem o que faço.

Mais na frente, os organizadores das corridas chamam os participantes e eu vejo quando

PERIGOSAS NACIONAIS

o nome do garoto é chamado. Gael. Engulo em seco vendo-o passar perto de mim. Ele para e eu evito me virar para vê-lo.

— Se eu ganhar quero que saia comigo. — Sua voz é firme e o que me faz virar é o desafio nela.

— Oi?

— Quero que saia comigo. Se eu ganhar. — Inclino minha cabeça para admirar seus olhos verdes presos aos meus. Sua boca carnuda se move ao mesmo tempo que os cachos em seu cabelo balançam. Sua pele negra brilha contra a luz das lâmpadas e eu nego com a cabeça.

— Até eu ganho uma corrida dessa. — Dou de ombros, séria, e ele ri. Sim, ele ri na minha cara.

— Sério? Então vamos lá. Faço com que eles me coloquem para correr com você...

Eu não deveria aceitar, mas um desafio nunca foi ignorado por mim. Sei muito bem correr nessa pista. Cresci aqui, Theo me ensinou a dirigir um carro aqui. Nem fodendo eu vou perder para esse cara.

— Me arruma um carro...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já tenho um para você.

— Então vai lá, Gael. — Seu nome em minha língua é doce.

Ele sorri de lado e some da minha frente.

— Você é louca! — Zoe grita eufórica e eu dou de ombros, entregando a cerveja a ela. Ainda bem que bebi só um gole.

Momentos depois, Gael me chama. O carro que ele arrumou para mim é lindo. Preto e rebaixado. Não sei quem compra esses brinquedos para esses meninos, mas eu vou aproveitar.

— Você está louca se acha que vou deixar você correr... — Eu me viro ao escutar Vinícius.

— Esse cara de novo? Nossa...

— Assiste. — Eu pisco para Vinícius e entro no carro. Gael vai para o seu e espero a largada.

Não demora muito e logo uma menina abaixa o pano xadrez em sua mão. Piso no acelerador e voou pela pista ao lado de Gael. Ele me encara pela janela e eu sorrio, disparando em sua frente. Vejo seu rosto pelo retrovisor e franzo o cenho ao ver que ele está rindo. Perto da linha de

PERIGOSAS ACHERON

chegada, eu mantenho a velocidade, mas Gael dá um jeito de me ultrapassar no último segundo. Inferno!

Saio do carro quando ele abre minha porta e me puxa. Encaro seu rosto com um sorriso pequeno de lado e elevo minhas mãos.

— Amanhã, aqui, às sete. Não se atrase — resmungo séria e ele eleva a mão para um dos seus amigos bater.

— Nos vemos amanhã, Docinho.

Seu dedo enrola meu cabelo mais uma vez e começo a achar que é algum tique que ele tem. Eu me afasto rapidamente e logo estou chamando meu Uber para ir para casa, depois de me despedir da Zoe. Infelizmente, para meu desespero, Vinícius para o carro ao meu lado.

— Entra, eu vou te deixar. — Franzo o cenho para ele.

— Não. — Balanço a cabeça com firmeza.

— Quero falar com você. Vem.

Entro no carro impulsionada pela minha curiosidade. O que esse garoto tem? O que aconteceu durante todos esses anos? Cancelo o

PERIGOSAS NACIONAIS

Uber e me encosto na janela. Vejo as árvores passarem e suspiro, me virando para encarar Vinícius.

— O que está acontecendo? — questiono suavemente e o vejo apertar o volante. — É sério, Vinícius, eu só quero entender. Você beija outra menina na minha frente e não foi a primeira vez, você surta e briga com um garoto que tocou em mim e agora está me levando para casa. Droga, só me explica...

— Você correu com o cara. Você conhece ele? Está ficando com ele? O quê? Benjamim já não está te satisfazendo? — Suas palavras fazem meu peito apertar. Abraço minhas pernas e descanso minha cabeça em meus joelhos.

— Nossa, eu subestimo sua cretinice todos os dias. — Balanço a cabeça e respiro fundo. — Nunca fiquei com Benjamim. Durante anos eu só fiquei esperando você dar sinal de vida, e quando enfim vi que estava vivo, você me humilha daquela maneira e continua me humilhando todos os dias. — Meus olhos se enchem de lágrimas, que Deus sabe o quanto eu tento segurar todos os dias da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

Ele entra na minha rua ainda em silêncio e eu limpo meu rosto rapidamente. Tento abrir a porta, mas está trancada. Encaro minha casa completamente escura e depois me viro para encarar Vini.

— Não podemos voltar, Tina. Eu juro pelas estrelas que nós dois nunca mais ficaremos juntos. Eu não queria, mas é assim que tem que ser. — Aceno piscando e tento inutilmente segurar o choro, mas a ardência dá lugar às lágrimas que enchem meus olhos.

— Tudo bem. Sério, está tudo bem. Eu vivi durante anos sem você. Não vou morrer por isso. Pode ter certeza — digo de forma firme e tento abrir a porta novamente, mas ainda está presa.

— Eu posso te pedir uma coisa? — Seu olhar úmido encontra o meu e eu aceno, engolindo em seco.

— Pode, é claro. — Limpo minhas bochechas e encaro seu rosto tenso. — Abre a porta, primeiro — peço suspirando, e ele o faz, em seguida.

— Fica longe do Gael. Por favor. — Seu pedido me faz sorrir. Nossa, tanta coisa para me

PERIGOSAS NACIONAIS

pedir e ele consegue fazer um pedido que o faça parecer mais imbecil ainda.

— Eu disse que você poderia pedir, não que eu faria.

Saio do seu carro e corro para minha casa. Luca está na sala, mas hoje nem mesmo ele me faria parar. Subo as escadas e me tranco em meu quarto. Os meus soluços ecoam e eu abraço meu travesseiro tentando esquecer que um dia conheci Vinícius.

Minha porta se abre e em silêncio Alícia se deita ao meu lado e me abraça. Ela não pergunta o motivo do choro, nem mesmo se estou sentindo algo. Ela faz o que todo mundo deveria fazer ao ver alguém chorando. Só me abraça.

Permaneça comigo.

PERIGOSAS ACHERON



*“Às vezes, é difícil seguir seu coração
Lágrimas não significam sua derrota
Todo mundo se machuca
Só seja verdadeiro com quem você é.”*
WHO YOU ARE | JESSIE J

Quando amanhece eu me forço a sorrir durante o café da manhã. Ninguém pergunta nada e eu agradeço por isso. Saio do Uber e caminho até a casa de Clarisse. Toco a campainha, pois sei que os pais dela estão em casa. Eles não gostam que entrem sem permissão. Eu entendo, mesmo achando uma chatice.

— Bom dia! Clarisse está? — Sorrio para a mãe da minha amiga e ela abre a porta, me mandando entrar.

— No quarto. — Então some no seu escritório.

Caminho até lá e paro antes de bater ao ouvir a voz de Benjamim. Não consigo escutar nada, mas quando bato e Clarisse abre a porta, Ben está longe de ser visto.

— Então ele entra pela janela — constato rindo e seus olhos crescem ao mesmo tempo que suas bochechas ficam rubras.

— Sim. — Clarisse dá de ombros e se senta em sua cama.

— Estou até agora surpresa. Nossa, vocês

transaram... — Arregalo os olhos, curiosa, e me aproximo. — Como é?

— Foi uma vez apenas. Quero dizer, ontem aconteceu de novo... — Ela pigarreia e eu sorrio me jogando em sua cama. — Doeu, é claro, mas foi bom. — Seguro a risada diante do seu embaraço, mas também me pego tentando imaginar como vai ser minha primeira vez.

Sou maior de idade, mas nunca fiz sexo. É até inacreditável, mas quando namorava Vinícius não me sentia pronta e depois que ele se foi, eu não me envolvi com ninguém mais.

— Aonde foi ontem? — Volto a olhar para ela e apoio meu queixo em minhas mãos.

— Até a pista de corrida.

— O quê?! — Clarisse arregala os olhos e eu sorrio. Ela nunca foi até lá, como dizem, é uma princesa rica. Nunca chamei também. Não quero trazer Clarisse para o meu mundo. Não sei explicar, mas ela e a pista são como óleo e água. Não devem ser misturados. Pelo menos não por mim.

— Tentei conversar com Vinícius mais uma

PERIGOSAS NACIONAIS

vez, porém foi em vão. Não sei o que aconteceu com ele e queria saber, mas, depois de ontem, eu desisto.

— É muito estranho. Como ele some por anos, depois volta e aparece assim, irreconhecível? Não entendo — ela murmura enquanto tira a sujeira de debaixo das unhas.

— Compartilhamos o sentimento. — Suspiro alto e me lembro de Gael. — Vou sair com um garoto hoje. Ele é bonitinho...

— O quê?! — Clarisse grita e eu dou um beliscão nela. — Ei!

— Conheci um cara dias atrás e ontem ele estava na pista — conto a ela do desafio e minha amiga fica me encarando por vários segundos sem dizer nada. — O quê?

— Você ama o Vinícius. Por que vai sair com outra pessoa? — Clarisse morde o lábio e eu pigarreio.

— Você amava o Benjamim quando começou a sair com Luan. Me conta o porquê — devolvo chateada e ela se deita ao meu lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sei. Benjamim parecia inalcançável para mim...

— Vinícius é passado para mim — interrompo com firmeza. — Gael é lindo e divertido, mas vai ser só uma saída. Não se preocupa. Estou a milhas de distância de querer alguém na minha vida novamente.

Passo a manhã com ela e volto para casa para o almoço. Felipe está na sala jogando videogame e os gêmeos estão brincando no cercadinho. Quando me vê, Leo começa a resmungar e eu o pego em meus braços.

— O que foi? Hum? — brinco fazendo cosquinhas em sua barriga e ele gargalha.

— Oi! — Alícia aparece e Luca entra pela porta da sala. — Amor! — A alegria dela ao vê-lo entrar enche meu peito de amor. Os dois se encontram no meio da sala e se beijam.

— Nossa, vocês nunca vão parar com isso? — Felipe questiona revirando os olhos ao se levantar do sofá e pegar Arthur do cercadinho. — Vamos almoçar? — Ele joga o menino para cima, fazendo Lili querer arrancar seus olhos, mas Arthur PERIGOSAS ACHERON

apenas ri junto com o tio mais novo.

Nós nos sentamos para comer e eu coloco os gêmeos em suas cadeirinhas. Pego a papinha do Leo, e Luca, a de Arthur.

— Para onde foi ontem? — Luca pergunta enquanto enfia a colher na boquinha do filho. Leo e Arthur são idênticos e com isso quero dizer que os dois são a cara do Luca. Apenas os olhos vieram de Alícia. O que eu acho uma sorte tremenda. Dois morenos de olhos azuis? Prevejo problemas.

— Pista — respondo a verdade e dou uma colherada a Leo, que com a língua empurra para fora.

— O quê?! — sua voz aumenta e eu permaneço calma, alimentando Leo.

— Sim, fui lá. Encontrei Zoe e foi legal. — Dou de ombros e vejo Alícia segurando o ombro do marido.

— Não quero você naquele lugar, sabe disso. Lá só tem gente perigosa...

— Já tenho dezoito anos, Luca. Isso está chato e sem nexos. Sei cuidar de mim mesma. —

Paro e encaro seu rosto, séria.

— Só me preocupo. Eu cresci naquele lugar e eu te digo, não é um bom lugar.

— Você fazia suas escolhas anos atrás, eu estou fazendo as minhas. Não farei nada de errado.

— O assunto morre e depois de comer eu coloco Arthur para dormir enquanto Alícia põe Leo.

Quando anoitece eu saio de casa em direção à pista. Demora para eu chegar, por causa do trânsito, e eu mordo meu lábio imaginando que Gael está pensando que eu o enganei. Saio do Uber rápido quando chego e me viro vendo apenas um carro parado no espaço aberto.

Gael está de braços cruzados, encostado ao seu carro. Seus braços, que são mais fortes do que me lembrava, estão nus, pois ele está de regata. Seu cabelo encaracolado está escondido sob uma touca cinza e ele sorri quando me vê andando em sua direção.

— Desculpe, o trânsito estava um inferno.
— Ponho minhas mãos no bolso traseiro do short preto desfiado e ele acena, me olhando dos pés à cabeça. Estou calçando um tênis branco que
PERIGOSAS ACHERON

combina com o moletom folgado que escolhi.

— Sem problema. — Ele vai até a porta do seu carro e a abre, mas eu balanço a cabeça e subo no capo do seu carro. — O quê? Você me prometeu um encontro...

— Estamos em um. — Bato na lataria do seu carro e ele se senta ao meu lado devagar. Confuso, até. — A propósito, eu me chamo Valentina.

Eu me viro para olhar seu rosto e ele está sério, me encarando.

— Eu sei seu nome — Gael anuncia e se deita. — Mas Docinho combina mais com você.

— Não tenho nada de Doce. Pode ter certeza — aviso, séria, e me deito também.

— Quando eu provar, eu te conto o que acho. — Semicerro meus olhos e ele ri.

— *Se e não quando*, bebezão — digo rindo e ele me acompanha.

Encaro o céu e suspiro. A pista fica em um lugar rodeado por vegetação. A cidade está a alguns quilômetros e com isso é possível ver as estrelas

mais facilmente. Hoje, especialmente, elas estão brilhantes.

— Elas estão piscando para você. — A voz de Gael me alcança e eu viro meu rosto para ele.

— O quê?

— As estrelas. Elas estão piscando para você — ele volta a explicar e eu sorrio voltando minha atenção para os pontos brilhantes no céu escuro.

— Na verdade, elas não piscam. É uma ilusão de ótica. O ar na atmosfera causa uma distorção contra a luz. É muito longe, então a luz das estrelas nos alcança com “defeitos”. — Faço as aspas com minhas mãos e ele vira o rosto para me encarar.

— Como sabe disso?

— Eu amo as estrelas — falo sem perceber. Quase ninguém sabe disso e eu com certeza não saio anunciando.

— Você parece uma.

— Quê? Nada a ver...

— Distante, instigante e misteriosa. Você.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossos ombros se tocam e eu me afasto, tentando manter minha cabeça no lugar. Eu me sento e abraço minhas pernas, observando as de Gael.

— Não estou procurando alguém. Quero ficar sozinha...

— Também não estou. Você é linda, quero conhecer você.

— Só isso? — Eu arqueio a sobrancelha e ele ri, dando de ombros. — Então se eu disser que quero te beijar agora, você vai apenas dizer que não quer nada comigo?

— Quê? Obvio que não! Sou hétero, é claro que vou querer. — Ele faz careta e se ergue do carro. Desço minhas pernas e Gael se coloca entre elas. Colido com minhas mãos em seu peito, tentando mantê-lo longe. — Fala.

— O quê? — Engulo em seco, sentindo minha barriga esfriar novamente. Que diabos?

— Que quer me beijar.

— Eu não quero. — Gael segura meu queixo e eu elevo meus olhos até encarar os seus,

PERIGOSAS ACHERON

verdes. Um caroço cresce em minha garganta ao ver a beleza do menino. Ele é incrível. Menti quando disse que ele era bonitinho para Clarisse, hoje de manhã. Ele é lindo.

— Tem certeza? — Ele se afasta um pouco e eu engulo com dificuldade. — É aquele cara? O playboy? — Gael tenta se afastar mais, porém seguro sua camisa entre meus dedos.

— É meu ex-namorado. Só não preciso de outro garoto quebrando meu coração. — Sou sincera falando e encarando seu rosto. Percebo que minhas mãos ainda mantêm Gael perto e queria dizer que tento soltar, mas só seguro mais forte.

Talvez ele possa me fazer esquecer Vinícius. O frio na barriga que sinto quando ele sorri me diz que sim, ele é capaz. Porém, eu estou pronta? *Por que não estaria? Foram anos longe de Vinícius sem ninguém. Por que eu não estaria pronta para outra pessoa?*

É com esse pensamento que eu puxo Gael para mim e beijo sua boca. É estranho. Só beijei dois meninos na vida e ainda assim nunca me acostumei a alguém que não fosse Vinícius, que

PERIGOSAS ACHERON

coincidentemente é um dos meninos que beijei.

A boca carnuda pega um dos meus lábios e Gael desliza sua língua para minha boca. Ele geme quando a minha língua encontra a dele e as duas começam a se enrolar em busca de alívio. Gael segura meu rosto com as duas mãos e eu envolvo meus braços em suas costas. Sinto seus músculos contra minhas mãos e suspiro, beijando-o com mais força.

— Puta que pariu... — ele resmunga quando abandona minha boca e parte para meu pescoço. Seus beijos são vagarosos e ele volta para minha boca com mais fome. Não sei por quanto tempo ficamos trocando beijos, mas quando nos afastamos estamos arfando, e ele, sorrindo.

— Foi só um beijo — resmungo engolindo em seco. — Não quero nada sério com ninguém...

— Ei! Se acalma. — Gael sorri e coloca mais um beijo sobre meus lábios. — Não vamos noivar, beleza? Só curte o momento.

— Ok. — Eu me acalmo e faço como ele pediu. Curto o momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós nos afastamos e eu suspiro, encarando seu rosto. O rosto de Vinícius aparece em meus pensamentos e eu encaro o céu escuro.

— Você o ama. — Volto a encarar Gael rápido e permaneço calada.

— Se eu o amasse estaria aqui? — pergunto e em minha voz não tem um traço sequer de ironia. Só estou em dúvida.

— Se está machucada, eu diria que sim, estaria.

Nós nos afastamos mais e Gael anda pelo terreno chutando as pedras pequenas.

— Não sei. Ele sumiu por anos, voltou e eu não o reconheço mais — tento explicar, mas percebo que Gael é a última pessoa com quem eu deveria falar sobre Vinícius.

— Ele estava com outra menina ontem. Eu vi os dois se beijando...

— Eu sei. Eu estava na frente dele e vi tudo. — Desço do carro e cruzo meus braços depois de arrumar meu short.

— Olha, Docinho, nós dois estamos nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

divertindo. Não me importo se você gosta dele. Não quero seu coração, até porque estou vendo que ele pertence a outra pessoa. Eu quero seu corpo e a sua boca. Apenas.

Fico observando Gael por vários segundos, tentando entender se as suas palavras são insultos, mas tudo que percebo nelas é a verdade. E eu não estou longe de querer o que ele falou. Eu quero o corpo dele, não seu coração.

— Idem.

— Ótimo. Agora vem, vamos comer. Nunca vi um encontro sem comida. — Gael coloca seu braço em meus ombros e eu sorrio, acenando.

Gael e eu vamos comer no Mc Donald's. Ele fica fazendo observações sobre as pessoas e eu por pouco não morro engasgada quando ele faz piada sobre como minhas orelhas se mexem enquanto eu mastigo. Um palhaço.

— Ei! Gael! — Viro meu rosto quando escuto alguém chamar. Jeffin, amigo do Benjamim, aparece sorrindo, e Gael se ergue cumprimentando o que parece ser seu amigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jeffin! E aí? — O sorriso de Gael é genuíno e eu sorrio para o rapaz por educação.

— Ei! Você é amiga do Ben, não é? — O menino se aproxima e eu me ergo lhe dando um abraço sem jeito.

— Isso mesmo. — Aceno sorrindo e Gael sorri cruzando os braços.

O menino fala algumas coisas e depois vai embora, em seguida Gael se senta ao meu lado.

— Você conhece o Benjamim? — Seu corpo fica tenso e eu me inclino sobre a mesa, colocando meu queixo em minha mão.

— Sim, ele é meu melhor amigo — respondo e pego mais batatas fritas, levando-as à minha boca.

— O conheço pouco.

— Se dariam bem. Ele é muito legal — afirmo sincera e ele relaxa contra a cadeira.

— Ele não é amigo do seu ex?

— Nunca foram, realmente. Se aturavam por minha causa. — Dou de ombros, pois essa é a verdade.

PERIGOSAS ACHERON

Meu celular toca em minha mesa e eu vejo o nome do Luca na tela. Atendo depois de pedir licença a Gael.

— Oi!

— Oi! — Felipe responde e eu olho novamente para a tela achando, que me confundi, mas ele ligou do celular de Luca mesmo. — Traz comida para mim.

— Não estou acreditando que ligou para pedir isso, Felipe! — resmungo envergonhada e ele ri na linha, dizendo que sabe que estou em um encontro e isso envolve comida. — Te odeio. — Desligo o celular e tampo meu rosto com as mãos.

— Outro pretendente?

— Quê?! Lógico que não. É meu irmão mais novo. Pedindo comida, acredite se quiser. — Eu sorrio diante das minhas palavras. Nossa, eu estou louca.

— Então você tem que ir logo? — Ele se inclina e bebe o seu refrigerante.

— Não, mas é bom levar comida logo. Então creio que essa seja minha deixa. — Sorrio

erguendo os ombros e Gael se inclina, alcançando minha boca. Nós nos beijamos por alguns segundos e logo me afasto com vergonha das pessoas.

— Vamos lá, Docinho. — Ele se ergue e segura minha mão. Nós nos encaminhamos ao balcão e eu faço o pedido de Felipe. Gael segura minha cintura enquanto esperamos e eu constato que faz anos que alguém mantém as mãos em mim durante tanto tempo.

Entro em seu carro momentos depois, já com a comida de Lipe, e vamos para minha casa. Coloco meu endereço em seu GPS e ele franze o cenho diversas vezes, me perguntando se coloquei certo.

A voz rouca e suave que ecoa pelo carro me faz relaxar. Gael segura minha coxa e murmura a música olhando para mim.

*Mas te vi e quis te conhecer
Quando eu sinto, eu sinto, não dá pra entender
Troca de energia entre eu e você
Faz por onde que eu faço valer
Pressentimento bom*

Entrou na minha mente tipo esse som
PERIGOSAS ACHERON

*Teu beijo é tão bom
É gosto doce que causa alucinação*^[1]

Olho pela janela rindo e ele gargalha.
Ouvimos Gaab pelo resto do caminho e eu anotei
mentalmente procurar por ele e suas músicas no
Spotify.

— Você mora aqui? — Gael questiona
encarando minha casa. O sorriso varreu dos seu
rosto.

— Sim. Eu, meus dois irmãos, minha
cunhada e meus dois sobrinhos gêmeos. Muita
gente, isso é certo. — Sorrio diante da casa enorme
que Alícia reconstruiu.

— Entendi. — Gael respira fundo e eu me
viro para vê-lo melhor. — Tenho que ir.

— Já estou indo, só quero isso antes... —
Eu me inclino e beijo sua boca novamente.

Gael parece distante, mas retribui o beijo
com tanto desespero quanto eu. Saio do seu carro e
dou tchau quando ele sai pela rua.

Entro em casa sorrindo, mas minha alegria

PERIGOSAS NACIONAIS

cai quando elevo meu rosto para entregar a comida de Lipe. Clarisse está sentada em meu sofá com duas malas e uma mochila no colo. Ela não precisa falar nada, eu já sabia que os seus pais a tinham posto para fora de casa.

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu estou no canto observando você beijá-la
E eu estou dando tudo de mim
Mas não sou o cara que você está levando pra
casa.”*

DANCING ON MY OWN | CALUM SCOTT

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toma, Lipe. — Entrego seu saco de comida e me aproximo de Clarisse. Pego minha amiga e a ajudo a levar suas malas para o quarto de hóspedes em silêncio.

Clarisse se mantém quieta até estarmos deitadas na cama, de frente uma para a outra.

— Eles queriam me levar a uma clínica para abortar — Clarisse sussurra e seus olhos vermelhos se enchem de lágrimas.

— Oh, amiga...

— Não queria. Eu não quero fazer isso. Eles iriam me levar à força. Então eu falei que iria embora. — Ela engole em seco e um soluço corta sua respiração. — Eles perguntaram de quem era e eu não consegui falar, Valentina. Eu fiquei muda. Tive medo de eles irem fazer barraco na casa dos pais do Ben. Eu não suportaria. — Limpo suas lágrimas e a abraço apertado até os soluços cessarem. Até sua respiração ficar suave.

— Tudo vai ficar bem. Prometo.

Meu coração dói por minha amiga. Volto para meu quarto ainda pensando na gravidez de

PERIGOSAS ACHERON

Clarisse e me arrumo para dormir. Quando saio do banheiro, eu vejo uma sombra na minha varanda. Não queria acreditar, mas era ele. Pela primeira vez desde que conheço Vinícius eu me viro e fecho a cortina. Deixando-o fora.

Não o deixaria invadir minha vida hoje. Não depois de me sentir realmente bem com Gael. De imaginar que sim, eu estaria melhor sem Vinícius.



Luca e Alícia me encaram com semblantes diferentes. Enquanto Alícia está calma e otimista, meu irmão está preocupado e nervoso.

— Não consigo acreditar que ela está grávida — Luca murmura isso com a voz baixa enquanto estamos os três na sala de jantar.

— Ela está. Benjamim vai dar o jeito dele e os dois vão conseguir...

— Em palavras é bonito, mas uma criança está vindo, Valentina. Nossa vida mudou drasticamente depois que os gêmeos nasceram e você sabe disso. E se não der certo? Se o Benjamim

pular fora? — Luca passa a mão no cabelo e Alícia suspira, se erguendo.

— Luca, você não é o pai ou irmão da Clarisse. Nossa casa é grande e ela ficará aqui pelo tempo que quiser. Se Benjamim pular fora, problema dele. Clarisse precisa crescer pelo filho. E nós, mulheres, conseguimos isso com muita força. Ninguém aqui quer que você pule de felicidade, mas não queremos seu julgamento. Basta o que ela vai aguentar na faculdade e na vida. Então sorria e deseje boas-vindas à amiga da sua irmã. Eu já fiz isso.

Alícia sai da sala batendo os pés e eu encaro Luca, que sorri balançando a cabeça.

— Essa mulher vai ser minha morte. — Ele ri e eu o sigo. — Mas ela sempre está certa. Desculpe. Por um momento, eu só pensei e se fosse você? Eu não sei o que faria.

— Vou te dar sobrinhos, mas não agora. — Eu pisco brincando e por um momento ele fica quieto, totalmente branco. — Sim, Luca, em algum momento eu vou transar, se é isso que você está pensando agora.

Saio da sala rapidamente e vou para o quarto de hóspedes. Bato na porta e Clarisse responde. Entro devagar e sorrio ao vê-la de pé e banho tomado.

— Podemos tomar café da manhã? — chamo e ela acena, me seguindo.

— Obrigada por tudo. — Clarisse me abraça e eu devolvo o carinho, reforçando que não precisa agradecer.

Tomamos café conversando bobagens do dia. A campainha toca assim que as pessoas se dispersam pela casa e ficamos apenas eu e Clarisse na sala. Abro a porta e sorrio quando vejo Benjamim de pé, na minha frente.

— Onde ela está? — Deixo-o entrar e Clarisse sorri quando ele a puxa para seus braços. Ben beija os lábios dela e eu acho estranho ver os dois juntos, mas sei que eles serão felizes. — O que aconteceu? Fui te ver e seu quarto estava sem suas coisas...

— contei aos meus pais ontem...

— O quê? — Ben se afasta e a encara

completamente sério. — Que diabos, Clarisse? A gente ia contar juntos. Nós dois.

— Eu sei, mas minha mãe perguntou da minha menstruação de uma hora pra outra. Disse que não viu meus absorventes...

— Meu Deus. Preciso falar para os meus pais. Será que eles foram lá? — Ben parece em pânico e Clarisse nega.

— Não contei que você é o pai. Tive medo de eles irem fazer escândalo — minha amiga explica nervosa e eu peço para que ela sente.

— Por que não foi lá para casa? Para a gente conversar...

— Eles queriam me levar a uma clínica para abortar, Ben. Eu fiquei apavorada. Disse que ia embora e vim para Valentina.

— Não acredito. — Ele se senta ao lado dela e Clarisse acena. — Miseráveis.

— Desculpe, eu deveria ter pensado melhor, não sei...

— Está tudo bem. Vamos lá para casa, está bem? Se meus pais pirarem, você volta para cá. —

Benjamim encosta sua testa na dela e os dois suspiram. Clarisse acena e se ergue indo, pegar sua bolsa.

Benjamim anda até mim e sorri aliviado.

— Obrigado por cuidar dela.

— É uma irmã para mim. Você também, então não agradeça. — Abraço meu melhor amigo e me afasto.

— Não acredito que meus pais vão pirar tanto, mas se qualquer coisa der errado eu a trago de volta. — Aceno e digo que confio nele. — Então, falei com Jeffin ontem e ele me disse que te viu com o Gael.

— Ah, sim. Saímos ontem. Ele é legal.

— Olha, Val...

— Vamos? — Clarisse surge e eu sorrio, abrindo a porta para eles.

Os dois vão embora e eu volto para meu quarto, rezando para que tudo ocorra bem.



Quando anoitece recebo uma mensagem de

Clarisse agradecendo minha ajuda e avisando que Benjamim vai mandar o motorista da família dele buscar as coisas dela.

“Mas está tudo bem mesmo?”

“Eles não enlouqueceram. Só disseram que era uma responsabilidade enorme e que Benjamim deveria trabalhar mais e mudar o horário da faculdade. Ben aceitou imediatamente. Não queria, mas ele disse que é o certo a fazer.”

“Também não queria. Que droga :/”

“Obrigada por tudo. Não canso de agradecer. Te amo!”

“Sempre estarei aqui. Aliás, ele será meu afilhado. E eu não estou perguntando. kkkkkkkk”

“Não tem no mundo madrinha melhor.”

“Te amo! Boa noite.”



Na semana seguinte eu tento parar de olhar para o celular. Encontrei Gael no Instagram e dei uma stalkeada básica. O que tem de lindo ele tem

PERIGOSAS ACHERON

de mulher no seu perfil. Vários comentários de meninas e eu confesso, elas me deixaram um tantinho incomodada. Segui seu perfil e ele me seguiu de volta, porém nada de conversas ou pedido de WhatsApp. Não entendo o porquê. Foi legal, não foi?

Suspiro, cansada de remoer isso. Ele não estava procurando uma namorada e aliás, nem eu, então por que diabos eu estou tão encucada com o menino? Reviro os olhos e ando até a saída do campus.

Paro abruptamente quando um carro estaciona bem ao meu lado. Eu me viro pronta para mandar a pessoa ir se foder, mas franzo o cenho ao ver que são Ellen e Vinícius. Ele estacionou quase em cima de mim. Filho de uma chocadeira.

— Compra um óculos. Tá enxergando bem, não — resmungo passando por eles. Ellen revira os olhos, indo para suas amigas, e o traste me segue.

— Cadê seu namorado? — ele questiona próximo, e eu me viro arqueando a sobrancelha.

— Não tenho namorado, graças a Deus...

— Gael estava com você. Eu o vi te deixando em casa...

— Você está me vigiando? — Minha mão treme com a insinuação. Não posso acreditar que ele esteja fazendo algo assim depois do que me disse dias atrás.

— Eu estava te esperando na varanda...

— Para com essa palhaçada. Vou dizer ao meu irmão e ele vai chamar a polícia — ameaço e me afasto, tentando conectar minha internet para chamar um carro.

— Vocês ficaram?

— Nossa Senhora, dá-me forças e paciência... — Eu me viro para encará-lo e paro suspirando. — Sim, a gente ficou. Ele é legal pra caramba, eu quero muito repetir a dose e, Vinícius, cai fora. Me esquece. Eu estou esquecendo você.

— Mas não esqueceu. — Ele me encurrala contra o muro e põe seus braços ao lado da minha cabeça. — Você me ama.

— Amo. Eu amo você, Vinícius — afirmo séria, olhando diretamente para seus olhos. — Mas

não essa casca que anda exibindo. Eu amo o cara que me segurou em seus braços e me consolou quando eu estava chorando com saudades do meu irmão. Eu amo o menino que me beijou e me fez esquecer o mundo. Eu amo o garoto que foi embora e me destruiu. — Engulo em seco, sentindo meu peito apertar. — Quem eu não amo é seu eu agora. Esse menino frio, distante e malvado. Esse cara eu odeio e quero distância. Então, facilita minha vida e me esquece.

Eu me viro quando um carro dá cavalo de pau, assustando a nós dois. Gael está dirigindo o carro e franze os olhos, olhando de mim para Vinícius. Afasto-me por completo, mas Gael acelera e sai pela rua.

— Ele pode ter sua boca, mas seu coração é meu. Sempre vai ser — Vinícius sentencia e se afasta, indo embora. Queria entender esse homem só por um momento. O que ele quer de mim? O que diabos ele quer?

Volto a tentar conectar minha internet, mas novamente a merda não pega. Eu me assusto quando um carro para diante de mim. Sei que é

Gael antes mesmo de o vidro baixar.

— Carona? — O sorriso habitual sumiu e eu aceno dando a volta no carro. Entro ao seu lado e coloco o cinto de segurança. — Você voltou com seu namorado?

Sua pergunta ecoa assim que ele se afasta do meio-fio. Eu me viro para ver seu rosto e Gael está concentrado na pista.

— Não, e eu não quero voltar para ele.

— Só me deixa avisado, ok? Não vou ficar empatando o romance de ninguém — ele pede me encarando e eu aceno, vendo bem a sinceridade em seu olhar.

— Ok — murmuro enquanto seus dedos alcançam o painel e ele coloca músicas para tocar. O funk típico dos jovens explode no espaço e Gael batuca seus dedos ao som da batida. Seus lábios se mexem sibilando a letra da música e eu fico quase hipnotizada pela beleza dele.

— Você dança funk? — Sua pergunta me pega desprevenida.

— Hum, sim, um pouco. — Dou de

PERIGOSAS NACIONAIS

ombros, pois realmente não é umas das coisas em que sou boa. — Você?

— Em festa, é claro. — Ele sorri dando de ombros e eu aceno. — Quer ir ao baile comigo? Tem um hoje.

— Claro. Nunca fui em um, acredite se quiser — falo sorrindo, e ele responde rindo que já imaginava.

Quando Gael estaciona em frente à minha casa nós dois ficamos calados dentro do carro. Eu me viro para falar algo, mas me detenho quando vejo que sua atenção está na minha casa.

— Está tudo bem? — questiono pegando em sua perna. Gael se vira e acena, se inclinando sobre mim.

— Preciso do seu número. — Sua respiração toca a minha boca e eu aceno suspirando. Gael adiciona meu número e eu reviro os olhos quando ele põe “*Docinho*” no lugar do meu nome. Ele liga para mim e eu adiciono seu número rapidamente. — Coloca Amor da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? — Eu rio de sua brincadeira e ele sorri beijando minha orelha.

— Um dia. Quem sabe? — Sua voz se perde quando ele aproxima sua boca da minha. Suspiro sorrindo e beijo sua boca com desejo.

Uma sirene começa a soar e Gael se afasta, olhando pelo retrovisor. Ele soca o volante e respira fundo, parecendo com raiva.

— Entra em casa, ok? Não fica aqui — ele pede saindo do carro e eu o sigo. Uma viatura de polícia está parada atrás do carro do Gael. Não entro em casa como ele me pediu, eu me aproximo, vendo-o colocar as mãos na cabeça e separar as pernas.

— Já está acostumado que já faz os movimentos sem nem mesmo pedirmos. — O policial ri para o outro e eu fico o encarando. — Ele está te importunando de alguma maneira? — ele questiona enquanto faz uma procura em Gael.

— De modo algum. Posso saber o motivo disso? — questiono confusa, e Gael nem mesmo encara meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Recebemos uma denúncia de roubo nas redondezas. É o protocolo.

— Como assim? Mas estávamos parados...

— Valentina — Gael intervém e eu encaro seu rosto tenso. — Para.

— Mas... — O policial segura as mãos de Gael atrás da cabeça dele com força e eu dou um passo, querendo que ele se afaste.

— Quer seguir os passos do seu pai, Gael? — o outro policial cospe segurando o RG do Gael. Meu sangue esquenta vendo que os dois já o conhecem.

— Não, senhor — Gael responde encarando o chão, e o homem cheio de autoridade se aproxima, ficando cara a cara com Gael.

— É melhor mesmo. Estamos esperando só um deslize seu. Você roda igual a ele. — Os dois homens se afastam e jogam o documento dele em cima do carro.

Minha barriga dói com a vergonha que vejo no rosto de Gael. Que diabos foi isso?

— Gael...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu pedi que entrasse! — sua voz aumenta e eu dou um passo para trás. — Na próxima vez faz o que peço. Só isso.

— Fiquei confusa, preocupada, até...

— Isso faz parte da minha rotina. Onde eles me veem eles me param e fazem essa cena. Estou acostumado. — Mordo meu lábio ouvindo suas palavras.

— Por quê? Você não fez nada...

— Por ser filho de quem sou. Esse foi o legado que meu pai deixou para mim. — Gael respira fundo e se encosta no carro. Suas mãos alcançam minha cintura e ele me puxa em sua direção. — Não esquenta. Vem aqui. — Ele segura meu queixo e beija meus lábios devagar. Tento relaxar contra seu peito e consigo, beijando-o de volta.

— Valentina? — escuto a voz de Felipe e me afasto de Gael. Encaro meu irmão e sorrio.

— Oi! Ei, esse é o Gael. Um amigo meu.

— Ele estava engolindo sua língua, não acho que amigos façam isso. — Felipe tira o cabelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

longo dos olhos e eu semicerro os olhos para ele.

— Prazer, sou o Gael. — Os dois dão as mãos enquanto minhas bochechas queimam de vergonha.

Eu me despeço de Gael sem tocá-lo e entro em casa com Felipe.

— Nossa, como você é ridículo. Para que falar aquilo? — pergunto, empurrando seu ombro. Felipe ri de mim, se jogando no sofá, e eu lhe mando o dedo do meio indo para meu quarto. — Ah, e vou falar para o Luca que você não tá doente coisa nenhuma. Faltou aula porque quis!

Ele grita vindo atrás de mim, mas eu fecho a porta, rindo dele.

PERIGOSAS ACHERON



*“Desesperada, tão consumida por
Toda essa dor
Se você me perguntar o porquê, não
Saberei por onde começar.”*
TAKE ME HOME | JESS GLYNNE

DIAS DEPOIS

Alícia me pede para deixar a comida dos meninos na hora do almoço. Ela faz tudo bem cedinho e já deixa pronto para Luca e Kieran comerem na oficina. Não almoço em casa e Felipe também não. Ele estuda em período integral e eu como sempre na rua, vindo da faculdade.

Entro na oficina segurando as comidas e estranho a porção a mais. Ela não explicou para quem era, mas como já estava tudo junto, eu trouxe. Passo por Kieran e o cumprimento rapidamente. Entro no escritório de Luca e ponho os almoços próximo ao micro-ondas. Ponho o suco no frigobar e escuto alguém pigarrear.

— Oh... — Eu me viro e arregalo os olhos ao ver Gael parado.

Ele está todo sujo de graxa e suas mãos estão segurando uma chave de fenda maior que as que eu conheço. Seus olhos verdes brilham em minha direção e novamente eu sinto o frio que me invade toda vez que ele está me encarando.

— Ei. — FRANZO o cenho por ele estar aqui

dentro. Mesmo diante da confusão em vê-lo aqui, meu estômago se retorce lembrando o ocorrido depois de ele ter me pegado no campus. Eu me arrepio, recordando. Pensei que estava tudo bem, mas me enganei. Ele não respondeu minhas mensagens e pelo seu status, andou bastante ocupado com amigas e amigos.

Esperei que ele dissesse algo sobre o tal baile ao qual me levaria, mas a noite chegou e nada dele. Mais tarde, naquele dia, ele postou stories de algumas meninas rebolando a bunda para ele e dançando até o chão. Tirei meu time de campo.

— Ah, oi.

— Gael, essa é minha irmã, Valentina. — Luca chega por trás de mim e coloca seu braço sobre meus ombros.

— Hum, é, nos conhecemos...

— É um prazer — Gael me interrompe e acena. — Vou finalizar o que eu estava fazendo. — Então ele sai sem dizer mais nada. Que droga foi essa?

— Hum, você contratou...

— Sim, ele é um bom rapaz. — Luca sorri e vai em direção à sua comida, colocando-a no micro-ondas. — Ele é filho de uma pessoa do meu passado.

— Quem? — pergunto rapidamente e meu irmão cruza os braços, esperando sua comida esquentar.

— Rick — Luca fala de supetão e eu seguro a mesa com mais força. Não... — Ele é diferente do pai. Eu nunca o colocaria aqui se não soubesse disso. — Ele deve ter visto meu olhar, pois se apressa em explicar.

— Mas ele foi o motivo de você ter sido preso. — Arquejo horrorizada.

Rick era o dono de uma gangue enorme aqui da cidade. Ele comandava tudo e forçou Luca a trabalhar para ele. O resultado disso foi meu irmão durante anos na cadeia. Ele morreu algum tempo atrás dentro do presídio. Ninguém sabe o que aconteceu, mas Luca ficou sabendo. É obvio que ele não nos contou, eu o ouvi um dia conversando com o Theo.

— Rick, não Gael. Ele precisa do emprego

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

e eu ofereci. Não tem nada de mais...

— Luca, mas...

— Está tudo bem. — Meu irmão se aproxima e me abraça. — Eu juro pelas estrelas, Tina. — Aceno, encarando seus olhos castanhos.

— Tudo bem.

Fico algum tempo organizando uns papéis na oficina e logo decido ir embora. Theo ficou de vir me buscar para irmos ao cinema. Felipe está com ele desde a manhã. Felipe é muito apegado a Theo, eu confesso que já fui mais, porém cresci. Acontece.

— Theo chegou! — Luca grita lá da frente e eu o vejo junto com Kieran conversando com Theo.

Saio do escritório e paro quando Gael entra na minha frente. Engulo o caroço em minha garganta e encaro seu rosto. Não acredito que ele é filho do Rick. Não consigo acreditar.

— Ele te contou — ele afirma e eu suspiro, acenando. — É melhor assim.

Gael se afasta e eu sigo para a saída ainda sem pronunciar nenhuma palavra.

PERIGOSAS ACHERON

— Ei, menina! — Theo me puxa para seus braços e eu beijo sua bochecha.

— Ei, vamos? — chamo rindo e me afasto. Viro-me para me despedir do meu irmão e vejo Gael me encarando ao longe. — Tchau, gente.

Entro no carro de Theo tentando abafar a inquietação dentro de mim. Não quero ter que relembrar o que eu, Felipe e Alícia sofremos depois que Luca foi preso. A dúvida se seríamos mandados para um orfanato ou ficaríamos com Alícia. O que graças a Deus aconteceu, pois realmente não sei o que teria acontecido se Lipe e eu tivéssemos sido entregues ao sistema.

Alícia tentou com afinco e conseguiu nossa guarda. Enquanto crescíamos ela foi como uma mãe. Aguentou nós dois, foi nossa mãe mesmo tendo idade para ser nossa irmã. Lembro-me de escutá-la chorando em seu quarto diversas noites com saudade de Luca. Doía presenciar aquilo. Ela não merecia. Nenhum de nós.

Rick era a causa da nossa dor. E Gael era a extensão do pai.

Como ele mesmo falou: “É melhor assim.”

— Terra chamando Valentina! — Desperto dos meus devaneios com os estalos dos dedos de Theo em frente ao meu rosto.

— Oi! Desculpa, o que falou?

— Lorena ligou, não está bem para ir dirigindo para casa. Desculpa, podemos remarcar?

— Theo mostra o celular e eu aceno frenética.

— É claro. Vai cuidar dela. Tudo bem. — Assinto e digo a mim mesma que é por Lorena, mas a verdade é que também não estou com cabeça para cinema. Não mais, pelo menos.

Theo deixa a mim e Felipe em casa e nós dois seguimos rumos diferentes. Vou para o meu quarto e ele fica na sala ligando seu videogame.

Faço alguns trabalhos solicitados na faculdade e durmo por algumas horas. Até o toque do meu celular me acordar.

O nome de Vinícius na tela me faz suspirar e desligar o aparelho. Nossa, é isso mesmo? Anos sem receber nenhuma ligação desse número e do nada ele me liga?

Vinícius está a um patamar de imbecilidade

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu não consigo nem medir.

Depois do encontro do lado de fora da faculdade, dias atrás, eu me esforcei para não cruzar com ele. Ando fazendo isso bem demais, até.

Respondo algumas mensagens e uma de Clarisse me chamando para ir comer. Pergunto onde e que horas e minha amiga responde na hora. Eu me arrumo rapidamente, deixando de lado a maquiagem. A calça jeans preta e moletom cinza vão servir.

Desço ouvindo Alícia e Luca na cozinha e vou até lá para ver os dois se dividindo entre os gêmeos.

— Vou comer com a Clarisse e o Benjamim — aviso e me movo beijando os bebês.

— Ok. — Luca acena e sorri junto com Alícia.

Saio de casa e chego ao shopping em menos de vinte minutos. Avisto meus amigos de longe, mas paro de andar quando percebo a terceira pessoa na mesa. Respiro fundo e me movo em direção a eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei! — Tento sorrir forçadamente e Clarisse morde o lábio nervosa. Eu me sento ao seu lado e encaro o menino na minha frente. — O que está fazendo aqui?

— Benjamim é meu amigo. Você sabe — Vinícius explica dando de ombros, e eu olho de Ben para ele, tentando engolir isso, mas não desce. Que surpresa.

— Nunca foram. — Seguro seu olhar no meu e ele ergue as mãos, rindo de forma boba e relaxada.

Pedimos comida e comemos sem nenhuma pressa. Clarisse fala por cima sobre a sua aula e eu respondo, mas não estou confortável com Vinícius aqui.

— Consegui trocar meu turno para a noite, graças a Deus. — Benjamim coloca o braço sob os ombros de Clarisse quando fala e eu vejo Vinícius observar, atento.

— Você mudou de turno? Por quê? À noite é horrível... — Vinícius fecha o casaco grosso e estremece, mas não entendo o frio. A temperatura não está ruim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou...

— Benjamim está trabalhando de dia agora

— Clarisse interrompe Ben e eu aceno confirmando. Se ela não quer gritar aos sete ventos que vai ter um bebê, eu a apoio.

— Ben! — a voz conhecida ecoa e eu me pergunto se esse garoto tem o dom de aparecer em todo lugar. Jeffin se aproxima e cumprimenta o amigo.

Viro para sorrir também, mas a visão de Gael de pé, braços cruzados e olhar dirigido a mim me faz titubear.

— Ei, cara. — Ben se levanta falando. — Gael, como vai? — Os dois dão um aperto de mão e Gael acena sem responder nada.

— Isso é um encontro duplo? — Jefferson pergunta rindo e eu pego seu olhar vindo para mim. Com certeza deve achar que sou uma rodada. Estava com Gael noutra noite e hoje estou em um “encontro”.

— Parece que sim. — Gael cospe me encarando e eu franzo o cenho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, parece que sim. — Vinícius responde e eu bato na mesa, chamando sua atenção.

— Vou te esperar no estacionamento. — Gael sai andando e eu me ergo quase involuntariamente.

— Não é um encontro duplo — Clarisse esclarece e eu aceno, pegando minha bolsa.

— Volto já — aviso a ela e começo a seguir Gael.

Eu o procuro no estacionamento e o vejo a alguns metros ao telefone.

— Só vim ao shopping comer. O que foi? — Sua voz está tensa e eu me aproximo ficando na sua frente. Gael semicerra os olhos e volta a falar. — Certo. Volto mais tarde. Tá. Tchau. — Ele guarda o celular dentro do short e me encara em silêncio.

— Sei o que deve estar pensando e a resposta é não — falo calmamente tentando entender o motivo de eu estar aqui.

— Não estou pensando nada, Valentina — ele afirma alto o suficiente para eu escutar bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só quero...

— Distância. É isso que nós dois queremos.

— Gael se afasta assim que os seus amigos aparecem. — Temos um passado, Valentina, e ele não é bonito

— Gael...

— Ei! — Jeffin chega rindo e empurra Gael, que esbarra em mim, quase me derrubando, se não fossem suas mãos para me segurar. — Valentina, certo? Vinícius está te chamando. O playboy lá dentro. — Ele aponta para a entrada do shopping enquanto Gael se afasta de mim.

— Vamos embora. — Gael se afasta indo para o seu carro e seus amigos o seguem.

Volto para dentro e me sento ao lado de Vinícius. Clarisse e Benjamim me encaram confusos, e eu suspiro.

— Seu namorado novo não quis ficar e participar? — Vinícius pergunta cheio de ironia e eu respiro fundo, tentando ter calma.

— Você está saindo pra valer com o Gael?
— Benjamim arregala os olhos e eu bufo, revirando

PERIGOSAS ACHERON

os olhos.

— É, eu estou. — minto ao falar essa frase no presente. Gael e eu não vamos mais nos ver, isso é certo. Benjamim acena encarando Clarisse, que só dá de ombros. Ela sabe por cima sobre Gael.

— Mas o que aconteceu? Ele ficou com raiva por causa do Vinícius aqui? — Clarisse pergunta calma, e eu suspiro, negando.

— Ele não liga para o que Vinícius faz — resmungo chateada, mas suspiro encarando meu ex-namorado. — Eu só não entendo. O que você quer? — volto a perguntar e as lágrimas mais uma vez tentam me derrubar. — Eu te amei mais do que qualquer homem em minha vida. Você sumiu, me deixou destruída e agora volta e faz cada ação dolorosa contra mim...

— Val...

— Não, Clarisse, eu só preciso entender. O que ele fez nesses anos? Onde esteve? Por que voltou? Por qual motivo não me deixa seguir minha vida sem a interrupção dele? — Volto a olhar para Vinícius e limpo meus olhos. — O que está fazendo agora, sentado aqui, com meus amigos?

PERIGOSAS NACIONAIS

Responde as minhas perguntas. É tudo que te peço.

— Calma, Valentina — Benjamim sussurra e eu percebo que elevei a voz.

— Vou embora. — Vinícius se levanta e eu já me ergo para segui-lo, mas seu rosto fica branco e ele cai no chão.

— Vinícius! — grito indo até ele e me ajoelho ao seu lado. — Liga para a emergência. Agora. — peço a Clarisse quando vejo que ele desmaiou. Pressiono seu pulso tentando sentir sua pulsação e respiro aliviada ao constatar que ela existe.

Sua pele gelada e seu corpo mole fazem medo rastejar sob minha pele, e como em um passe de magia eu recordo a fala da sua mãe.

“Vinícius quer desistir do tratamento...”

PERIGOSAS ACHERON



*“Você ainda pode ser
O que você quer ser
O que você disse que era
Quando você me conheceu.”*
MEDICINE | DAUGHTER

Fico no hospital por algumas horas, esperando notícias. Os pais de Vinícius chegaram há um tempo, mas por mais preocupada que eu esteja, não vou submetê-los a questionamentos. Só uma pessoa me falará o que está acontecendo. E ele acaba de ser transferido para um quarto.

Mordo meu lábio enquanto enxugo as lágrimas, tentando esconder o fato de que estou apavorada. Minhas mãos tremem assim que me ergo.

— Flaviana, eu realmente preciso falar com seu filho. Então, quando entrarem lá, avisem-no que não irei embora até falar com ele. — Paro a mãe de Vinícius quando o médico avisa que podem subir.

— Falarei, Valentina. — Ela sorri limpando o rosto molhado, e eu aceno voltando a me sentar.

Não demora muito, talvez meia hora, até que minha entrada é permitida.

Flaviana e o pai de Vinícius estão fora do quarto depois que saio do elevador. Sorrio acenando e abro a porta. O rosto com o qual eu sonhei diversas vezes está olhando para mim, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os olhos angelicais de quando o conheci, ou os frios e distantes depois da sua volta estão longe de serem vistos. Cansaço. É tudo que refletem seus olhos.

— Senta aqui. — Sua voz arranha e ele aponta para a cadeira ao lado da sua cama.

— Vinícius... — Ele se encosta na cama e fecha os olhos.

— No dia que nos despedimos, anos atrás, eu e meus pais viajamos. — Encaro seu rosto pálido e seus lábios ressecados se movimentando enquanto me sento e tento me acalmar. — No meio da viagem eu passei muito mal. Não conseguia sair da cama, estava muito cansado e fadigado. Minha mãe pensava que eu estava com alguma virose e me levou ao médico. Ele me medicou e passou remédios para tomar no hotel. Eu não melhorei. Ao contrário, começaram a aparecer várias manchas em meu corpo e o cansaço piorou. Então meu pai resolveu que deveríamos voltar para casa, que seria melhor, para mim, estar no Brasil, porém o médico disse que seria perigoso. Então, ficamos em Nova York. Fui a outro médico e ele pediu exames. Foram vários. — Vini suspira e aperta a mão

PERIGOSAS ACHERON

fechada. Coloco a minha sobre a dele e me inclino em sua direção. — Nos exames foram encontradas alterações no meu sangue. Depois de muitos exames, eles descobriram que eu estava com câncer. Leucemia Mieloide Aguda, para ser exato. — Balanço a cabeça tremendo e me afasto, tentando respirar.

— Se essa for mais uma das suas brincadeiras para me magoar, pare. Para agora, Vinícius... — exijo me erguendo da cadeira. Não acredito que mais uma vez estou passando por mais uma de suas criancices.

— Nossa, eu queria que fosse. — Ele ri amargo e esfrega o rosto. Eu ando pelo quarto e volto a me sentar com medo de desmaiar. — Fiz quimioterapia por um tempo, fiquei irreconhecível. Magro, sem cabelo e sobrancelhas... Tentei a todo custo me curar, fui persistente e um dia consegui vencer. Foi um dos dias mais felizes da minha vida. — Vinícius sorri e eu tenho um vislumbre do garoto por quem me apaixonei no passado. — Permanecemos nos Estados Unidos, pois meu pai estava consolidado no trabalho, e minha mãe achou

mais seguro. Passamos esses anos lá e estava tudo bem. Era bom, mas eu sempre senti que ele voltaria.

— Quem? — forço minha garganta perguntar e Vinícius sorri em meio às lágrimas que enchem seus olhos. Ver seu semblante derrotado só me faz soluçar e tentar respirar em meio ao choro inconsolável.

— O câncer. — Ele pisca e olha para o céu escuro pela janela. — A cada noite eu pedia às suas estrelas para que ele não voltasse, eu tinha medo, morria de medo. Então, há alguns meses, eu senti tudo novamente. E eu sabia que o câncer tinha voltado. — Vinícius pega minha mão enquanto tento inutilmente parar de chorar. Minha camisa está molhada com as lágrimas, e meu nariz, entupido.

Meu coração está em pedaços e nem que eu conseguisse toda a cola do mundo, ela jamais seria capaz de juntar os cacos. Meu corpo dói, mas minha alma sangra pelo garoto que eu amo.

— Não... — Meu queixo treme e ele segura minha mão com mais força.

— Tina, está tudo bem. — Seus dedos deslizam pelo meu rosto e ele limpa minhas lágrimas. — Eu sei que te magoei não dando notícias, mas eu... eu sempre esperei a morte vir me buscar. Não queria ver mais uma pessoa sofrendo por mim...

— Ela não vem. Você venceu uma vez, pode vencer novamente...

— Claro, quem sabe? Eu não queria começar outro tratamento. Droga, eu odeio isso, mas ver o medo novamente nos olhos dos meus pais me fez ver que preciso tentar, só mais uma vez. — Vinícius acena para suas próprias palavras e eu me ergo, sentando-me na sua cama. Eu me jogo em seus braços e o tempo parece parar. O garoto que eu amei de anos atrás está me envolvendo em seu colo enquanto eu murmuro o quão forte ele é.

— Vai dar tudo certo — sussurro contra seu peito, sentindo seus dedos acariciarem meu couro cabeludo.

E eu rezei como nunca para que fosse verdade.

Chego em casa mais tarde do que eu
PERIGOSAS ACHERON

costumo, então não me surpreendo ao ver Luca e Alícia acordados.

— Onde diabos você estava? Cadê seu celular? — Luca questiona furioso, e eu suspiro me sentando no sofá.

— Ele descarregou. — Mostro meu celular aos dois. — Eu estava no hospital...

— O quê? Por quê? Você está bem? — Alícia se aproxima nervosa, e eu aceno.

— Estou bem. Vinícius passou mal enquanto estávamos comendo. O levei ao hospital — explico superficialmente e os dois se sentam.

— Ele está bem?

— Ele tem câncer. — Pronuncio a palavra sentindo meu coração contrair. Minha barriga está dando voltas e eu acho provável que em breve vá vomitar. — Ele teve anos atrás e se curou. Agora está em recidiva. — Respiro fundo e encaro o rosto de Alícia cheio de surpresa.

— Meu Deus...

— Ele está bem. Vai começar outro tratamento e eu sei que vai se curar. Ele é forte. —

Aceno afirmando, e Alícia e Luca me abraçam. — Vai dar tudo certo... não é? — pergunto e minha voz falha. Soluço contra o peito do meu irmão e ele acaricia meus braços enquanto Alícia me envolve também.

— Claro, querida. Pensamento positivo sempre. — Minha cunhada beija meus cabelos e eu choro por um longo tempo, sendo amparada pelos dois.

Não sei como vou parar na minha cama, mas na manhã seguinte eu acordo nela.

— Você está bem? — Felipe questiona da porta do meu quarto e eu o chamo com a mão. Nós nos deitamos juntos e eu aceno, o encarando.

— Sim, melhor. — Lipe sempre foi o mais quieto de nós três, então, quando ele me abraça e permanece comigo, deitado, eu entendo nas entrelinhas o quanto ele se importa comigo. E isso é o bastante para que lágrimas encham meus olhos.



ALGUMAS SEMANAS DEPOIS

As idas ao hospital para ver Vinícius

estavam mais regulares. Todos os dias ao sair da faculdade eu estava lá. Pude ver seu corpo ficando fraco e os primeiros cabelos caírem. Sofri vendo que a quimioterapia o deixava cansado e estressado. Ele me explicou que no passado ia fazer a quimio e voltava para casa, mas que dessa vez não poderia ser assim. Ela estava agressiva, era melhor ficar internado.

— Valentina! — Flaviana me vê chegando e eu sorrio lhe dando beijo na bochecha.

— Oi! Tudo bem? — questiono sorrindo, e ela acena engolindo em seco.

— É... Vinícius não está em um bom dia hoje. Você poderia voltar depois? — A forma que ela fala me faz temer um pouco, porém sei que ela jamais mentiria para mim.

— Claro. Mas ele está bem, certo? — questiono tentando sorrir, e ela acena dizendo que sim.

Saio do hospital e vou para casa. Não tem ninguém em casa hoje, Felipe está na escola, e Alícia, com os filhos na galeria. Pego meu almoço da sacola e o aqueço no micro-ondas. Batuco meus

PERIGOSAS ACHERON

dedos no balcão, esperando, e me sento para comer quando finaliza.

A campainha toca assim que ergo o gafo com macarrão. Deixo minha comida no prato e vou até a porta. Assim que a abro, meu estômago dá uma volta e esfria de um jeito perturbador. As batidas do meu coração aceleram e eu forço um sorriso, tentando me acalmar.

— Luca pediu que eu viesse buscar uma caixa com ferramentas que ele esqueceu — Gael explica rápido sem me olhar diretamente, e eu fico calada olhando para ele. A camiseta que cobre seu corpo é bastante cavada e seus músculos se sobressaem nas laterais, chamando minha atenção. O short jeans está sujo de graxa e eu mordo meu lábio quando chego ao seu rosto. Aceno sem dizer uma palavra sequer e o deixo entrar.

— Ele te falou onde está? — encontro minha voz e questiono. Não vi mais Gael desde o dia em que ele me viu jantando com Vinícius. Às vezes uma publicação ou duas passam pelo feed do meu Instagram, mas eu evito curtir. Seus stories eu vejo apenas quando passam dos de alguém para os

dele e eu só percebo depois.

— Não. Pensei que você soubesse. — Ele coloca as mãos nos bolsos do short e encara minha casa. Percebo que essa é a primeira vez que ele entra aqui.

— Não, eu não sei. — Dou de ombros e ando para a cozinha. Às vezes Luca põe as coisas no quintal. — Você já almoçou? — pergunto quando o vejo encarar meu prato.

— Já, obrigado. Vou ligar para ele...

— Não, eu te ajudo a procurar.

— Você está almoçando. — Seu olhar encontra o meu e eu respiro fundo.

— Ele sempre guarda algumas coisas no quintal. Não se preocupa, será rápido — eu me apresso em dizer e saio da cozinha. Abro a porta de um quartinho dos fundos da casa à procura alguma caixa pelo espaço. — É aquela? — Aponto para a prateleira mais alta e Gael se aproxima, quase tocando meu corpo. Sinto o calor emanando da sua pele e me recrimino por fechar os olhos para recordar o dia em que ele me tocou. Sem esforço,

PERIGOSAS NACIONAIS

Gael a tira e se afasta de mim rapidamente.

— Valeu!

E ele sai andando em direção à casa.

Caminho atrás dele e entramos na casa. Ele para no meio da cozinha e se vira. Novamente seus olhos encontram os meus e eu posso afirmar que o tempo parece parar. Não sei explicar toda a comoção dentro de mim quando estamos perto, juro que eu não queria. Mas parece que a distância só fez o desejo que sinto por ele aumentar.

— Sinto muito pelo Vinícius. Não o conheço direito, mas aposto que não merece o que está passando. — A dor por Vinícius parece reacender e a vergonha preenche meu corpo. — Desejo que ele melhore. — Gael acena e sai da cozinha, me deixando completamente sem ação.

Eu o sigo, tentando engolir o caroço que se forma na minha garganta, mas vejo que meus esforços são inúteis.

— Obrigada. E desculpa...

— Por qual motivo? — Ele franze o cenho ao virar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

— Por tudo. Acho que reagi de uma forma pouco esclarecida depois de descobrir que seu pai...

— É o culpado por seu irmão ter passado anos na cadeia. Você reagiu melhor do que eu reagiria. — Gael respira fundo e esfrega o rosto. — Descobri que você era irmã dele no momento em que vi sua casa. Eu sabia. Fui idiota por não ter contato logo e me afastado. Só isso...

— Não. Você não tem culpa de nada, nem eu. Estávamos curtindo e estava dando certo. Eu deveria ter agido de uma forma melhor. Aceite minhas desculpas e pare de retrucar — eu reafirmo e vejo um sorriso pequeno se formar em seus lábios quando ele acena.

— É bom. Nós dois, eu quero dizer. — Ele dá um passo em minha direção e minha respiração engata quando ele se inclina sobre mim. — Eu senti saudades do que não conseguimos viver. Sinto sua falta, Docinho.

— Gael, foi bom. Eu realmente gostei — confesso me afastando. — Porém eu amo Vinícius. Estou convicta de que poderemos voltar e ele ficar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem — explico claramente enquanto retorço minhas mãos.

Vinícius não me pediu para me afastar de Gael. Ele não me pergunta o que faço quando não estou no hospital ou insinua que não temos nada. Ele aceita minha companhia e eu fico ali, esperando o momento para reatarmos. Sei que vai ser difícil, nossa, será complicado, mas podemos. Sei que ele me ama e ninguém pode contrariar o amor que sinto por ele. Nunca.

— Boca e corpo — Gael murmura e franze o cenho. — Foi o que eu sempre te pedi. Não o seu coração.

— Tudo pertence a ele — consigo falar de forma firme e ele acena, se distanciando.

— Ok. — Gael desvia os olhos verdes dos meus — Eu espero que ele cuide de tudo. — Então ele some pela porta da minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Apaixonar-se é agri-doce
Se esse amor é forte, porque eu me sinto fraco?”*
HOW WILL I KNOW | SAM SMITH

No dia seguinte eu acordo cedo e não vou à faculdade. Hoje é o primeiro pré-natal de Clarisse e ela me convidou a vir, pois Benjamim está trabalhando e não poderá acompanhá-la. Passo na casa de Ben e a espero dentro do Uber que solicitei. De calça jeans e moletom, a vejo se aproximar ao mesmo tempo em que a porta da sua casa se abre. Suspiro vendo sua mãe parar para olhá-la.

— Mãe... — A voz da minha amiga some quando a mulher engole em seco e volta para dentro com o rosto fechado. O semblante de Clarisse cai e ela morde o lábio, vindo até o carro.

— Bom dia. — Sorrio fraco e aproveito o cumprimento para abraçá-la.

— Bom dia. — Clarisse me dá um pequeno sorriso, mas as lágrimas em seus olhos fazem meu peito apertar. — Eu só queria que ela... — a voz embarga sua fala e eu a abraço, tentando consolá-la.

— Fica calma. A médica vai te dar um sermão sobre como não deve chorar muito, etc — digo rindo e ela acena, limpando o rosto.

—Você está certa. — Ela passa alguns
PERIGOSAS ACHERON

minutos em silêncio e eu encaro a janela do carro.
— Me conta, como está sendo com Vinícius no hospital? — Clarisse se vira para mim e eu suspiro.

— Difícil. Sorrimos, brincamos e *etecetera*, mas ele está distante. Nós... hum... Não conseguimos ficar confortáveis, sabe? — consigo explicar mesmo diante da minha própria confusão.

— É normal, vocês ficaram muito tempo sem se verem. — Ela me encara séria e eu relaxo, acenando.

Com certeza deve ser isso. Faz anos desde que fomos verdadeiramente namorados, cúmplices. Ríamos de tudo e compartilhávamos um só pensamento. A distância nos afastou física e emocionalmente, porém ainda acho que tudo está aqui. Nós só precisamos andar em direção ao outro para que depois possamos caminhar juntos.

— E o Gael? — A pergunta abrupta me faz elevar a cabeça rápido e olhá-la, espantada. — Quê? Vocês estavam ficando. Vinícius está doente, eu entendo a situação, mas estamos falando da sua vida aqui, Valentina.

— Se Benjamim estivesse com câncer você
PERIGOSAS ACHERON

estaria preocupada com outro cara? — pergunto de supetão, assustando nós duas. Clarisse olha para o motorista, que segue silencioso, e me encara de volta.

— Eu o amo...

— Eu amo o Vinícius. Nós duas sabemos o quanto eu sofri quando ele foi embora, o quanto ansiei por sua volta... — interrompo-a novamente, ácida, e ela acena, mordendo o lábio. Clarisse não é minha melhor amiga por acaso, ela me conhece.

— Sei de tudo isso e não quero diminuir sua dor. Jamais. Porém Vinícius é outra pessoa. Ele mudou e você também. Será que vale a pena tentar voltar? — Clarisse suspira e pega minha mão. — Não quero te aborrecer. Eu te amo, só preciso ser a voz da razão agora que suas emoções estão te afogando.

O motorista para, interrompendo nossa conversa, e nós duas saímos depois de pagarmos a corrida.

— Só preciso saber se o amo da mesma maneira de antes. Se a resposta for sim, então, eu vou tentar reconstruir tudo. — Respiro fundo, me

PERIGOSAS ACHERON

acalmando enquanto andamos até a recepção. — E Gael é passado. Ele não é para mim e eu não sou para ele. Ponto final.

— Ok. Você é a única pessoa que sabe o que é melhor para si. — Então ela sorri e se afasta.

Espero com Clarisse sua vez de ser atendida e nós duas nos entretemos com o Instagram e Facebook. Na sua vez, a gente entra na sala e a médica faz mil perguntas sobre a saúde dela e da família. Passa vários exames e receita algumas precauções.

— Coloco a parada final na sua casa? — Clarisse pergunta assim que marcamos seus exames.

— Não, eu vou subir para ver Vinícius. — Aponto para o elevador e ela acena.

— Desculpa se o que falei te chateou. Só quero seu bem. — Ela me abraça e eu suspiro, balançando a cabeça.

— Não precisa de desculpas. Eu entendi tudo.

Nós nos despedimos e logo partimos para

caminhos diferentes. Subo até o andar do setor de oncologia e sorrio para a recepcionista. Eu me aproximo e a aviso que estou aqui para visitar o Vinícius.

— Hã, desculpe, sua entrada não está autorizada. — Suas palavras entram na minha cabeça, mas não fazem sentido.

— Como? Acho que você está enganada...

— Novamente, peço desculpas, mas você precisa se retirar. — Ela acena em direção ao elevador e eu pisco, sem entender nada.

— Mas... — Paro de falar ao ver Flaviana andando em direção ao elevador. — Flaviana! — chamo um pouco alto para um hospital, mas corro em sua direção, sem esperar o *shiu* das enfermeiras.

— Oh, Valentina. — A mãe de Vinícius olha para os lados, parecendo assustada ao me ver, e eu suspeito que ela saiba o que está acontecendo.

— Tudo bem? — Respiro fundo, me acalmando, e espero seu aceno. — Você sabe por que não fui autorizada a entrar? A enfermeira disse... Eu só... — Paro de falar quando os olhos

dela deixam os meus e encaram o chão. — Pode me falar.

Flaviana respira profundamente e me olha. Minha barriga embrulha quando percebo o sentimento de pena inundando suas íris. Mordo meu lábio à espera de uma resposta, mas mesmo se ela não me desse eu saberia que Vinícius proibiu minha entrada.

— Ele não quer que você o veja fraco. Ele... — Ela encara seus sapatos bonitos e sua fala morre.

— Nossa... — Tento parar a onda de lágrimas que enchem meus olhos, mas é inútil. — Nem uma conversa? Pelo menos me dizer que... — Olho para meus pés cobertos pelo meu próprio sapato e respiro fundo, tentando explicar para mim mesma que Flaviana não merece que eu esteja cobrando nada. Não a ela. Não nesse momento. — Tudo bem. Obrigada.

Eu engulo meu descontentamento e entro no elevador. As batidas do meu peito estão aceleradas e minha barriga dói com o gelo que se formou. Encaro o teto quando as portas se fecham e

Flaviana some. Minha garganta dói e eu levo a mão aos lábios quando não consigo mais deixar o choro longe.

Coloco meus óculos escuros assim que saio do hospital. Pego um ônibus e choro o caminho inteiro até minha casa. As pessoas me encaram, sussurram, mas eu não as vejo ou ouço. Eu só sinto dor. Tento imaginar diversas vezes o motivo por trás dessa decisão de Vinícius, mas infelizmente nada a não ser Gael preenche meus pensamentos. Será que Vini acha que eu ainda estava com Gael? Será que ele imagina que eu sinto algo por Gael?

As perguntas continuam a me bombardear mesmo quando estou em minha cama, longe da minha família, que me viu chegar, mas me deixou passar sem fazer nenhuma pergunta.

Encaro as estrelas enquanto me sento na minha varanda e questiono aos pontos brilhantes o motivo de Vini ter me afastado. Sei que não foi por sua aparência. É claro que ele está debilitado. As quimioterapias estão o deixando cansado e seus cabelos estão começando a cair. Eu mesma peguei um tufo quando estava acariciando seus cabelos

dias atrás. Ele brincou na hora e disse que precisava de um corte de cabelo.

As estrelas não me dão resposta, por isso entro em meus lençóis e esqueço por um momento meu coração dolorido.

Os dias se passam e todas as noites eu pego meu celular para enviar mensagens a ele, mas desisto. Desisto, pois mesmo que eu esteja irritada, magoada e me sentindo inútil, sei que não posso dar uma de menina mimada querendo atenção e respostas. Ele não precisa me dar nenhuma delas, não quando está internado em um hospital recebendo vários remédios na veia. Vinícius não merece que eu dê uma de louca.

Porém, quando o hospital novamente era palco para mim e Clarisse, que estava fazendo exames eu repensei diversas vezes. Por que eu não mereço explicação? Eu mereço sim. Mereço pelo menos uma resposta. Por isso eu subo calmamente, depois de pedir licença à minha amiga e avisar que logo voltaria. A enfermeira era nova e, talvez, ela não soubesse que eu estava proibida de entrar, porque ela sorri e me entrega uma etiqueta de

visitante.

Bato na porta duas vezes e quando toco na maçaneta, meu celular toca. O número de Luca aparece e eu engulo em seco, atendendo-o.

— Onde está? Preciso de você na oficina.
— A comoção por atrás da sua voz me envia um alerta.

— Por quê? Estou no hospital com Clarisse...

— Você foi ver Vinícius? — O tom de voz acusador do meu irmão não passa despercebido. — Se ele proibiu sua entrada, não force indo aí. Você sabe que conversei com a mãe dele...

Eu sabia. Flaviana ligou para Luca e o avisou de toda situação. Nós conversamos e ele me pediu para dar espaço para Vinícius se recuperar. Eu sabia que estava dando espaço, mas eles, não, e então me avisaram para fazê-lo.

— Eu... — A mentira quase sai, mas meu irmão me conhecia como sua palma da mão. — Por que quer que eu vá aí? — mudo de assunto rapidamente tentando respirar fundo.

Ando em direção ao elevador e chamo o quadrado de metal.

— Algo a ver com Gael bêbado chamando você. Não entendi porra nenhuma, e quando você chegar aqui vamos conversar. — A menção do nome de Gael me faz estremecer.

— Não tente persuadir ele enquanto está bêbado por fofocas. Você está sendo tão metido esses últimos dias, Luca. — Franzo as sobrancelhas, me olhando no espelho. Que caralho Gael está balbuciando na oficina?

— A porra do meu funcionário está chamando minha irmã e uma *Docinho*, e eu que sou o metido? Você deveria ter me dito alguma coisa, pelo amor de Deus! Vocês estão o quê? Saindo? — A voz dele sobe e eu afasto o celular da minha orelha.

— Quer saber? Eu não vou aí de maneira nenhuma. Estou com Clarisse, como falei. Cuide de Gael você mesmo. Ele não é nada meu! — Desligo meu celular e volto para o corredor que dá para o quarto de Vinícius. Precisa de espaço, Vinícius? Eu vou te dar, depois de ter respostas.

Abro a porta rapidamente e meu estômago congela quando vejo Vinícius. Parece surreal, mas a cada vez que o vejo eu o amo mais um pouco. Como isso pode acontecer? Sua cabeça está raspada, seus olhos, fundos, e eu vejo pela bata do hospital que ele perdeu peso.

— Sinto muito — murmuro quando seus olhos escuros encontram os meus.

— Eu já estava de saída — uma voz feminina ecoa e eu me viro para o lado a tempo de ver Ellen de pé, com sua bolsa cara. — Me desculpa, Vini. — Ela engole em seco e passa por mim sem dizer nada.

— O quê? — Aponto para a porta por onde Ellen passou e Vinícius suspira.

— Sente-se aí. — Ele acena em direção à cadeira e eu balanço a cabeça, dispensando.

— Eu passei esses dias tentando entender. Te compreender, realmente. — Sorrio, depois de respirar fundo. — Tentei me colocar no seu lugar, imaginar que tudo isso é difícil para você e que, mais do que qualquer pessoa, você está sofrendo. — Torço minhas mãos e volto a sorrir, mas sem

PERIGOSAS ACHERON

alegria nenhuma. — Suas escolhas, e eu deveria aceitar. Porém hoje, depois de dias, eu não neguei a mim mesma o direito de resposta. De explicação. Então, Vinícius, me perdoa se você acha que eu estou fazendo algo errado e estou te machucando, me perdoa se ao tentar colar os pedaços do meu coração, vindo aqui, eu estou te ferindo. Essa não é a minha intenção. Te ferir nunca vai ser minha intenção. — Eu encaro seu olhar, que ainda está preso ao meu, e limpo minha bochecha molhada. — Eu só quero que você me explique o motivo de eu não poder estar ao seu lado nesse momento. Por que eu sou afastada sem uma explicação? Sei que sofreu muito nos anos em que estivemos separados, mas porque eu mereço esse tratamento novamente? Por que eu tenho que estar sofrendo de novo...?

— Valentina...

— Me perdoa. Eu estou confusa, magoada e muito culpada por estar aqui depois de você proibir minha entrada...

— Você pode me deixar falar, porra? — Vinícius eleva a voz e eu estremeço com o xingamento. Ele balança a cabeça e respira fundo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpe, você só está falando loucamente, me pedindo explicações e não me deixa te dar elas.

— Eu sinto muito.

— Não sinta. Eu sou um grande otário. Essa é a verdade. Um cuzão, como me chamou quando nos conhecemos. — Ele sorri de lado e a lembrança pisca em minha mente. — Eu afasto as pessoas quando não sei lidar com elas. Eu te afastei porque eu não sei mais lidar com você. Não é mais a minha Valentina. É outra, e com essa eu não sei lidar.

— Não mudei...

— Mudou. Nós mudamos e tudo bem, porque é isso que o tempo faz com as pessoas. — Vinícius lambe os lábios ressecados e eu me aproximo, tentando me acalmar. — Você é a garota dele, Valentina. Não é mais minha...

Minha barriga afunda e eu arregalo os olhos, sentindo a cor ser drenada do meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON



*“Parte de mim é parte de você
Então pegue minha mão, eu quero que você sinta
Palavras que você não pode ouvir / eu te amo tanto
E você me ama / Então me diga por que eu me
sinto assim
Como se milhares de quilômetros nos
separassem.”*

LOVE CAN SAVE IT ALL | ANDRA

— Você está falando de quem? Eu sou sua, sempre fui e sempre vou ser... — falo exasperada, tentando convencê-lo de que ninguém mais tem meu coração.

— Não. Você foi minha e eu amei cada segundo. Se hoje não é mais, culpe a mim por isso. É a verdade. — A cada palavra dita meu coração apertava, como se tivesse um punho grande que se fechava em torno dele, o fazendo sangrar.

— Eu o conheço há alguns dias. Não o amo nem metade do que amo você. Sou sua! Eu sou sua. Você é meu, Vinícius — afirmo séria e ele acena.

— Sou. Droga, sim, eu sou completamente seu. — Ele sorri quando admite e eu me aproximo mais, pegando em seu rosto.

— Eu ainda amo você. Não me afaste por causa de um garoto com quem saí um par de vezes. Gael é um cara incrível. Gosto dele, quero que ele fique bem, mas o único homem que amo está diante de mim, então, baby, não me afaste. Me aceite aqui, ao seu lado. Nada me faria mais feliz, eu juro pelas estrelas. — Seu olhar brilha enquanto encostamos nossas testas. A respiração dele alcança meus

lábios e eu suspiro. — Nossas estrelas, Vini.

Ele relaxa e, quando o faz, eu encosto meus lábios nos dele. Vinícius segura minha cabeça entre suas mãos e sua língua se aprofunda em minha boca. O gemido que ambos soltamos ecoa pelo quarto e minhas bochechas coram. Abraço seu corpo e tenho cuidado para não apertar demais.

— Juro por Deus, sua boca parece o céu — ele geme se afastando e eu sinto minhas bochechas corarem mais um pouco. — Eu amo você, Valentina. — Meu estômago se revira e eu sorrio pela primeira vez em tempos.

— Eu amo você, Vinícius.



Tive que sair mais rápido do que eu gostaria por causa de Clarisse. Estou nervosa e ansiosa para contar o desenrolar com Vinícius, mas quando minha amiga coloca seus olhos sobre mim, ela sabe que eu estou feliz. Aposto que meu sorriso pode ser visto a quilômetros.

— E aí?

— Graças a Deus nos resolvemos. —

Suspiro feliz e ganho um abraço de urso dela.

— Fico feliz, Valentina. De verdade. —
Pelo seu olhar, eu sei que era verdade.

— Eu ainda o amo. Hoje mais do que nunca
tenho certeza disso.

E era verdade. Vinícius tinha meu coração
nas mãos.



Quando chego em casa Luca está na sala de
braços cruzados, me esperando. Ando diretamente
para o sofá, mas paro quando vejo quem está
deitado sobre ele.

— Que diabos? — sussurro engolindo meu
grito e encaro Luca. — O que Gael está fazendo no
meu sofá? — Eu me aproximo e engulo em seco.
Meu coração acelera e eu tento respirar
calmamente.

— Sobe. Agora. — Luca acena em direção
às escadas e eu bufo, fazendo o que me foi pedido.
Fecho a porta do meu quarto assim que Luca entra.

— O que está acontecendo? — questiono,
franzindo as sobrancelhas. Gael estava machucado,
PERIGOSAS ACHERON

eu vi pelo seu olho inchado e sua sobrancelha cortada. — Você bateu nele? — Coloco minha mão sobre a boca, em choque. — Você bateu nele? — volto a perguntar gritando.

— O quê? É claro que não! — Luca me encara furioso e eu respiro com dificuldade.

— O que aconteceu?

— Ele estava bêbado. Eu falei para você! — meu irmão grita e tenta se acalmar, andando pelo quarto. — Você já o conhecia. Vocês estavam saindo...

— Isso...

— Conta a verdade! — ele me interrompe e se aproxima, apertando os olhos. — Você mente para mim, Valentina. Mentiu sobre Gael e mentiu sobre estar vendo Vinícius hoje!

— Não menti...

— Olha a droga da sua camisa. — Eu baixo meus olhos e encaro a etiqueta de visitante. Minhas bochechas esquentam enquanto engulo em seco.

— Luca, eu não menti. Eu omiti estar visitando Vinícius, porque achei melhor falar

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoalmente — começo, tentando encarar o rosto inexpressivo do meu irmão. — Eu decidi que deveríamos conversar, e que bom, porque voltamos e estamos bem.

— Voltaram? — A voz de Luca soa irritada e eu não compreendo o motivo. — Você fica com Gael e depois volta com seu namorado do tempo de escola?

— Luca, Vinícius não é só meu namorado do tempo de escola, eu o amo. Você sabe disso...

— Eu pensava que sim, mas ninguém fica com outra pessoa quando ama alguém...

— Claro que fica! Vinícius estava longe muito tempo, me tratou feito merda quando voltou, Gael é incrível, eu realmente gostei de sair com ele. É normal ficarmos com outras pessoas quando a pessoa de quem gostamos está seguindo sua vida — digo séria e firme. — Vinícius precisa de mim agora. E eu o amo...

— Olha, você já é uma adulta. Faça suas escolhas e depois lide com elas. — Luca respira fundo e esfrega o rosto rigidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que trouxe Gael para casa? —
questiono, me lembrando do homem em meu sofá.
— E o que aconteceu com o rosto dele?

— Gael morava com o tio. Descobri hoje
que o filho da puta gostava de usar Gael como saco
de pancadas. — Arregalo meus olhos e sinto meu
coração perder uma batida.

— Não...

Gael é enorme, nunca imaginaria que
alguém o enfrentaria.

— Sim, então Gael chegou bêbado ontem e
tiveram uma briga. Não sei os detalhes, mas o tio
só jogou Gael na oficina. — Abro minha porta e
começo a descer as escadas, porém uma mão em
meu braço me faz parar. — Ele vai ficar aqui por
enquanto...

— Como assim? — Volto para encarar o
rosto do meu irmão e ele me olha de volta com o
semblante fechado.

— Gael está morando aqui a partir de hoje.

— Você está louco...

— Não, estou falando sério. Até Gael

PERIGOSAS ACHERON

conseguir um lugar para morar, ele fica aqui...

— Não pode, ele... — Minha cabeça dá um nó e as batidas do meu peito aceleram com o medo que se instala dentro de mim. — Vinícius vai enlouquecer. Luca, por favor, você precisa...

— Se você ama seu namorado e ele a você, precisam confiar um no outro. Gael aqui não vai modificar nada. — Engulo em seco e Luca suspira, relaxando seu olhar. — Pareço estar sendo um idiota, mas quero seu bem, Valentina. Com Vinícius ou sem. Sua felicidade me basta.

— Eu sei, mas, Luca, Gael aqui vai complicar meu namoro. Saí com ele e foi legal para nós dois. Gael não sabe nem que voltei com Vinícius e...

— Fale com ele, então.

Luca me abraça e mesmo que eu estivesse chateada pela sua decisão, eu não podia deixar de abraçá-lo de volta. Mesmo não entendendo, descubro em nossa conversa que meu irmão se sente responsável por Gael. E eu não poderia culpá-lo, mesmo que eu saiba que ele não deveria se sentir assim. O pai do Gael destruiu um tempo da

PERIGOSAS ACHERON

vida de Luca, não o contrário.

Subo as escadas de volta ao quarto e pego o kit de primeiros socorros que Alícia deixa em cada quarto da casa. Desço devagar e me sento na mesinha de centro, me inclinando sobre Gael. Embebedo o algodão com água oxigenada e deslizo pelo corte na sua sobrancelha. Sua boca se movimenta, mas somente gemidos saem por seus lábios. Passo pomada e coloco um Band-Aid em cima. Faço o mesmo com o corte em sua maçã do rosto e me afasto, encarando o homem moreno de cabelos cacheados à minha frente.

Meu coração parece uma bateria de escola de samba quando encaro seus olhos abertos segundos após. Por que reajo a ele dessa maneira?

— Droga, você está aqui mesmo ou estou sonhando de novo? — sua voz grossa irrompe e eu sorrio, engolindo em seco. Ele sonhou comigo?

— Você está na minha casa, então sim, bebezão, você está acordado — falo suspirando e mordo meu lábio.

— Nós precisamos conversar. — Luca aparece na sala e Gael se senta para se erguer em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguida. Sua mão vai em direção à sua cabeça enquanto suas pernas o deixam na mão. Seguro seu corpo com meus braços e o faço se sentar novamente.

— Luca, droga, desculpe. Nossa... — Ele fecha os olhos e eu vejo suas bochechas corarem. — Estou indo embora em um minuto. Estou zozinho...

— Não se preocupe. Pode ficar em um dos quartos, já levei suas coisas lá para cima... — meu irmão explica de pé.

— Que coisas? — Gael aperta os olhos e eu me ergo, cruzando os braços.

— Você não lembra? Seu tio deixou você na oficina com suas coisas. — Luca se agacha e encara Gael.

— Ah, eu não lembro. — Seu olhar vai para o chão e ele respira fundo, se erguendo novamente. Vou para o seu lado, com medo de que ele volte a cair. — Sinto muito pela cena. Eu vou para casa. Meu tio só estava com raiva, não se preocupe...

— Eu... — Luca para de falar e me encara.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nós sabemos de tudo, Gael. Sinto muito que seu tio seja um imbecil abusador, mas você pode ficar aqui por enquanto...

— Inferno. Não mesmo. — Gael balança a cabeça, parecendo a um passo de gritar, e eu toco seu braço.

— Luca só está tentando ajudar, Gael. — Ele traz sua atenção para mim e sorri devagar.

— Eu sei, Docinho, mas nem fodendo vou viver sob o mesmo teto que você.

— O quê? Por quê? — Eu me afasto, completamente ofendida.

— Você não quer que eu fale na frente do seu irmão...

— Gael, fala de uma vez! — mando, sentindo meu corpo tremer.

— Benjamim contou que estava tentando voltar com seu namorado. Jesus, eu não posso ficar aqui. Ele vai ficar louco e eu não tiro sua razão. Não quero preocupá-lo ou causar problemas entre vocês. — Meu coração aperta quando encaro seus olhos verdes. Gael existe mesmo? É sério?

PERIGOSAS ACHERON

Eu fui uma cadela egoísta quando Luca me disse que ele ficaria aqui e o homem enorme só está preocupado comigo.

— Não se preocupe. Vinícius vai entender — tento convencê-lo e sorrio me aproximando, quando ele balança a cabeça. — Ele não vai se importar, eu juro.

Era uma mentira. Vinícius é ciumento e mesmo que ele esteja sobre uma cama de hospital, ele fará um inferno sobre Gael viver na minha casa.

Que Deus me ajudasse, porque morar com Gael será como um jogo de futebol. Uma jogada mais inesperada que a outra. E eu esperava fazer gol, só não sabia em qual trave.



Eu tentei me concentrar no que saía da boca do professor, mas tudo que eu ouvi saindo dos seus lábios hoje foram duas palavras: bom dia. Por isso, quando a aula acaba, eu decido ir embora. Ainda tenho mais uma matéria, mas realmente eu não estava com cabeça para isso.

Vinícius me pediu para ir visitá-lo hoje e é

isso que farei. Não quero começar uma briga, mas contar a ele que Gael está morando comigo é indiscutível. Não posso mentir ou omitir. Seria injusto e desleal com nosso relacionamento.

Assim que chego ao seu quarto sua mãe está lá, mexendo em seu celular enquanto Vinícius está sendo medicado por uma enfermeira. Sorrio e me aproximo, me sentando próximo a Flaviana. Nós duas não conversamos depois do dia em que ela me disse que Vinícius não queria que eu o visse debilitado.

— Oi, querida, como está?

— Bem, e você? — questiono educada e vejo seu sorriso terno se espalhar por seus lábios.

— Ótima. Estou muito feliz que estão de volta. Realmente acho que você será um bálsamo para esse sofrimento. — Eu agradeço seu carinho, ficando tocada por suas palavras.

Quando a enfermeira sai do quarto, eu me aproximo de Vinícius enquanto sua mãe pede licença e sai do quarto também.

— Como está? — pergunto me sentando na

beirada da cama.

Vinícius segura minha cintura e sorri, me puxando em sua direção. Dou um gritinho quando ele me leva para mais perto do seu corpo. Meu rosto esquenta e ele ri, beijando meu nariz.

— Senti saudades. — Ele parece bem hoje, o que acalma meu coração.

— Eu também — confesso, me inclinando em direção à sua boca. Nós nos beijamos por alguns segundos e logo me afasto, vendo sua respiração acelerar. — Está tudo bem?

— Sim, só cansado. — Vini sorri e eu me inclino, colocando minha cabeça sobre seu ombro. Respiro fundo, tentando pensar em como contar sobre Gael, mas não consigo. — Está tudo bem?

Ergo minha cabeça e encaro seus olhos. Tão diferentes dos de Gael. Enquanto o verde inunda a íris do mais novo morador da minha casa, as do homem diante de mim são tão escuras que é inútil falar que seus olhos são castanhos, quando é obvio que o preto predomina.

— Preciso te contar algo, mas confesso que

PERIGOSAS NACIONAIS

não sei como. — Mordo meu lábio, indecisa, e Vinícius suspira colocando suas costas contra o colchão.

— Começo, baby, sempre pelo começo. — Ele sorri e meu coração fica dolorido.

— Quando Luca foi preso, anos atrás, foi porque um homem estava ameaçando-o para que ele fizesse alguns serviços sujos. — Vinícius me encara confuso e eu desvio meus olhos dos seus quando volto a falar. — Rick, ou Henrique, era um homem perigoso e ameaçou ferir a mim e Felipe caso Luca não fizesse o combinado. Luca seguiu as regras, fez o que o cara queria, mas no final ele foi preso. Os dois foram. Luca passou alguns anos na prisão, foi proibido de viver sua vida no momento em que mais era feliz, que foi quando conheceu Alícia. Os dois tinham acabado de se apaixonar, estavam felizes, mas deu tudo errado. — Engulo o caroço que se forma em minha garganta com dificuldade e volto a olhar para Vini. — Esses dias descobri que Rick é pai de Gael. — Um dos olhos de Vinícius treme e eu seguro sua mão. — Gael não é como ele, Luca me falou isso. Ele até empregou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gael na oficina...

— O quê?

— Sim, eu não consigo entender o motivo. Luca deveria querer distância de Gael, mas eles estão próximos...

— Conclua isso — Vinícius me corta e eu suspiro ao ver seu maxilar tenso.

— Ontem Gael foi expulso de casa e Luca o levou para nossa casa...

— Você está de sacanagem... — Vinícius balança a cabeça, rindo sem gosto, e eu desço da cama, andando pelo quarto. — O filho da puta está morando lá? É isso, porra?

PERIGOSAS ACHERON



*“Se o que tínhamos foi verdadeiro
Como você pode estar bem?”*
AMNESIA | 5 SECONDS OF SUMMER

Sua voz se eleva furiosa e eu volto para perto dele.

— Vinícius, se acalma, por favor — peço tremendo, e ele balança a cabeça negando.

— O que diabos você quer de mim? Fala! O imbecil que ficou com você na minha frente está morando com você. Você gosta do infeliz e eu tenho que ficar calmo?

— Eu não gosto dele! — grito, mas diante da cara de Vinícius eu sei que não enganei nem a mim mesma. — É só até ele encontrar um lugar. Eu tentei conversar com Luca, mas ele está irredutível. Como eu falei, ele se sente responsável por Gael...

— Responsável? O pai do idiota o colocou na cadeia, por que diabos ele tem que ficar com pena do cara?

O rosto de Vinícius está tenso, e seus olhos, vermelhos. Eu já o vi com raiva muitas vezes, mas esse era o Vinícius de agora, não o de anos atrás. Ele estava diferente.

— Eu também não compreendo. Só estou te contando porque você é meu namorado. Nada vai

mudar, Gael nem mesmo vai ficar muito tempo...

— Nossa, eu odeio quando diz o nome dele
— Vinícius me interrompe e eu engulo em seco, cruzando os braços e indo para o outro lado do quarto. Eu me encosto na parede e respiro fundo, me acalmando. — Vai para casa.

Eu escuto suas palavras, mas não me movo. Nem um músculo se mexe.

— Vim ficar com você. Quero isso.

— Eu não. Não depois dessa merda explodir na minha cara. Já basta eu estar trancado aqui, esperando a hora de morrer, eu não tenho que passar por isso. — Vinícius balança a cabeça e eu estou chocada demais para falar algo. — O quê? Você acha que eu vou me curar? — Ele ri e eu vejo a mesma frieza de quando ele retornou cruzar seus olhos. — Estou caminhando na prancha, Valentina. Eu vou cair, eventualmente...

— Deus, como você é cruel! — eu grito com os olhos cheios de lágrimas. — Eu te amo, sei que ficará curado, espero por isso e você apenas diz uma merda dessas na minha cara? — Minha garganta fecha e eu soluço, tremendo.

— É a verdade, o quanto antes você se conformar é melhor.

Levo minhas mãos ao rosto assim que abrem a porta. Limpo minhas lágrimas e pego minha bolsa na cadeira.

— Gente, dá para ouvir os gritos pelo andar inteiro. O que está acontecendo? — Flaviana aparece aflita, e eu soluço, segurando a mão contra meus lábios.

— Me desculpe. Eu já estou indo... — digo, caminhando em direção à porta.

— Calma, não vai embora assim...

— Deixa ela ir, mãe — Vinícius fala rápido e firme. Eu nem sequer olho para ele quando deixo seu quarto. Coração e cabeça doloridos não me dão alternativa a não ser ir para casa e chorar. Já está costumeiro.



— Valentina? — escuto a voz de Alícia e batidas seguem. — Desculpa, você pode descer e ficar com os gêmeos enquanto faço o jantar? — ela grita da porta e eu me arrasto da cama, prendendo

meus cabelos em um coque.

Abro a porta sem conferir minha aparência e ao ver o olhar de choque de Alícia eu sei que estou horrível. Parei de chorar há alguns minutos, então agora só restam vermelhidão e inchaço.

— Nossa Senhora. — Alícia me rodeia com os braços e me aperta. — O que diabos aconteceu? Luca falou que voltou com seu namorado, eu pensei que estaria feliz... o que houve?

— Brigamos. — Dou de ombros quando nos afastamos e saio do quarto. Desço as escadas ao seu lado e me sento no meio da sala, onde os gêmeos estão sentados brincando e assistindo a um desenho.

— Tina...

— Está tudo bem. É sério. — Suspiro pegando Leo em meus braços. Beijo sua bochecha e sorrio quando Arthur se aproxima, se jogando em mim. — Alícia, vai fazer o jantar. Estamos bem aqui. — Eu me viro quando escuto seus suspiros.

Minha cunhada sai de cena e eu relaxo, deitando-me com meus sobrinhos. Sorrio para

PERIGOSAS NACIONAIS

Arthur quando ele bate palmas e leva a mão até sua boca. Leo, como o bom observador que é, logo repete o que o irmão fez.

— Ei! — Escuto Luca entrar e logo os filhos dele se viram, rindo e lhe dando os braços.
— Como estão? Hein?

Eles riem e meu irmão pega os filhos, indo encontrar Alícia depois de sorrir e piscar para mim. Eu me sento devagar e dou de cara com Gael de pé na porta. Seus olhos encontram os meus e ele franze a testa, andando até mim.

— O que aconteceu? — Ele eleva as mãos para tocar meu rosto, porém se detém quando está a centímetros da minha pele.

— Nada de mais...

— Você estava chorando. Ele surtou, não foi? — A voz dele soa preocupada e eu, por mais que queira defender Vinícius, sei que não posso, não desta vez.

— Surto. — Suspiro e me ergo para me sentar no sofá. Gael se ergue também, porém não se senta.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sinto muito. De verdade, Valentina.
— E eu sei que ele sente. Dava para ver em seus olhos. — Estou encontrando um lugar. Não vai passar dessa semana. Prometo.

— Relaxa. Depois eu me acerto com Vinícius — afirmo me erguendo. — Eu estou falando sério. Não se preocupe com meu relacionamento...

— Não é com seu relacionamento, é com você. Ver você triste não é algo legal. Não para mim.

Gael sai em direção às escadas, em seguida sobe para o quarto de hóspedes, onde está dormindo, e me deixa com a sensação de mil formigas em meu estômago.



— Vai sair? — Luca pergunta para Gael assim que terminamos de jantar.

Eu me concentro em dar a papinha de Leo e não encaro nenhum dos dois.

— Hum, sim. Fernanda vem me buscar, você sabe, o meu carro está parado. — Gael

pronuncia o nome da menina e eu me lembro da morena que quase me bateu na corrida. Faço careta lembrando, ela é uma maluca.

— E você? — Luca se dirige a mim e eu balanço a cabeça, negando.

— Vou dormir — respondo dando de ombros.

Todos se dispersam depois da conversa. Subo para meu quarto, deixando Leo aos cuidados do pai, e suspiro ao ver meu celular tocando. Pego o aparelho e atendo Clarisse.

— Ei! Benjamim foi convidado para uma festa e quer que eu vá com ele...

— Mas ela só quer ir se você for — a voz de Benjamim soa alto e escuto Clarisse bufar o mandando se afastar.

— Não estou no clima. Desculpa, Ben. — Suspiro andando até minha janela. As estrelas hoje estão longe de serem vistas e eu murcho por isso. Um ronco de motor chama minha atenção e eu vejo quando um carro para em frente à minha casa.

Fernanda sai do carro e se encosta na porta.

A saia preta abraça suas coxas grossas e o top branco deixa pouco para a imaginação. Seus cabelos estão soltos e os cachos estão por toda parte. A imbecil é linda, preciso admitir. Mordo meu lábio quando Gael aparece caminhando até ela. Sua camisa é branca, mas ele está de casaco preto. Sua calça também é preta e meu estômago embrulha quando escuto sua risada para o que ela fala, o que eu não consigo escutar.

Meus olhos pinicam quando ele chega à sua frente e ela rodeia seu pescoço com seus braços. Tento fechar os olhos para não ver o que eu sei que ela vai fazer, mas não consigo. É mais forte que eu. Sua boca colide com a de Gael e por mais que eu saiba que tenho namorado e que Gael é livre, sinto todos os pelos do meu corpo arrepiarem e lágrimas encherem meus olhos.

Ele a beija de volta e eu fecho meus olhos por um segundo, tremendo, antes de me torturar novamente. Suas mãos estão nos quadris dela e Gael a inclina para trás, parecendo sedento por ela. Esse era o jeito que ele me beijava. Como se eu fosse a solução para os problemas do mundo. Como

se ele não pudesse ter o suficiente de mim.

Eu me afasto da janela, limpando meu rosto, e me lembro de Ben e Clarisse na linha.

— Valentina? — Clarisse grita e eu suspiro.
— O que aconteceu? Você só parou de responder.

— Nada. — Encaro minha janela a distância e respiro fundo — Não aconteceu nada. Passem aqui para me buscar. Eu vou para a festa.

Desligo, mas antes escuto o grito alegre de Benjamim.



Entro no carro de Benjamim na parte de trás e beijo o rosto de Clarisse quando me inclino para a frente, ficando entre os dois.

— Vamos beber hoje, nossa, eu preciso de bebida. — Benjamim acelera saindo do acostamento e eu rio de sua urgência.

— O que aconteceu? — questiono rindo.

— Meu trabalho. Nossa, nunca pensei que seria tão puxado — ele resmunga e Clarisse acaricia seu rosto. — Só preciso de bebida. Vai ser uma noite ótima.

— Eu espero que sim — murmuro me sentando e colocando o cinto de segurança.

Quando chegamos ao local Benjamim coloca uma cerveja em minhas mãos, o que aceito de bom grado. No caminho ele falou que era aniversário de um amigo, agora sei de quem ele estava falando.

— Jefferson, parabéns! — cumprimento o amigo de Benjamim e dou um abraço rápido. Eu me afasto já olhando para os lados. Agora que sei de quem é a festa, sei que Gael está aqui com Fernanda. Não demora muito para que eu o encontre.

Ele está na pista de dança. Seu corpo se balança ao som da música e eu constato boba que ele sabe dançar. Fernanda está na sua frente, rebolando a bunda contra o corpo dele. Desvio meus olhos rapidamente.

— Obrigada! — Ele sorri e abraça Ben e Clarisse, dando parabéns pela gravidez.

Nós nos sentamos em uma mesa e Clarisse aceita comida, eu nego, pois não misturo bebida com comida. Viro a lata em minha boca e engulo

PERIGOSAS ACHERON

dois golos de uma vez.

— Valentina! — escuto uma voz alegre e vejo Zoe se aproximar. Eu me ergo sorrindo e a abraço. — Vamos dançar. Por favor. — Ela faz beicinho e eu suspiro, revirando os olhos.

— Já volto! — Pisco para Clarisse e ela acena, sorrindo para Zoe.

Sigo minha amiga até o meio de várias pessoas e deixo a música embalar meus quadris. Envolver meu cabelo e o tiro das minhas costas, pondo-o na frente pelo ombro. Zoe desce requebrando e eu a sigo, tentando descer, mas travo e acabo rindo.

Sinto alguém às minhas costas e me viro para encarar um homem alto. Eu me afasto balançando a cabeça, e ele sorri dando de ombros. Zoe me puxa para dançar outra música e eu relaxo, rindo novamente. O cara volta para perto de nós e mexe com a Zoe dessa vez, ela é solteira, então sorri para ele e logo estão se beijando.

Eu bebo minha cerveja novamente e me afasto, indo em direção ao banheiro. Entro no local e me surpreendo ao ver que está limpo. Faço xixi
PERIGOSAS ACHERON

rapidamente e me enxugo com papel. Quando saio suspiro dando de cara com Fernanda retocando o batom.

Os olhos da menina faíscam quando me veem. É, ela não gosta muito de mim.

— Você está de sacanagem? — ela sibila se virando, e eu arqueio a sobrancelha andando até a pia. Lavo minhas mãos a ignorando, mas ela tem outros planos: me infernizar. — Não basta ter ele sob seu teto, você precisa vir para onde ele está?

— Não vim aqui por Gael, nem mesmo sabia que ele estaria aqui — respondo revirando os olhos, o que a faz dar um passo na minha direção.

— Se pensa que pode tirar ele de mim, repense...

— Tirar de você? — Eu rio, a deixando mais furiosa. — Eu tenho namorado. Saí com Gael no passado, hoje somos amigos, obrigada — debocho dela em cada palavra e me surpreendo com minha raiva. Lembrar-me dos dois se beijando me enfurece.

— Amigos? Ele está bebendo mais esses

dias por causa de você, sua cadela. Ele fica balbuciando a porra do seu nome enquanto me fode e você me fala que são amigos?

Meus olhos se arregalam com suas palavras e eu perco sua aproximação. Fernanda segura meus cabelos com força e eu tento afastá-la, mas ela aproxima seu rosto do meu.

— Deixa meu homem.

— Se ele fosse seu, ele não chamaria a porra do meu nome enquanto está na sua cama. — Meu sangue ferve e eu empurro seus ombros. Sua mão deixa meu cabelo e ela pula em cima de mim, querendo me bater.

— Briga no banheiro! — alguém grita da porta enquanto Fernanda arranha meus braços.

— Você pensa que não sei? Você só está esperando seu namorado doente morrer para ficar com Gael. Mas repense, ele é meu e não vou dar ele de bandeja para você. — Eu vejo vermelho quando suas palavras chegam aos meus ouvidos.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Ei, garota, ele é tudo o que você queria em um
homem?”*

Você sabe que eu te dei o mundo

Você me tinha na palma da sua mão.”

WHAT GOES AROUND COMES AROUND | JUSTIN
TIMBERLAKE

Empurro Fernanda em direção ao chão e seguro seus braços quando me sento sobre seu corpo. Minha mão queima quando o primeiro tapa chega ao seu rosto. Dou vários enquanto ela grita e só paro quando alguém me tira de cima dela.

— Nunca mais fale dele! — grito, sentindo minha garganta fechar. — Eu vou matar você, se o fizer! Vinícius não tem nada a ver com você, sua imbecil.

— Porra, o que diabos você fez, Fernanda? — Gael grita atrás de mim e eu fico tensa ao perceber que foi ele quem me tirou de cima da vagabunda.

— Eu não fiz nada! Essa idiota pensa que pode ter dois homens à sua disposição. Não pode! Se você procurar Gael ou mesmo rir na direção dele, eu vou quebrar sua cara...

— Ele mora comigo. Repensa a merda que acabou de falar — resmungo rindo e me afasto de Gael. — Coloque sua cadela na coleira. Eu não vou tolerar que ela fale do meu namorado. Nunca.

— O que diabos você está fazendo aqui? — ele questiona assim que as pessoas se dispersam e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fernanda é levada por uma amiga.

— Eu vou aonde eu quiser.

— Você disse que ia dormir, caralho! —

Gael se inclina sobre mim e eu cruzo meus braços.

— Por que brigou com Fernanda?

— Decidi sair, Benjamim e Clarisse me chamaram. Tem algum problema com isso? — Eu ergo meus olhos e o encaro, firme.

— Por que brigou com Fernanda?

Responde!

— Porque sua namorada é uma cadela insensível. É um ser desprezível e eu espero que você perceba logo isso...

— Ela não é uma pessoa ruim. Eu gosto dela, a conheço.

— Você gosta dela? — Eu sorrio e inclino a cabeça. — Você chama por mim quando está fodendo ela e agora me diz que gosta dela? Faça-me rir, Gael...

— Que porra é essa? — ele grita enfurecido e eu dou de ombros.

— Ela acabou de falar isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer saber, Valentina? — Gael se aproxima e eu dou passos até estar com a bunda contra a bancada do banheiro. — Eu posso gostar de uma pessoa e foder outra. Eu fodo bocetas, Valentina, não corações, como você.

Ele se afasta, mas não antes de a minha mão colidir com seu rosto.

— Nunca mais fale assim comigo — murmuro tremendo, e ele sorri se aproximando e enfiando a mão entre meus cabelos. Ele puxa, me fazendo inclinar a cabeça para trás, e arfo tremendo mais ainda.

— Eu beijaria você só para que engolisse suas palavras, mas não vou. Seu namorado merece mais. Eu nunca tocarei em você novamente depois de hoje. Essa é uma promessa, Valentina. Eu cumpro a porra das minhas promessas.

E então ele se afasta e começa a andar em direção à porta.

— Nunca tive a intenção de magoar você. Você sabe disso, Gael — murmuro ainda desnorteada, e ele ri, se virando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sabia que faria. — Ele lambe os lábios e me encara sério. — A única coisa que meu pai fez para mim de útil foi dizer como eu saberia qual mulher faria estrago em mim. “Se atente aos momentos que está com ela e espere”, ele falou. “Quando você sentir a porra da sua garganta fechando e seu estômago revirando, droga, menino, ela vai ser sua ruína.” Eu senti essa merda todas as vezes que estava na sua presença. Então eu sabia. Sabia que você seria minha ruína.

— Gael...

— Estou saindo da sua casa. Amanhã eu passo lá para pegar minhas coisas. Vou ficar com Jeffin, por enquanto.

Então ele se vira e some da minha vista.

A festa estava do mesmo jeito quando consigo sair do banheiro. Ando rapidamente em direção a Clarisse e me acalmo diante dos meus amigos. Eu me sento ao lado dela e logo seus olhos localizam os arranhões em meus braços.

— O que...

— Briguei com uma menina. — Engulo em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seco e esfrego meus olhos. — Está tudo bem. Não se preocupe. — Sorrio tentando acalmá-la.

— Quem foi?

— A namorada de Gael — explico e Clarisse arregala os olhos. — Ela me falou coisas horríveis. — Meus olhos se enchem de lágrimas e eu me aconchego aos braços da minha amiga. — Que eu estava esperando Vini morrer para ficar com Gael. Quem fala algo assim para alguém? — As lágrimas descem pelo meu rosto e Clarisse limpa com seus dedos.

— Uma vaca. Só alguém imbecil falaria algo assim.

— Eu não sei o que estou fazendo. — Mordo minha bochecha, tentando parar as lágrimas. — Eu amo Vinícius, sei disso, mas Gael me tira do centro. Ver ele com outra menina me atropelou. Então agora eu estou me questionando o que diabos estou fazendo. Como posso gostar de duas pessoas? Como posso estar com Vinícius e brigar com uma menina por causa de outro garoto?

— Vamos para casa. É melhor, Valentina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, Benjamim está cansado e ele merece se divertir. — Nego com a cabeça e Clarisse suspira, acenando.

— Você é humana, Valentina. É normal se sentir acuada, dividida. Tem pessoas que nunca passaram por isso? Sim, tem. Eu sou uma delas, mas existem pessoas que podem amar duas pessoas. Isso não é um crime.

— Mas eu sinto como se estivesse cometendo um crime. Gael disse que fodi com o coração dele. Isso é sério, Clarisse. Eu o magoei e estou tão triste com isso — confesso, pois é o que sinto.

Deixei claro a Gael que meu coração pertencia a outra pessoa. Ele nunca o quis. Ele queria meu corpo, isso ficou claro. Porém eu me pergunto se ele já o tem. Pelo menos metade dele. E pensar nisso me deixa louca. Porque nenhum de nós merecemos isso.

Principalmente Vinícius.

No final da festa, lá pelas três da manhã, Clarisse decide que está na hora de irmos.

PERIGOSAS ACHERON

— Jefferson! — Clarisse chama o amigo de Ben e todos os garotos que restaram na festa olham para nós. Alguns estão sentados no chão, bêbados, e outros, como Gael, estão de pé, de braços cruzados, encostados na parede. Seus olhos encontram os meus e eu desvio o olhar não conseguindo encará-lo por mais tempo. — Alguém não bebeu? Não temos carteira e Benjamim está nocauteado.

Os rapazes riem e balançam a cabeça, menos Gael, que se afasta da parede e anda até a gente.

— Não bebi. Vamos, eu dirijo para vocês. — Ele vai até Benjamim e pega meu amigo, colocando um dos braços sob seu ombro, tentando carregá-lo até lá fora.

Nós o seguimos e ajudamos a colocar Benjamim na parte de trás, deitado. Clarisse entra e coloca a cabeça do namorado sobre seu colo. Gael entra no carro e eu me sento ao lado.

— Vocês podem ir com o carro para casa. Amanhã Benjamim vai buscar — Clarisse fala assim que chegamos em frente à sua casa. Gael

PERIGOSAS ACHERON

respira fundo, mas fica calado.

— Obrigada.

Colocamos Benjamim para dentro de casa e depois saímos em direção à minha.

— Me desculpa por hoje — murmuro encarando a janela do carro. — Fernanda me tirou do sério, mas eu não deveria ter batido nela.

O silêncio se segue e com isso eu sei que Gael está focado em me ignorar. Tudo bem, de verdade.

Quando ele para o carro, nós saímos, mas diferente de mim, que caminho para casa, Gael fica na calçada com o celular nas mãos.

— Gael, não vai entrar?

— Não. Estou chamando um Uber. Vou para a casa de Jefferson, como falei antes.

— Está tarde — murmuro e passo as mãos pelos meus braços quando um vento frio me atinge. — Entra, por favor — peço, engolindo em seco e observando-o me olhar.

— Acho melhor não. — Ele cruza os braços e coloca o celular no bolso. — Está vindo. Pode
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entrar. — Ele acena em direção à porta e eu nego, fazendo-o respirar fundo. — Entra, Valentina.

— Não. Pode, por favor, cancelar e entrar? É madrugada. É perigoso...

— Eu sei que é. Não se preocupe...

— Mas eu me preocupo. Por favor, entra.
— Abraço meu corpo tremendo um pouco, e ele acena, se dando por vencido e andando em minha direção.

Abro a porta e a fecho quando ele entra. Subimos em silêncio e eu paro de andar quando chego à porta do meu quarto. O quarto onde ele está ficando é no final do corredor, então ele continua andando.

Entro em meu quarto e me arrumo para dormir. Tiro a maquiagem e tomo banho rapidamente. Quando saio, eu escuto um carro lá fora e vou até minha janela. Engulo o nó na garganta ao ver Gael entrando no carro com duas mochilas e indo embora.

Eu me deito e suspiro, digitando no celular:

“Fica bem.”

PERIGOSAS ACHERON

Eu não obtenho resposta, nem esperava por ela.



No dia seguinte à comoção em casa é para saber onde Gael se meteu. Luca me acorda para perguntar se o vi e digo que ele foi embora na noite anterior.

— O quê? Por quê? — Luca franze o cenho e eu me ergo, indo ao seu encontro.

— Um amigo o chamou para morar com ele —digo uma meia verdade, já que não sei exatamente se Jefferson o convidou.

— Ah, okay. Vou falar com ele hoje na oficina. — Luca respira fundo e sorri, beijando minha testa. — Bom dia!

E assim ele sai do quarto.

Depois de descer e tomar café, Felipe pede que eu o leve para a oficina. Luca saiu cedo, por isso eu reluto em aceitar, mas acabo indo. Felipe gosta de ir à oficina aos sábados. É uma terapia, ele fala.

Saio do Uber com ele e entro na oficina.

Kieran e Luca estão embaixo de carros e eu sigo para o escritório, deixando Felipe com eles. Eu me sento na poltrona de Luca e organizo alguns papéis e os separo por categoria. É difícil eu vir aqui para arrumar algo, Alícia sempre faz isso, mas com os gêmeos está ficando sem tempo. Pelo estado do escritório, eu acho que faz um bom tempo.

Entro no e-mail e vejo alguns fornecedores sem resposta há mais de uma semana. Respondo tudo e termino de arrumar o lugar.

— Obrigada! — escuto a voz de Luca e sorrio, me virando.

— Nada. — Eu me sento novamente e pego meu celular.

Minha boca seca quando vejo algumas mensagens de Vinícius.

“Está aí?”

“Me liga quando puder”

“????”

Em vez de ligar eu digito mensagens.

“Oii! Estou aqui.”

“Onde estava?”

“Estou organizando umas coisas para Luca na oficina. Aconteceu algo?”

Mordo meu lábio, esperando sua resposta.

“Vem aqui. Preciso te ver.”

“Sem brigas?”

“Nenhuma.”

Sorrio e respiro aliviada. Quando ergo meu rosto Luca e Gael estão me encarando.

— Quem era? — Luca questiona sorrindo, e eu me ergo.

— Vinícius — respondo e engulo em seco.
— Estou indo. Se você se perder pelas coisas arrumadas, me manda mensagem perguntando.

Ele acena e eu ando até a porta, mas Gael está parado no meio da passagem.

— Com licença? — Aceno para a porta e ele sai andando para fora. Faço o mesmo caminho que ele, o único em direção à saída, e abro o aplicativo da Uber.

— Deixei meu carregador em sua casa. Estou indo buscar. Quer carona? — sua voz ecoa e eu suspiro, cancelando meu carro.

— Sim.

Entramos em seu carro e em silêncio seguimos pela rua. Vinícius envia outra mensagem e eu mordo meu lábio, abrindo-a.

“Eu te amo, baby. Você sabe disso, não é?”

Meu coração aperta e me assusto quando o carro freia bruscamente. Arregalo os olhos e olho para a frente. Estamos em um sinal vermelho. Olho para Gael e sua mandíbula tensa e as juntas dos dedos brancas me dizem que ele leu a mensagem.

“Sei.”

Eu guardo o celular e encaro a janela.

— Você poderia ter dito que o amava de volta, sabe?...

— Gael...

— Você já gritou muito isso na minha cara. Mensagens não são nada comparadas a isso — ele me corta e acelera o carro. Não o respondo. Apenas olho pela janela.

Saio do seu carro rápido, assim que ele estaciona. Corro escadas acima quando entro e

PERIGOSAS ACHERON

tento manter Gael longe dos meus pensamentos enquanto tomo banho e me arrumo.

Mais tarde, quando chego ao hospital, eu sorrio ao entrar no quarto de Vinícius. Aceno cumprimentando alguns amigos dele, que vieram visitá-lo, e me sento distante.

— Ainda não acredito que Ellen veio aqui e disse isso. Nossa, que cadela — um deles resmunga e Vinícius dá de ombros.

— Não preciso dela. Tenho Valentina, que é muito mais importante para mim que aquela louca — Vini responde sério e me encara com um sorriso de lado.

— Mas dizer que você ficaria feio demais e que ela não conseguiria nem olhar para você foi longe demais...

— O quê?! — eu grito me erguendo, e Vinícius me chama até ele.

— Não é nada de mais...

— Ela falou isso? Eu não estou acreditando que aquela imbecil teve a audácia! — Aperto meus punhos e Vinícius envolve minha cintura com seu

braço.

— Foda-se, eu não me importo com nada que envolve aquela menina.



*“Eu disse que te pegaria se você caísse
E se eles rissem, então fodam-se eles todos
E então eu te tirei do chão
Coloquei você de pé.”
WITHOUT ME | HALSEY*

Fico calada tentando manter a calma enquanto seus amigos se despedem. Pelo que parece não é só Fernanda que é uma cobra insensível. Ellen pode ser ainda mais venenosa.

— É sério, Val. Está tudo bem. — Vinícius me puxa para a cama e eu me sento em seu colo. Viro-me, encarando seu rosto, e mordo meu lábio.

— Por favor, não pense que o que ela falou é o que todos pensam. Eu não me importo com sua aparência. Você é lindo. Por dentro e por fora...

— Se acalma. Eu já falei que está tudo bem. — Vinícius segura meu rosto e eu aceno. Eu me sinto imponente. Deveria protegê-lo de gente assim. Ele não merece essa merda.

— Tudo bem.

Vinícius sorri e junta nossos lábios. Estremeço e devolvo o beijo. Cresce minha necessidade por ele e gemidos soam enquanto nosso contato se torna mais urgente.

— Vinícius... — Eu me afasto sorrindo e ele deixa a cabeça cair contra o colchão.

— Droga, deveríamos ter transado há muito

tempo. Por que não fizemos mesmo?

— Você queria esperar o casamento? —
indico sorrindo e ele gargalha, balançando a
cabeça.

— Droga, era mesmo.

Nós dois rimos por um tempo e Vinícius é o
primeiro a ficar calmo.

— Desculpa por ontem, Baby. — Ele se
inclina e eu o deixo beijar meu rosto. — Eu só fico
louco quando penso em você com aquele cara. Ele
quase te tirou de mim...

— Você me tirou de você. Ninguém mais
— eu o lembro e beijo seus lábios. — Estou aqui e
não vou sair. Eu amo você, Vinícius. — Seu olhar
amolece e ele sorri, acenando.

Namoramos por um longo tempo,
assistimos a alguns episódios de séries e logo a mãe
dele chega avisando que está na hora de eu ir.

— Te mando mensagens mais tarde — ele
afirma me prendendo contra seu corpo quando eu
vou me levantar.

— Ok. — Sorrio, beijando sua boca. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vou ao banheiro antes — digo entrando em seu banheiro. Faço xixi e quando saio vejo Vinícius com meu celular nas mãos. — Alguém ligou?

— Seu irmão — Vinícius responde ainda olhando para a tela e eu vou para perto, enxergando o que ele vê.

Meu Instagram está aberto e uma foto de Gael com Fernanda está no feed.

— Quem é ela? — ele questiona sem me olhar, e eu engulo o caroço na minha garganta.

— Namorada dele ou algo assim — respondo simplesmente e ele passa para a próxima publicação. Essa é de Benjamim com os meninos e outra comigo e Clarisse.

— Vocês estavam no mesmo lugar ontem?

— Sim. Era aniversário de um amigo em comum do Benjamim — explico e ele me entrega meu celular. — Gael foi embora, se isso te interessa. Então vamos esquecer dele, ok?

Vinícius traz seus olhos para meu rosto e morde seu lábio.

— Fico aliviado. Obrigado.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me despeço dele com um beijo e saio do quarto. Não sabia que estava prendendo a respiração até soltá-la de uma vez no elevador.

Abro meu celular, procurando a foto de Gael com Fernanda, e leio a legenda. “*Eu gosto de gente que traz paz, sossego no coração e calma no pensar.*”

Paz? Calma? Essa menina pode satisfazê-lo na cama, mas com certeza ele não sente isso quando está com ela. *Me poupe!*

Saio do elevador e caminho até a saída do hospital, mas paro quando vejo Theo na recepção.

— Ei! — Sorrio, abraçando-o por trás.

— Ei, princesa! Lorena acabou de dar entrada. Laís está chegando. — A voz dele embarga e eu sorrio contente.

— Sério? Ai, meu Deus... — grito me jogando em seus braços, e ele me aperta.

— Liga para Luca e os outros. Preciso entrar — ele pede e eu aceno, ainda com meu coração cheio de alegria.

Fico na recepção, esperando todos da

família. Quem chega primeiro é seu irmão, Ricardo, e a esposa dele, de quem esqueci o nome. Sorrio quando Carol chega. Ela é amiga de Lorena e eu a conheci um tempo atrás, quando ela veio passear com o filho.

— Ei! Cadê o bebê? — questiono depois de abraçá-la.

— Ficou com o pai, no hotel. — Ela faz uma careta ao tocar no nome dele. — Ele não pode me ver viajando para cá que dá um jeito de vir também. É incrível.

— Homens! São difíceis — murmuro rindo assim que Alícia, Felipe, Luca, Kieran e Gabby chegam. Gabby pede para ver a irmã e logo é levada até o quarto. Os pais de Theo chegam rápido também e logo a recepção está lotada por todos que amam Laís sem nem mesmo conhecê-la.

Quando ela nasce, horas depois, todos nós nos revezamos para entrar. Assim que entro no quarto meu coração amolece vendo o pacotinho rosa nos braços de Theo.

— Nossa, ela é incrível. — Sorrio para Lorena e me aproximo, beijando seu rosto. Seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorriso emocionado me faz suspirar. Encaro o rosto de Laís e sorrio. Ela é loira como o pai. Totalmente a cara dele. Seus olhos se abrem e ela olha para mim. A cor clara aparece e eu suspiro, chamando-a de sortuda.

— Parabéns. Estou tão feliz por vocês. — Meus olhos se enchem de lágrimas e Theo sorri, me abraçando.

— Obrigada. É muito importante para nós ter você aqui. Theo quase a chama de filha, então somos gratos. — Lorena dá de ombros e eu aceno, rindo para Theo. — Quando você terá o seu?

— O quê?! — Theo se afasta e encara a esposa com faíscas saindo dos olhos.

— O quê? Ela namora, já, já casa e... *tchanram*, os filhos chegam.

— Nada disso. Ela vai estudar. Ouviu, Valentina? Esqueça os garotos. Faculdade em primeiro lugar...

Theo continua balbuciando enquanto Lorena revira os olhos e eu só sorrio, acenando. É melhor assim.

PERIGOSAS ACHERON



SEMANAS DEPOIS

— É só abrir a boquinha, Arthur —
murmuro com carinho enquanto meu sobrinho
esfrega seus olhinhos claros, como os da mãe dele,
cheios de lágrimas. Já falei que os gêmeos só
herdaram isso de Alícia? Pois é, eles são a cara de
Luca com olhos claros.

— Vou levá-lo ao médico — Alícia anuncia
descendo as escadas, já com bolsa e as coisas dele
na mão.

Arthur amanheceu chatinho hoje. Penso que
sejam os dentes, como Alícia suspeita, mas ele está
com febre e não quis comer o dia inteiro. Alícia
ainda tem leite, mas os gêmeos se dispersam e não
mamam o suficiente.

Ajudó-a a colocá-lo na cadeirinha e Felipe
vai com ela, tentando distrair Arthur. Subo as
escadas e passo no quarto, vendo que Leo já
dormiu depois que Alícia lhe deu o almoço.

Vou para o meu quarto com a babá
eletrônica e foco minha atenção em terminar um

trabalho da faculdade. Uma ligação em vídeo aparece no meu celular e eu atendo Clarisse sorrindo.

— Ele mexeu! — ela grita, me assustando, e eu arregalo os olhos.

— Sêrio?

— Sim! Oh, meu Deus! — Seus olhos enchem de lágrimas, e eu sorrio. — Senti uma tremidas esses dias, mas hoje ele realmente mexeu.

— Meu Deus, eu queria tanto sentir — murmuro sorrindo, e Clarisse embala a conversa, falando quão incrível é.

— Minha mãe passou aqui hoje. — Ela morde seu lábio, e eu arregalo os olhos novamente. — Sim, ela só perguntou como eu estava. Deixou canja de galinha, dizendo que me faria bem, e depois foi embora. — Clarisse tenta esconder suas novas lágrimas e eu suspiro, sorrindo.

— Eu juro que em breve tudo vai se ajeitar. Ela ama você. Tenho certeza que logo estarão bem. Ótimas, eu arrisco dizer. — Minha amiga sorri, acenando, e começa a me mostrar algumas coisas

que ganhou.

— O pai de Ben fez uma aposta com a mãe dele. Ela disse que seria um menino, e ele, uma menina. Os dois estão empenhados em dar presentes de cada sexo. É hilário — ela explica e eu me divirto, vendo todas as roupinhas.

Passamos algum tempo conversando e Clarisse para de falar de repente.

— Então, como anda seu namoro? — Sua pergunta me faz sorrir.

— Estamos ótimos. Ele terminou o tratamento e essa semana vamos saber se ele está bem. — Minha voz treme e eu sorrio, tentando afastar o medo.

Sei que é uma doença perigosa, mas Vinícius já superou uma vez. Ele vai ganhar novamente. Eu preciso que ele ganhe. Ele está bem, parou com as quimios semana passada, então estamos confiantes. Suas bochechas já estão rosadas e seu cabelo cresceu um pouco em uma semana.

Hoje é meu aniversário de 19 anos e estou

indo comemorar com ele mais tarde. Clarisse e Benjamim entenderam e disseram que amanhã vem passar a tarde comigo. Luca e Alícia fizeram um bolo hoje de manhã e cantamos parabéns. Estou feliz com meu dia.

— Se Deus quiser ele já está curado — ela afirma sorrindo, e isso aquece meu peito.

Escuto a campainha tocar e me ergo com o celular.

— Preciso desligar. Tem alguém chamando — aviso a Clarisse e caminho em direção às escadas. Quando abro a porta sinto como se essa situação fosse um *déjà vu*.

— Luca esqueceu a cabeça dele aqui hoje. — Gael passa por mim e entra andando em direção à cozinha. Quando ele volta está com várias chaves em uma das mãos. As das gavetas. — Valeu!

Eu o sigo até a porta e abro, vendo-o passar. Gael para e fica assim por alguns segundos. Eu respiro fundo, esperando o que ele vai fazer.

— Feliz aniversário. — Sua voz é baixa e quando ele se vira aperto minhas mãos suadas. Gael

tira uma caixinha do bolso e estende a mim.

Pego o presente, sentindo palpitações em meu peito. Abro a caixinha e meu sorriso poderia muito bem partir meu rosto em dois. A corrente dourada segura uma das meninas superpoderosas. Docinho — que não tem nada de doce — está como pingente também dourado com vários cristais preenchendo-a.

— É por causa dela que me chama assim?
— Eu elevo meu rosto rindo, e Gael acena.

— Você tem muito dela. — Ele coloca as mãos nos bolsos e encara seus pés. — Rabugenta, mas cuida da família com amor. Ela é incrível como você. — Gael se assusta quando eu me jogo em seus braços. Demora para ele rodear meu corpo com seus braços, mas ele o faz, e isso me traz lágrimas aos olhos.

— Muito obrigada. — Eu me afasto, limpando meu rosto e tentando respirar. — Você é incrível, Gael. Muito mesmo — afirmo séria, encarando seus olhos verdes.

— Bom, eu vou... — Seu pomo de adão sobe e desce enquanto sua atenção se foca em mim.
PERIGOSAS ACHERON

— Tchau.

Ele caminha para o seu carro e vai embora. Agarro o cordão contra meu peito e respiro fundo, fechando a porta. Volto para meu quarto e permaneço lá, até acalmar meu coração.

A babá eletrônica ecoa o choro de Leo e logo me levanto para pegá-lo. Eu o nino em meus braços enquanto coloco músicas para ele escutar. Leo e Arthur precisam de um tempo para despertarem felizes, então a gente se divide ninando até que eles mesmos se afastam.

Passo algumas horas brincando com Leo e lhe dou lanche. Quando Arthur chega, Alícia diz que ele está bem melhor. Suspiro aliviada. Só saio de casa quando Luca chega para ajudar Alícia com os filhos.

Confiro meu vestido no espelho dentro do elevador e arrumo meu cabelo. Seguro minha bolsa com mais força quando saio da caixa de metal e ando até o quarto de Vinícius.

— Feliz aniversário, baby. — Ele sorri e anda até onde estou. Seguro seus ombros e me inclino para trás, elevando-me pelas pontas dos pés.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A boca de Vinícius saboreia a minha devagar enquanto suas mãos fazem caminhos pela minha pele. Ele me aperta contra seu peito e soltamos gemidos baixos. Vinícius se afasta e descansa sua testa contra a minha.

— Vamos. — Ele segura minha mão e me puxa para fora do quarto.

— Ei! Não podemos sair — eu o lembro rapidamente, mas ele só balança a cabeça. — Vini, é sério. Para onde está me levando?

— Tenho permissão. Fica calada e vamos, ok? — Ele me encara e eu suspiro, acenando.

Saímos do hospital e eu sinto incômodo em meu estômago ao deixar a segurança da sua saúde para trás. Porém me forço a não falar nada. Seu pai está no estacionamento e eu me sinto aliviada. Se fosse perigoso para Vinícius, ele não deixaria o filho fazer isso.

PERIGOSAS ACHERON



*“Não é que eu tenha medo de não ser
suficiente para ela
Não é que eu não consiga encontrar as palavras
certas
Mas quando ela está com ele, ela parece mais feliz
E eu não quero tirar isso dela.”*
ROSES | SHAWN MENDES

Ficamos calados durante todo o caminho. Quando paramos em frente a uma casa que é o dobro da minha, eu sei que esse é seu lar. Saímos do carro, mas seu pai fica e logo some pela rua.

Entramos na casa em silêncio e Vini me ajuda a subir as escadas com meu coturno. Quando Vinícius abre uma porta, eu ofego ao ver a decoração espalhada pelo quarto. Há balões por todo lugar e várias flores. Tem um bolo bem bonito em cima da mesa e o que me tira o fôlego é a parede de vidro que dá vista para a noite, para nossas estrelas.

— Vini... — murmuro me aproximando da parede e o sinto atrás de mim. Suas mãos deslizam pelos meus ombros e eu me encosto em seu peito.

— Eu amo você, baby. Nunca deixei de amar e acho que vou amar eternamente — sua voz ecoa rouca e eu me viro, encarando seu rosto. — Espero que saiba disso.

— Eu também amo você, Vini. Você é incrível. — As batidas em meu peito aceleram enquanto ele se inclina sobre mim e beija meus lábios. É tão devagar que quase poderia denominar

PERIGOSAS ACHERON

como uma tortura.

Vinícius não fala mais nada, nem eu. Nós nos embolamos um no outro até estarmos na cama. Ele me toca como se eu fosse preciosa demais, como se eu pudesse quebrar a qualquer momento.

— Vinícius — murmuro sob nossos beijos enquanto ele se esfrega contra mim. — Eu quero. Hoje. — Engulo em seco e ele se afasta para me encarar.

— Valentina...

— Sim, Vini. Passou da hora, você não acha? — brinco sorrindo, e ele beija minha testa devagar.

— Não quero apressar isso. Podemos esperar...

— Vini, eu tenho certeza. Quero fazer amor com você — contraponho encarando-o, séria, e ele suspira.

— Não sei. Você tem mesmo certeza?

— Sim, pelas estrelas.

Sua boca volta para a minha e nós dois nos perdemos um no outro. Vinícius me ama além do
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu poderia imaginar. Quando ambos estamos deitados depois de fazer amor, ele se ergue e pega meu bolo. Eu me sento sorrindo e nós dois cantamos parabéns.

— Para o homem da minha vida —
murmuro entregando o primeiro pedaço de bolo a ele.

— Se Luca estivesse aqui seria para ele, fala a verdade — ele brinca me fazendo revirar os olhos.

— Ainda bem que ele não está, então.

Comemos em silêncio e eu sorrio quando Vinícius suja a bochecha com chocolate. Eu me inclino e limpo com meu dedo, levando-o à boca em seguida.

— Você está bem? — Sua preocupação me faz sorrir.

— Dolorida, mas bem. E você? Está sentindo algo? — a minha própria apreensão chega ao pico e ele balança a cabeça, negando, então eu suspiro, aliviada.

— Durante o tratamento eu imaginei que

PERIGOSAS ACHERON

nunca poderíamos fazer isso. — Vini sorri e eu me deito ao seu lado. Contra seu peito. Seu braço envolve minha cintura e ele me abraça. — Eu conversei com meus médicos hoje. — Meu corpo fica tenso e tento me levantar, mas Vinícius me prende contra ele. — Eu não estou curado. O tratamento não foi satisfatório ou a merda que eles quiserem chamar. Eles querem fazer o transplante de medula óssea, estão vendo possíveis doadores, mas o tempo é meu inimigo. — Sua voz é tão forte que eu me questiono como. Como Vinícius pode estar tão firme diante da devastação que é a sua doença?

As lágrimas enchem meus olhos e eu sinto meu corpo doer e tremer pequenas ao mesmo tempo. Eu me sinto destruída. E me pergunto como poucas palavras podem me derrubar. Meu corpo balança com os soluços e Vinícius me abraça mais forte.

— Eu amo você, Valentina. Quero viver eternamente contigo. Quero filhos e mais filhos, quero me casar, quero viajar. Quero chegar em casa e ver você e nosso bebê no sofá me esperando. Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

desejo dormir e acordar ao seu lado até ficar
velhinho. Eu quero netos e bisnetos contigo. — Ele
respira fundo e se movimenta, ficando em cima de
mim. Levo minhas mãos ao meu rosto enquanto
meu choro ecoa e fica ainda mais alto enquanto
meu coração se parte, e eu sei que nunca ninguém
juntaria os cacos. — Mas eu não vou. Eu sinto isso.
Então vamos viver agora. O hoje. E depois...
depois eu quero que seja feliz. Com quem você
quiser.

— Vinícius...

— Me promete. — Seus olhos escuros
pedem e eu balanço a cabeça.

— Não... você vai ficar bem. Eu sei disso
— afirmo diante da sua cara e ele se inclina,
beijando minhas lágrimas. — Pare de falar assim,
por favor — choramingo, mordendo meu lábio.

— Eu quero. Nossa, Tina, eu desejo isso
todas as noites olhando para nossas estrelas. E se eu
ficar, eu vou ser o homem mais sortudo do planeta,
mas se não, eu preciso que prometa.

— Não...

PERIGOSAS ACHERON

— Valentina, por favor. — Eu estremeço sob seu corpo e fecho meus olhos, apertados.

— Eu prometo.

Vinícius me abraça tentando me acalmar, mas passam-se horas e eu ainda tenho lágrimas para derramar. O medo rasteja sobre minha pele, arrepiando-a mais vezes do que posso contar. Não sei que horas adormecemos, mas eu sabia que eu não era a única garota que dormiu com o coração partido.



Na manhã seguinte eu acordo tarde e com Vinícius ao meu lado. Desço as escadas à procura de água e dou de cara com Flaviana sentada no sofá. Seu rosto cansado poderia bem refletir o meu.

— Bom dia! — ela me saúda e eu sorrio me aproximando. Ela me passa uma xícara com café e eu a pego, agradecendo em seguida.

— Bom dia!

— Sei que ele já deve ter contado. Nós estamos tristes, mas confiantes. O transplante será um sucesso, tenho certeza. Só precisamos ter fé que

PERIGOSAS NACIONAIS

algum doador vá aparecer. Ele vai ficar em casa durante essa semana. Uma folga. E volta para esperar o transplante — a mãe do meu namorado explica com um sorriso pequeno, e eu suspiro, olhando para a xícara tremendo sob meus dedos.

— Eu estou com medo — confesso baixinho e ela se ergue, vindo para o meu lado.

— Todos nós estamos. — Flaviana respira fundo e beija meus cabelos. — Curtam a semana. Infelizmente ele não poderá receber visitas no processo de espera e preparação. Espero que tudo fique bem e vocês possam curtir o namoro.

Eu também esperava.

— Ei! — Eu me viro ao escutá-lo e o vejo descer as escadas. Ergo-me e ando até ele, sorrindo. — Bom dia!

— Bom dia! — Eu me inclino e beijo seus lábios. — Preciso ir para casa trocar de roupa e mais tarde posso voltar, se quiser...

— É claro que quero. — Ele sorri e beija minha boca. Afasto-me sentindo minhas bochechas corarem ao perceber que sua mãe ainda estava aqui.

PERIGOSAS ACHERON



Quando eu chego em casa minha família está na sala. Luca e Alícia estão no sofá enquanto Felipe está brincando com os gêmeos.

— Ei! Bom dia! — Sorrio para Alícia e Luca.

— Olha quem chegou — Felipe avisa aos nossos sobrinhos e eu me abaixo para beijar ambos. Pego Arthur e pergunto a Alícia se ele melhorou.

— Sim, graças a Deus. — Ela sorri e acena para as escadas. Pego sua deixa e sorrio.

— Você pode me ajudar com uma coisa? — questiono depois de passar por eles.

Alícia se levanta e corre, dizendo que sim. Entrego Arthur a Luca e ele franze as sobrancelhas para a esposa.

Subimos caladas e quando chego ao quarto ela pula em mim, dando gritinhos.

— Conta, vai. Como foi? — Ela suspira, tentando se acalmar, e se senta na cama.

— O que foi o quê? — eu me faço de desentendida e ela revira os olhos, me puxando

PERIGOSAS ACHERON

para a cama. — Ok. Ok. — Respiro fundo e me viro para ela. — Foi incrível. Ele foi um príncipe, juro que o amo mais ainda. — Mordo meu lábio e Alícia sorri, porém em segundos seus olhos se enchem de lágrimas. — O quê?

— Estou emocionada. Nossa, você era minha menininha alguns anos atrás. — Ela aperta as mãos e me abraça. — Eu a amo como se fosse minha filha. Juro pelas estrelas.

Minha cunhada sorri e eu também fico emocionada. Alícia foi minha única referência feminina enquanto eu crescia, então sim, eu a via como uma influência materna.

— Sinto o mesmo. — Respiro fundo e me deito descansando minha cabeça em seu colo. — O tratamento não fez efeito. Vinícius está na fila de espera para o transplante — explico, tentando deixar as lágrimas longe. — Ele teve alta por essa semana, porque depois vai morar permanentemente no hospital.

— Podemos ser doadores? Que tal juntarmos pessoas para testar compatibilidade com ele? — ela questiona enquanto acaricia meu cabelo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com carinho.

— É uma ideia incrível. — Eu sorrio e agradeço.

Quando ela sai do quarto, eu pego meu celular.

Envio mensagem para Benjamim e peço que chame alguns amigos de Vinícius e nossos para testar compatibilidade. Ben me avisa que fará isso, depois de dizer que sente muito pelo tratamento não ter sido o bastante.

À noite, depois de voltar da casa de Clarisse e Benjamim, eu desço do Uber e me surpreendo ao ver o carro de Gael parado em frente à minha casa. Ele sai do veículo assim que me vê e eu tento ignorar a comoção em meu estômago.

Gael fica parado a alguns metros, sem falar nada, e eu começo a suar, nervosa.

— O que está fa-fazendo? — questiono olhando para os lados, vendo que a rua está deserta. Passa das onze da noite, Gael aqui era a última coisa que passou pela minha cabeça. — Gael? O que você quer aqui a essa hora?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu coração — Gael anuncia e meu peito perde uma batida. Seus olhos verdes estão cheios de lágrimas e os meus são reflexos dos dele ao perceber o que disse.

Ele enfia as mãos nos jeans escuros e sua camisa branca brilha sob a luz do poste. Tão lindo — ou até mais — quanto no dia em que o conheci.

— O quê? — Engulo em seco, tentando me acalmar. Só posso ter ouvido errado.

— Eu quero seu coração — ele reafirma, me fazendo tampar a boca com medo do meu choro.

— No passado você disse que não queria... que meu corpo e minha boca eram suficientes...

— Não são mais. Eu preciso dele, Docinho. — Ele respira fundo e dá um passo em minha direção. — Se eu ainda os tivesse hoje, ainda assim seriam insuficientes. Eu preciso do seu coração.

— Ele já pertence a outra pessoa — consigo pronunciar cada palavra, mas não encarando seus olhos. Deus, eu nunca poderia magoá-lo dessa maneira.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu sei. — Ele acena, puxando os cachos, e eu engulo em seco vendo que mesmo sem ter dito olhando em suas esferas verdes, ele parece devastado. — Inferno, olha o que eu estou fazendo? Lutando por uma mulher que é de outra pessoa, e essa pessoa nem mesmo pode estar aqui agora. Eu sou um fodido desprezível mesmo, nossa! — Gael limpa seu rosto molhado e sem perceber eu dou um passo em sua direção, porém paro quando ele ergue a mão. — Preciso ir... Seja feliz, Docinho. Eu desejo isso de todo meu coração.

Gael entra em seu carro enquanto eu fico parada, soluçando e sofrendo por ter que deixá-lo ir. Vinícius é meu para sempre, sei disso, mas por que deixar Gael estar me destruindo?



Nos dias seguintes eu fui ao hospital antes de ir ficar com Vinícius na casa dele. Tentei focar no meu namorado, na sua recuperação e esquecer Gael, infelizmente até mesmo as menores coisas me faziam recordar seu rosto magoado.

Fiquei feliz ao ver que vários alunos da faculdade foram ao hospital testar compatibilidade

PERIGOSAS ACHERON

e eu ia todos os dias para saber exatamente isso. Quando eu pensei que não teríamos nenhum, uma das pessoas era.

— Gael — Vinícius fala o nome e eu franzo o cenho.

— O quê? — questiono lívida, e ele me encara completamente sério.

— Ele é o único compatível comigo dentre todos que vieram... Ele veio aqui fazer o teste...

— Sério? — Engulo em seco e sinto meu peito apertar com dor.

Vinícius voltou ao hospital hoje e essa é a primeira coisa que ele me diz quando chego para visitá-lo. Não consigo falar nada mais que isso. Um flash das lágrimas de Gael dias atrás acaba comigo. Como ele consegue ser assim?

— Ele... — Vinícius se interrompe e eu ando pelo quarto sem entender como Gael veio até aqui. — Nossa, eu não seria capaz — Vini murmura e eu me viro para encará-lo.

— Como assim? Você não seria capaz de quê?

— De salvar a vida do cara do qual a garota que eu amo gosta. — Abro a boca para retrucar, mas nada sai. Gael não me ama. Isso é demais. Não é? — Isso é de um altruísmo enorme.

A família dele irrompe pela porta do quarto e nós dois ficamos calados diante da felicidade dos seus pais. Vinícius entra em processo de pré-transplante dias depois. Nenhuma visita era permitida além dos seus pais, então me conformei em trocar mensagens com ele de vez em quando.

Ele estava fraco, cansado e fadigado. Eu percebia isso todas as vezes que ele ligava.

Desço do carro tentando focar no que eu vim fazer. A oficina está fechada, pois ainda é cedo. Passo pela fachada e sigo para dois prédios depois. Entro em um deles e subo sem nem mesmo o porteiro perguntar quem eu era ou o que estava fazendo ali.

Paro em frente ao apartamento 203 e respiro fundo, tentando me acalmar. Bato na madeira duas vezes e espero. Não demora, logo a porta se abre e me mostra Fernanda, vestida com uma blusa masculina que sei ser de Gael.

— Oi, Fernanda — eu me forço a falar e ela me encara como se fosse me matar nesse momento.
— Gael está?

— Você só pode estar de brincadeira com a minha cara, né, sua puta sem noção? — ela sibila furiosa e eu reviro os olhos, cansada. A porta bate fechada e eu fico de braços cruzados, esperando.

Vou embora quando Gael me mandar ir.
Até lá, essa louca pode bater a porta na minha cara várias vezes, foda-se.



*“Eu não quero ser seu amigo
Porque eu sempre vou querer mais
Deixe o fim ser o fim
Mas vá em frente, apenas diga.”*
STOP ASKING ME TO COME BACK | JAMES ARTHUR

Na próxima vez que a porta é aberta, quem aparece é Gael. Ele está sem camisa e apenas de short folgado. Seus olhos derivam por mim, me fazendo desviar a atenção.

— Valentina. — Ele me encara e depois abre a porta, me convidando para entrar.

— Será que podemos conversar? —
questiono cruzando os braços enquanto procuro Fernanda. Logo ela aparece completamente vestida.

— Até quando essa garota vai se meter entre a gente? — ela questiona a Gael como se eu não estivesse aqui. Seus olhos estão cheios de lágrimas e, mesmo que eu a odeie, sinto pena. Não quero magoar ninguém.

— Que merda, Nanda. Ela tem namorado. Pelo amor de Deus, para de cena — Gael argumenta, parecendo cansado, e eu ando até a janela, tentando dar privacidade aos dois. O que é meio que impossível, pois Fernanda está descontrolada.

— O que ela tem que eu não tenho? Me fala! — Estremeço sob seu grito. — Eu vivo para você há mais de um ano. Minha vida gira em torno

PERIGOSAS ACHERON

da sua, mas desde que você conheceu essa nojenta, ela virou sua cabeça, Gael. Eu não sou imbecil. Sei que gosta dela...

— Nanda, para — Gael geme em desagrado e eu queria apenas um buraco para me enfiar. Juro por Deus.

— E agora você vai se submeter a uma cirurgia por ela... — Eu me viro, em choque com a sua audácia.

— Nossa senhora, Fernanda! Uma pessoa precisa de mim. A vida dela depende disso. Eu estou apto para ajudar, por qual motivo eu não faria? Deixa de ser louca. Para com isso! — Gael grita saindo do controle, e eu engulo em seco, querendo tampar meus ouvidos.

— Só me procura novamente quando essa menina sumir da sua vida. Para sempre, Gael — ela fala e eu pulo de susto quando a porta bate.

— Me desculpa...

— Eu sou a única pessoa que precisa pedir desculpas. Não deveria ter vindo aqui a essa hora — murmuro apertando minhas mãos e me viro para

encará-lo. — Não quero causar mal-estar no seu namoro. Eu só vim aqui para agradecer o que está fazendo por Vinícius. — Engulo o caroço firmemente e elevo meus olhos para os seus.

— Não tem de quê. É sério. A família dele já está enchendo minha casa com agradecimentos. — Ele aponta para as flores ao redor e eu sorrio. É a cara da Flaviana.

— Eu sei que a última vez que nos vimos foi... dolorosa. — Suspiro lembrando, e ele acena cruzando os braços e se encostando no sofá. — Eu queria saber se está bem. Se está...

— Luca me ajudou muito. Ele pagou o aluguel daqui de um ano e vai descontar do meu salário. Estou bem, sério — ele fala sorrindo ao olhar ao redor do apartamento, e eu aceno.

— Estou aliviada. Muito obrigada por não me odiar. — Suspiro abraçando meu corpo e ele me encara em silêncio por longos segundos.

— Você ouviu tudo que Fernanda disse. Estou longe de sentir ódio por você, Valentina. — Eu sei que não deveria, mas meu coração se aquece.

— Ok. Eu vou indo. — Aceno em direção à porta e ele também acena, caminhando para abri-la.
— Boa cirurgia. Estarei no hospital e vou lá te ver...

— Melhor não — ele me corta e respira fundo. — Fernanda não vai gostar e ela vai estar comigo — Gael explica e eu escondo a faísca de ciúme que surge.

— Tudo bem. Eu entendo.

Saio da sua casa e caminho até a oficina. Abro-a e arrumo para o escritório de Luca. Fico por algum tempo e quando Gael chega eu vou para casa sem dirigir sequer uma palavra em sua direção.



— Você está bem? — questiono a Vinícius quando nos falamos à noite.

Seu rosto debilitado e com máscara de oxigênio me dá um aperto no coração.

— Ele está cansado, Valentina — Flaviana responde pelo filho e hoje é ela quem segura o celular.

— Tudo bem. Me mande notícias, ok? —

Ela acena e eu volto a olhar para Vinícius. — Eu amo você, baby. Em breve vamos nos ver. — Ele pisca para mim e sua mão se ergue enquanto ele faz um joinha. Sorrio e desligo a chamada.

Durante essa e as noites a seguir eu durmo chorando, imaginando o quanto de sofrimento ele está aguentando. Vinícius já estava no limite e hoje é o dia da sua cirurgia.

— Oi! — Sorrio apreensiva para Flaviana e ela me abraça.

— Vai dar tudo certo. Tenho fé que sim. — Eu aceno, devolvendo o abraço.

A cirurgia dura duas horas e logo Vinícius e Gael estão em quartos. Gael vai ficar em observação hoje, mas eu não chego a vê-lo em nenhum momento. Flaviana passou em seu quarto e agradeceu novamente, mas eu não entrei. Falei a ela que não poderia. Uma meia verdade. Gael não me queria lá e eu não poderia culpá-lo.

Ver Vinícius era meio que impossível. As visitas cessaram e eu só o veria novamente com alguns dias. Por isso que quando o médico diz que ele está bem e no quarto eu vou para casa.

DIAS DEPOIS

— Você está aí? — escuto a voz de Alícia da porta e me levanto esfregando os olhos. — Bom dia! Vinícius pode receber você hoje. Que tal ir lá? — O modo como Alícia fala me deixa apreensiva, porém não pergunto nada.

— Vou me arrumar e ir — digo firme e ela acena, engolindo em seco ao sair.

Quando chego ao hospital Flaviana me recebe e me ajuda a vestir as roupas do hospital. Amarro meus cabelos e os enfio na touca. A máscara sobe, tampando minha boca e nariz, e eu entro no quarto. Vinícius está na cama, deitado, e quando me vê ele sorri sob a máscara de oxigênio.

— Por que ele está com máscara? — questiono à sua mãe, me aproximando dele.

— Ele está sentindo falta de ar. — Ela fica ao lado do filho e segura a mão dele.

— Ei! Tudo bem aí? — Fico à sua frente e ele acena sorrindo. — Estava com saudades — murmuro sentindo meu coração se aquecer quando ele pega minha mão coberta pela luva de borracha.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu amo você — escuto sua voz baixa e sorrio, sentindo lágrimas se juntarem aos meus olhos. Pisco afastando-as. Preciso ser forte por ele. Não uma menina chorona.

— Eu também te amo. Eu juro pelas estrelas. — Engulo em seco e me sento ao lado da sua cama, em uma cadeira. — Benjamim e Clarisse irão vir te visitar quando for liberado.

— Valentina... — Vinícius força meu nome a sair e pisca, e é só aí que vejo suas lágrimas. — Fica bem...

O aperto em minha mão afrouxa e seus olhos se fecham. Eu me ergo assustada e Flaviana segura meus ombros. Soluço chorando e ela vem para minha frente.

— Ele só adormeceu. Fica calma. — Escuto sua voz e vejo o monitor cardíaco, vendo que seus batimentos estão soando. Alívio passa por meu corpo e eu relaxo. — Precisamos deixar ele descansar, Valentina. Ele está tão cansado. — Eu encaro seus olhos e por mais que não queira, eu vejo nas entrelinhas.

PERIGOSAS ACHERON



Horas depois eu estou no café do hospital com a mãe de Vinícius. Flaviana pega minhas mãos e sorri com os olhos cheios de lágrimas. Também estou triste, mas eu sentia que ela previa.

— Ei, baby. — O pai de Vinícius chega tremendo e abraça Flaviana, que balança a cabeça, negando. — Ele estava cansado, querida — ele explica e eu sinto meu coração acelerar.

— Ele acabou de... — ela murmura olhando diretamente para mim, e eu nego com a cabeça.

— Ele estava dormindo quando aconteceu.

— Ele só queria se despedir... — a mãe dele me fala.

O hospital inteiro ouve meus gritos de dor. Eu não esperava encontrar Luca e Alícia no meio da recepção, mas lá estavam eles. Eu me mantenho de pé quando minhas pernas não respondem.

— Não! — grito contra o peito do meu irmão, balançando a cabeça. — Não, Luca, por favor, não, não... — Luca me aperta contra seu

PERIGOSAS NACIONAIS

peito enquanto nós três choramos. Alícia treme vendo meu sofrimento, e eu grito, tentando entender o motivo. Por que ele?

Tanta gente ruim no mundo, tantas pessoas que não merecem um segundo de vida esbanjando saúde, e Vinícius, que era um menino incrível, se foi. O que há de errado com o mundo? Por que Deus era tão injusto?

— Todos nós teremos o nosso momento. Deus não é injusto. — Luca parece ler meus pensamentos e fala firme. — Vinícius está bem. Ele quer que você fique bem.

Eu não respondo. Não poderia, pois não concordo.

Alícia me ajuda a ir para uma cadeira e eu levo minhas mãos ao rosto, chorando. Alguém se ajoelha diante de mim e eu abro meus olhos para ver Felipe ali. Seu rosto está repleto de lágrimas quando ele abre os braços. Eu me jogo nele, tentando não o derrubar.

— Eu sinto muito. — Sua voz se parte e eu aceno contra seu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

Clarisse e Ben chegam e os dois também me abraçam, juntos.

— Tudo vai ficar bem. Me ouviu? —
Benjamim segura meu queixo, me fazendo encarar seus olhos azuis, e eu aceno. — Nós amamos você. Vinícius sempre vai amar você. Ele te amará de onde estiver. Eu juro pelas estrelas, Valentina.



Tento deixar o vestido liso sem nenhuma dobra pela terceira vez enquanto passo a mão. Vejo no espelho do salão de festas meu cabelo preso em um rabo de cavalo. Meus olhos estão inchados e a base cobriu as bolsas escuras, no mesmo tom da minha roupa: preto. A cor que representava bem o dia de hoje.

Alícia aparece ao meu lado e eu seguro sua mão, que descansa em meu ombro. Respiro fundo e saímos para o jardim do salão. Os pais de Vinícius organizaram seu velório de uma maneira linda. As flores pelo jardim foram trocadas por lâmpadas pequenas que decoravam o espaço, dando muita luz. A luz da lua estava forte, mas não demais para que as estrelas perdessem seu brilho.

Era noite. Flaviana e Paulo disseram que ele pediu, antes de transplantar, que seu velório fosse à noite. Que queria as estrelas vendo tudo. E hoje era uma noite linda. Cheia de estrelas incríveis e brilhantes.

Os pais dele fazem um discurso lindo e emocionante. Tento controlar minhas lágrimas, tento respirar pela boca e fingir que quem está ao meu lado é Vinícius, e não um desconhecido.

Eu me ergo assim que Flaviana me chama. Caminho enxugando meus olhos e suspiro ao ver a foto incrível de Vinícius sorrindo. Seus olhos estavam brilhando e ele estava feliz.

— As estrelas são esferas celestes que são compostas por gases nucleares. Resumindo, são como rochas que flutuam pelo céu. Ela é algo, mas não é valioso sem a fusão que acontece dentro dela. Ela não brilharia se os gases que a compõem não explodissem. Ela não seria importante e cheia de beleza. Ela não seria lembrada ou ansiada por nós.

— Mordo meu lábio enquanto passo meus olhos pelas pessoas, familiares de Vinícius na sua maioria, mas tinham nossos amigos. Minha família,

PERIGOSAS NACIONAIS

incluindo os agregados, e pessoas que eu não conhecia. — Vinícius era minha fusão. Ele me fazia brilhar e eu sei que eu também era a fusão dele. Juntos, éramos felizes. Vini me completava. Ele era a beleza que o mundo exterior via em mim. Ele era a minha alegria. Nos conhecemos na escola, ele foi meu defensor... — Sorrio lembrando-me disso e suspiro, encarando o público. — Nunca pensei que perderia meu primeiro amor tão jovem. Ele era incrível. Uma pessoa à qual você poderia recorrer quando precisasse. Eu queria que ele estivesse aqui para ver a quantidade de pessoas que o amavam pelo que ele era. — Engulo em seco e sorrio enquanto as lágrimas caem por meus olhos. — Onde estiver, Vini, eu quero que saiba que nunca te esquecerei. Eu juro, por todas as estrelas do universo, que eu vou te amar eternamente.

Saio do palco e pego o balão de papel do chão, sendo seguida por todas as pessoas. O céu já brilhante dá boas-vindas a mais luzes e eu suspiro, sentindo novas lágrimas descerem por meu rosto. Luca envolve meu corpo com seus braços e eu descanso minha cabeça contra seu peito, encantada

PERIGOSAS ACHERON

com o céu brilhante feito unicamente para Vinícius.

Meu coração está dolorido, cheio de ressentimento, mas eu sabia que o tempo ajudaria. Eu jamais esqueceria Vinícius, sempre seria doloroso me lembrar dele, mas eu seria feliz. Por ele. Por mim.



*“À noite, quando as estrelas iluminam o meu
quarto
Me sento sozinho
Conversando com a lua
Tento chegar até você
Na esperança de que você esteja no outro lado
Conversando comigo também
Ou eu sou um tolo que fica sentado sozinho
Conversando com a lua?”*
TALKING TO THE MOON | BRUNO MARS

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

SEIS MESES DEPOIS

— Você está pronta? — questiono à minha melhor amiga quando ela respira fundo, tentando controlar a dor.

— Não. Não estou. — Clarisse chora balançando a cabeça, e eu respiro fundo, tirando-a do carro.

— Sua filha vai nascer em um carro, se não se apressar! — resmungo e a tiro do veículo. Ajudo-a a sentar na cadeira de rodas e o maqueiro a leva para dentro.

Benjamim nos encontra na recepção e se ajoelha, beijando Clarisse nos lábios.

— Ei, vai ficar tudo bem.

— Não acho que vá ficar tudo bem. Pelo menos não minha vagina. — Seu rosto fica vermelho, e eu sorrio, balançando a cabeça.

Faço a ficha dela e os dois entram na sala do médico. Fico na sala de espera e sorrio aliviada quando a família de Clarisse chega. Sua mãe sorri, perguntando pela filha, e eu lhe dou as notícias. As duas se acertaram, graças a Deus, e hoje se dão

superbem. O pai de Clarisse foi vencido pelo cansaço e hoje era o vovô mais babão que eu já vi.

A família de Benjamim também chega e eles se empenham em conversar.

Fico no hospital e sorrio quando os amigos de Benjamim chegam. Eu me ergo e cumprimento alguns, volto a me sentar enquanto os palhaços fazem piadas sobre algo que aconteceu no caminho.

— Vocês viram a cara do Gael quando falou que vinha? Nossa, Fernanda está mais louca que nunca — um deles fala subindo a voz, e Jefferson olha em minha direção. Finjo que não ouvi e encaro minhas unhas pintadas de cinza.

Já vi Gael duas vezes depois que Vinícius faleceu. Nas duas ocasiões nós nos evitamos. Sem olhares ou conversas, e foi melhor assim. Hoje ele ainda está namorando com a Fernanda. Dei *unfollow* nele quando senti que ver suas coisas não estava me fazendo bem.

— Cara, não sei o que ele viu nela — Jeffin comenta balançando a cabeça, e eu pego meu celular. Aviso a Alícia que Belinda resolveu vir ao mundo.

— Espero que eles terminem — a voz de uma menina ecoa e eu olho para ela. — Gael está empurrando esse relacionamento porque não pode estar com a garota que ama. Ninguém merece viver assim. — Seus olhos castanhos encontram os meus e eu engulo em seco, desviando minha atenção para o celular.

Eu me ergo e ando em direção à cafeteria. Escolho uma mesa afastada da entrada e bebo um cappuccino enquanto espero que alguém me ligue, avisando que minha afilhada nasceu.

— Inferno, já falei onde eu estou, não foi? — Meu corpo fica rígido ao escutar essa voz. — Ele é meu amigo, a filha dele está nascendo e eu vim conhecer ela. Caramba, você está me deixando louco, Fernanda! — Gael explode caminhando para o balcão. — Um café preto.

Ele segura o celular na orelha e suas costas se tensionam ao escutar qualquer coisa que Fernanda tenha falado.

— Beleza — ele fala mais baixo e eu dou um gole na minha bebida, tirando meus olhos dele. — Você acabou de dizer que está indo embora. Vai

embora. Eu não vou sair daqui até conhecer a criança. Para de me ligar. Meus amigos olham para mim como se eu fosse um imbecil por ainda aguentar suas paranoias. — Gael se vira quando a atendente lhe entrega o café e eu volto a olhar para o meu celular. — Fernanda...

Sua parada súbita de falar me faz elevar meus olhos. Gael trava seus olhos nos meus e desliga o celular, colocando-o no bolso. O tempo parece parar e eu desvio minha atenção dele, olhando para a mesa. Mordo meu lábio até sentir o gosto metálico na boca quando palpitações começam a surgir. Franzo o cenho para meu coração acelerado, meu estômago frio e minha mão suada. Afundo meus dentes mais forte e suspiro aliviada quando tudo isso para de acontecer.

Eu me ergo rapidamente e ando em direção à recepção. Jefferson e os outros estão amontoados nas cadeiras e eu vou para o canto da parede, distante deles. Vejo pelo canto do olho, minutos mais tarde, Gael chegar à sala. Ele se senta ao lado de um dos seus amigos e eles conversam.

Um videochamada começa em meu celular

e eu atendo, sorrindo ao ver que é a Zoe.

— Ei! — cumprimento seu rosto contra a cama e ela sorri.

— Você vem hoje, não é? Juro por Deus que vou te buscar se me der mais um furo...

Zoe e todos os meus amigos estão acostumados com as minhas desculpas para não poder ir a algum lugar. Clarisse era a única que me tirava de casa, pois ela usava Belinda como motivo.

— Eu tentarei ir — respondo sorrindo, mas nós duas sabemos que não vai acontecer. Seu presente já está embrulhado em cima da minha cama. Mandarei Luca entregar na casa dela.

— Vou te buscar — ela desafia e eu engulo em seco, balançando a cabeça. — Eu sei que dói. E eu sinto muito, mas você está viva, Valentina. Você está viva. Viva por você e por ele. Eu sei que ele desejaria isso. — Suas palavras fazem lágrimas se acumularem em meus olhos.

— Eu tento. — Fecho meus olhos e suspiro. — Tento todos os dias, mas não consigo — confesso, dando de ombros, e ela respira fundo, se

sentando em sua cama.

— Eu e todos os seus amigos amamos você. Venha, por favor. Hoje iremos nos divertir, eu prometo. — Diante da sua promessa eu aceno. E agora era verdade.

Desligamos e eu limpo meu rosto olhando para os lados. Ao encontrar Gael me encarando, eu só desvio e tento esquecer sua presença diante de mim.

— Ela nasceu! — a mãe de Benjamim grita avisando, e eu me ergo sorrindo. Caminho em sua direção como todos e a abraço. — Clarisse está à sua espera. Como só podem entrar dois por vez, dividam-se.

— Posso entrar primeiro? É que tenho algumas coisas para resolver — Gael explica e nós dois andamos juntos pelo corredor.

Ando à sua frente tentando esquecer sua presença. Seus pés arrastando me irritam e eu sei que é loucura. Droga, o que está acontecendo?

— Você está bem? — sua voz chega a mim e eu respiro fundo. — Não vi mais você em lugar

nenhum...

— Estou bem.

O silêncio nos acompanha até a porta do quarto e eu bato antes de girar a maçaneta. Porém me detenho quando Gael segura meu braço.

— Você disse que nunca mais me tocaria, lembra? — sussurro virando o rosto para encarar seus olhos.

— Eu disse muita coisa que não era verdade. — Ele se inclina em minha direção e eu engulo em seco. — Você está bem?

— Faz mais de seis meses, Gael. Está bem tarde para me perguntar isso...

— Não quis importunar, você estava de luto...

— Eu ainda estou — interrompo e suavizo minha voz. — Estou bem, de verdade.

— Se estivesse você iria para o aniversário da sua amiga hoje. — Semicerro meus olhos e empurro sua mão para longe.

— Não que te interesse, mas eu vou. — Abro a porta de uma vez e entro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Em meses um sorriso realmente verdadeiro não se estende por meus lábios, mas enquanto me inclino sobre o bercinho do hospital e vejo Belinda envolta por uma manta rosa que eu ajudei a lavar e passar, eu o tenho. Meu coração se enche de amor.

Ajoelho-me ao seu lado e encaro seu rosto pacífico.

— Ei, Belinda — sussurro rindo e suspiro apaixonada. — A Dinda está muito feliz por sua chegada. Eu te amo — digo ainda rindo e me ergo, encarando as pessoas no quarto.

Abraço minha amiga e em seguida meu amigo, os parabenizando.

— Incrível — Gael sussurra assim que Benjamim tira Belinda do bercinho e a entrega nos braços dele. — Ela é linda. Parabéns. — Ele sorri para o amigo e Clarisse, e novamente a comoção em meu corpo quer acontecer, mas empurro de volta.

— Deveria ter me dado primeiro — retruco cruzando os braços, e Clarisse ri me encarando. — Estou falando sério. Eu sou a madrinha dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Não vou levar ela para casa, Valentina.
— Gael ri e se aproxima de mim. Ele me passa Belinda com cuidado e eu suspiro apaixonada, olhando para ela. — Preciso ir. Parabéns para vocês. — Ele abraça Ben e beija os cabelos de Clarisse.

— O que foi isso? — pergunto assim que ele sai do quarto.

— Nos aproximamos bastante durante esses meses — Benjamim explica me fazendo semicerrar os olhos. — Se você tivesse ido à metade dos lugares que chamamos, saberia que ele estava lá.

— Ainda bem que não fui, então — retruco irritada.

Ben e Clarisse reviram os olhos e logo esquecemos a existência de Gael.



Desço do carro segurando o presente da Zoe firmemente em minhas mãos. Se tem um lugar que eu pensei que não poria meus pés novamente, era a pista, mas cá estava eu. Ando em direção aonde acontecem as corridas e sorrio quando vejo minha

amiga.

Zoe fazer seu aniversário aqui não me surpreende, a mulher adora esse lugar.

— Feliz aniversário! — Abraço seu corpo e ela me tira do chão, me fazendo rir. — Para. Você vai mostrar minha calcinha para todo mundo. — Dou tapinhas em seu ombro e ela me deixa ir.

— Seria um espetáculo. — Ela gargalha e eu reviro os olhos. Pego uma cerveja onde Zoe improvisou um bar e bebo alguns goles.

Zoe se afasta para cumprimentar outras pessoas e eu me encosto em um dos carros.

— Sozinha? — Jefferson aparece na minha frente e eu sorrio, dando de ombros.

— Conheço apenas a Zoe daqui, então eu vim sabendo que ficaria isolada.

— Estamos naquele canto. Vamos para lá — ele convida e eu olho para onde ele aponta. Esperava ver Gael, mas ele não está, e só por isso eu aceito.

Caminho atrás dele e logo chegamos. Não há cadeiras, apenas uma mesa onde estão as

bebidas dos meninos. Cumprimento alguns e encaro ao redor da festa. A pista está interditada e a festa está acontecendo bem no meio dela. Um carro preto chega e devagar o dono estaciona, eu não preciso ver o motorista para saber quem é.

Fernanda é a primeira a sair e logo ele a segue. Viro meu rosto e sorrio ao encontrar um antigo vizinho na minha frente.

— Tina? — Ele arregala os olhos e eu aceno.

— A própria. Como está, Davi? — Abraço seu corpo e ele ri, dando de ombros ao beber a cerveja.

— Estou indo. Como vai Luca?

— Ótimo. Você sabe que ele tem filhos agora, né? Gêmeos — digo sorrindo ao me lembrar de Arthur e Leo.

— Não sabia! Nossa, a mulher o prendeu mesmo, então? — Eu aceno rindo e vejo pelo canto do olho Fernanda e Gael chegarem à mesa. — Gael?! Mano, hoje o dia é só de reencontros! — ele grita rindo e Gael vem até a gente para abraçar

Davi.

— Davi, quanto tempo, cara. Como vai?

— Estava falando para a Tina, indo, né?

Comecei a trabalhar com meu velho. Tá suave — Davi conta despreocupado e eu bebo mais um gole da minha cerveja. — Sinto muito pelo seu pai.

Fiquei sabendo um tempo atrás... foda, né, mano?

— É, foda. — Gael murmura e dá um sorriso sem qualquer vontade para Davi.

— Vocês se conhecem, né? — Ele olha entre nós dois, super desconfortáveis ao ouvi-lo questionar.

— Hum-rum — afirmo bebendo mais da cerveja, e Gael acena.

— Quero apresentar minha mina a vocês. Ela é da hora. — Davi se vira, olhando sobre as pessoas, e aponta para o final da festa. — Estamos ali. Passem lá, se puderem.

— Daqui a pouco eu vou lá — afirmo sem qualquer vontade de sair do meu lugar.

Vou esperar meia horinha e daqui a pouco irei embora. Até porque, do jeito que estou

bebendo, logo estarei embriagada.

Davi sai e Gael fica parado na minha frente. Eu olho para Fernanda atrás dele e suspiro vendo seus olhos furiosos direcionados a mim.

— Volta para sua namorada antes que ela pule no meu pescoço — mando sem entender o motivo de ele ainda estar à minha frente.

— Não somos namorados...

— Sêrio? Fico feliz por você. Ela é uma cadela — sibilo, bebendo mais cerveja, e me assusto quando alguém dá um tapa na lata que vai ao chão, molhando dois meninos que estavam ao meu lado. — Que porra é essa?

— Você me chamou de cadela? —
Fernanda grita na minha frente e eu me inclino ficando frente a frente com seu rosto.

— Você é surda? — questiono rindo, e ela empurra meus ombros.

— Fernanda, para. Vai para as suas amigas.
— Gael se mete na minha frente e eu dou passos para trás.

— Não estou acreditando que vai defender

PERIGOSAS NACIONAIS

essa puta! — ela grita chamando atenção das pessoas, e eu reviro os olhos. — Que droga, Gael. Todos os seus amigos riem da sua paixonite por essa cachorra vira-lata que tem uma cunhada rica...

— Cala a sua boca! Não fala da minha família, me ouviu? — grito, passando por Gael, mas ele envolve minha cintura e me segura. — Se Gael não gosta de você é porque você o sufoca. Não por mim. Eu estou fora da vida de vocês há tempos, deveriam já ter casado e estarem à espera do primeiro filho. Não me culpe pelo seu fracasso!

Eu grito alto o bastante para todos ouvirem. E podem me julgar, eu amei.

PERIGOSAS ACHERON



*“Você me ajudou a lutar quando eu estava
desistindo
E você me fez amar quando eu estava me
rendendo.”*

GET YOU THE MOON | (FEAT. SNOW) KINA BEATS

— Valentina, para! — ele grita exigindo enquanto Fernanda some pelas pessoas, chorando. Foda-se, ela mexe comigo e quando eu falo umas verdades, ela chora e corre?

— Me solta — mando irritada, mas Gael apenas solta minha cintura para segurar meu braço. Ele anda em direção Aonde Davi apontou e eu caminho bufando de ódio, sem querer fazer uma cena. — Gael, eu vou arranhar tanto sua cara, que você vai ficar irreconhecível — digo entredentes assim que ele me solta, longe da festa.

O som chega até a gente, mas as pessoas estão longe. Gael me puxa para de trás de um carro e me prende contra a lataria.

— Mostra suas garras. — O olhar furioso que ele me lança me faz engolir em seco. — Você não pode ver Fernanda que começam a confusão. Que droga é essa?

— Ela começa todas as vezes. Ela se recente por você gostar de mim. Eu tenho culpa disso? — questiono alto e rindo. Gael me solta e se afasta, balançando a cabeça.

— Nossa, você é uma cadela mesmo... —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mão vai para sua cara, mas Gael a segura. Ele não aperta ou me machuca, ele só não me deixa bater nele. — Não me bate. Eu não sou um cachorro de rua que chora pela porra da sua atenção. Você não pode fazer o que quiser comigo, Valentina!

— Você me xingou. Eu não sou cadela, você sabe disso...

— Mas acabou de ter atitudes que dizem o contrário. — Ele ergue as mãos e se afasta mais. — Espero que sua dor se cure e que você volte a ser a mulher legal que conheci...

— Ela não vai voltar...

— Ele também não vai. Vinícius queria sua felicidade, não que virasse uma enclausurada. Uma amargurada...

— Você não sabe de nada! — grito tremendo, e ele puxa seus cachos. — Ele morreu sabendo que eu amava você. Ele sabia disso! Ele me deixou uma carta dizendo tudo. — Aperto minha bolsa, que é onde a carta está, e deixo lágrimas encherem meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele estava enganado. Se você me amasse, não teria me deixado seguir a porra da minha vida com outra pessoa! — Gael afirma tremendo, e eu soluço tampando minha boca. — Vinícius foi seu primeiro amor e eu nunca quis me comparar a ele. Nunca coloquei na balança a atração que senti por mim com o amor que sente por ele. Não tem comparação, Valentina.

— Eu amava os dois. — Meu queixo treme quando confesso e Gael se abaixa, ficando agachado. Ele fecha os olhos enquanto esfrega o rosto e eu respiro fundo. — Quando tive que escolher, eu jamais escolheria diferente, Gael. Vinícius era meu primeiro amor. Ele estava doente, eu fiquei com ele e se o tempo voltasse era com ele que eu ficaria novamente...

— Eu queria entender isso. Juro que queria, mas se Fernanda estivesse doente e eu tivesse que escolher entre as duas, você seria a minha escolha. Porque eu amo você! Só você! — seu grito ecoa pela noite e eu ofego, tentando respirar. — Eu não ficaria com ela tentando preencher um vazio. Não esconderia meus sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não compare o sentimento que nutre por Fernanda com o amor que sinto por Vinícius. Nem de longe seria o mesmo...

— Sim, e é exatamente por isso que eu estou te falando. Você o amava e o escolheu. Tudo bem, porra! Eu juntei a merda dos meus cacos e segui em frente. Mas não vem me dizer que me amou em algum momento, porque isso é mentira.

— Ele se ergue e anda até mim.

— Gael...

— Anda para o meu carro. Eu vou deixar você em casa. — Ele segura meu braço, e eu limpo meu rosto e caminho em silêncio. — E só para você saber, ele também me deixou uma carta. Eu nunca a abri — ele fala quando me coloca dentro do seu carro. Franzo o cenho e me viro quando ele se senta.

— Onde está? Quero ler...

— É para mim, não para você — ele corta minha fala e dirige em direção à saída da pista.

— Quero ir para sua casa — afirmo, fazendo-o me encarar. — Estou bêbada, Luca vai

PERIGOSAS ACHERON

brigar comigo...

— Você já é bem grandinha para o seu irmão estar dando palpites.

— Fala isso para ele — retruco irritada.

Gael suspira e revira os olhos, acenando.



Sua casa está do mesmo jeito que a vi, na última vez que vim aqui. Eu me sento no sofá e tiro minhas sandálias. Gael pega água na geladeira e me dá um copo. Bebo devagar, tentando ficar calada.

— Quero ver a carta. — O silêncio não dura.

— Por quê? — ele questiona cruzando os braços, ao se encostar na parede.

— Por favor — peço sentindo minha garganta inchar. — Quero saber o que ele pensava. — Suspiro e tiro a minha carta da bolsa. — Se quiser, pode ler a minha antes.

Gael pega o papel bem dobrado e começa a ler.

Valentina,

Se você está lendo isso é porque eu não estou mais com você. De corpo presente, pelo menos. Você acabou de ir embora, dormimos juntos ontem e agora estou esperando você retornar. Se lembra do dia em que fizemos as pazes por eu ter explodido sobre Gael ir morar na sua casa? Foi naquele dia que eu soube realmente.

Você o amava. Você amava nós dois. Em intensidades diferentes.

Eu soube disso assim que vi seus olhos olhando para a foto dele com a outra menina. Seus olhos verdes se dilataram e eu vi dor neles. Vê-lo com outra te machucou. Eu fingi que não vi nada. Fui egoísta e covarde.

Egoísta porque não queria acreditar, e ao deixar para lá eu sabia que você não me deixaria para ficar com ele. Covarde, pois eu tive medo de que você realmente me deixasse por ele, e eu sabia que se eu tivesse te dado uma oportunidade, você teria o escolhido.

Podemos amar duas vezes. Porém não amamos duas pessoas.

Quando o pensamento de amar uma
PERIGOSAS ACHERON

segunda pessoa surge, você já não ama mais a primeira. É meio que impossível. Eu amei você e só você. Eu errei em ficar distante por anos. Errei em não te dar satisfações e hoje eu sei que deveria ter aproveitado os anos que me restavam com você ao meu lado.

Eu sei que agora você está sofrendo, é normal, eu fui alguém importante na sua vida. Mas, quando a dor cessar e você se sentir pronta, fala com Gael. Eu sei que vocês vão ser muito felizes.

Eu amo você e eu juro Pelas Estrelas.

Com amor,

Vinícius.

Gael afasta o papel e eu abraço minhas pernas, descansando meu rosto sobre meus joelhos. Sinto-o me passar um papel, que sei ser sua carta.

— Lê em voz alta — ele pede suavemente e se senta na poltrona à minha frente.

Gael,

Não conheço você muito bem, na verdade, eu gostaria até de conhecer. Queria saber se é

legal, uma pessoa boa, mas eu desconfio que seja. Dias atrás eu escrevi uma carta para a Valentina. Não iria escrever nada para você. Porém hoje descobri que você será meu doador de medula. Não sei o que te levou a ir fazer o teste ou realmente aceitar fazer o transplante, mas quero agradecer por isso e te falar que seu coração é nobre.

Talvez seja por isso que ela te ama.

Não sei se vou ficar bem, mas se está lendo isso, é porque eu não aguentei. Eu queria dizer que poderíamos ser amigos, mas não vou mentir. Amo Valentina mais do que a mim mesmo e saber que ela te ama me traz dor. Eu não seria capaz. Porém eu sei que pode fazê-la feliz.

Ela merece isso. Vocês dois merecem.

Eu sei que nesse momento ela vai se distanciar de tudo. Deixe o tempo passar, deixe que ele cure o luto dela, depois, tire-a da casca em que ela vai entrar. Ela é assim. Quando o mundo entrega dor, ela se esconde. Sofre sozinha e calada.

Se você tem dúvidas sobre o amor dela, lhe pergunte. Ela não vai mentir, mas se há alguém que a conhece melhor que eu, desconheço.

Adeus,

Vinícius.

Coloco a carta sobre a mesa que separa Gael de mim e choro com a cabeça sobre meus joelhos. Ler os pensamentos de Vinícius me causa angústia e dor. Por que ele teve que ir? Por que, meu Deus?

Gael se ergue e se senta ao meu lado em segundos. Seus braços me envolvem e eu me inclino sobre ele, soluçando.

— Eu sinto muito.

— Eu também.

Durmo em seus braços e quando acordo estou em uma cama. Eu me ergo e arrumo meu cabelo. Caminho para a sala e me encosto à parede ao ver Gael deitado no sofá. Seus suspiros no sono me fazem suspirar.

— Não, pai. — Meu corpo se retesa quando escuto seu murmúrio. — Não quero. — Eu me aproximo devagar e me ajoelho, indo acordá-lo. — Quero ir para a escola. — Franzo o cenho sem entender seus balbucios. O que seu pai queria que

ele fizesse?

— Gael — chamo ao ver seu rosto se retorcer, como se sentisse dor.

— Eu não vou ser igual a você. — Mordo meu lábio e estendo minha mão até seu ombro. Balanço um pouco e o chamo novamente. Quando seus olhos encontram os meus, eu respiro fundo, me sentando no chão.

— Desculpa, é... você estava sonhando...
— murmuro incoerente, e ele se senta esfregando o rosto.

— Pesadelos. Não são sonhos — sua voz rouca ecoa e eu engulo em seco.

— Sinto muito. Você estava falando... chamou por seu pai — consigo dizer e mordo meu lábio quando ele ergue o rosto para me encarar.

— Você não quer saber disso. Deixa como está. — Ele se ergue e eu desvio os olhos ao ver que ele está só de cueca. — Desculpa. Imaginei que eu acordaria antes, não você.

— Não tem problema — digo firme e me levanto também. — Eu vou indo para casa. Tenho

aula e preciso correr — explico, olhando para o meu celular.

— Eu te levo. Só me deixa escovar os dentes e mijar.

— Nossa. — Faço careta para seu jeito de falar e ele ri, dando de ombros. — Modos, Gael — retruco e ele sai da sala, me deixando sozinha.

Nós saímos da casa dele tempos depois. Gael me leva até seu carro e eu suspiro quando Kieran estaciona em frente à oficina e desce do carro, vindo até a gente.

— O que está fazendo aqui? — ele pergunta diretamente para mim, e eu franzo o cenho.

— Dormi no Gael...

— Kieran, não é o que está imaginando...

Grito quando o amigo do meu irmão pega Gael pelo colarinho e o empurra contra a parede de tijolos.

— Kieran! — grito empurrando seu braço, mas ele não afrouxa.

— O namorado dela morreu não tem muito tempo. Ela está frágil, caralho! Não se aproveite

dela. — Seu grito chama a atenção das pessoas e eu empurro seu ombro mais forte.

— Solta ele! Ele não fez nada. Estávamos na mesma festa ontem. Só isso — sibilo furiosa, e ele se afasta de Gael. — O que diabos você tem a ver com isso? Nunca mais toque nele!

— Se o seu irmão não está, eu vou cuidar de você. Não me importo se está irritada. Eu faço a porra do meu trabalho bem — ele fala firme, me encarando, e eu rio balançando a cabeça. Inacreditável.

— Cara, não aconteceu nada. — Gael olha diretamente para Kieran e os dois engolem em seco. — Eu não a tocaria dessa maneira, caralho. Não agora e não enquanto eu não tiver certeza que ela quer e que está bem — Gael diz suavemente e Kieran acena, elevando as mãos. — Você sabe disso.

— Desculpa. Foi mal. — Então ele só nos dá as costas e vai abrir a oficina.

Paro em frente a Gael e ele me puxa pelo braço em direção ao seu carro. Entramos em silêncio e quando ele sai pela rua, eu engulo em

PERIGOSAS ACHERON

seco.

— Você está bem? — questiono nervosa.
— Desculpe por Kieran...

— Está tudo bem — ele sussurra, e o silêncio nos brinda a seguir.

Suas palavras voltam para mim e eu respiro fundo, tentando empurrar o sentimento. Não posso pensar em Gael assim. Não agora, nem nunca. Posso gostar dele, mas ficar com ele depois de Vinícius morrer não é algo que caia bem na minha cabeça.

Quando chego em casa, Gael não desce do carro, apenas sai pela rua depois de dizer tchau. Quando entro em casa, corro para meu quarto e me arrumo para ir à faculdade.

— Bom dia! — murmuro assim que entro na sala de jantar.

— Bom dia! — Alícia me cumprimenta enquanto Luca só me encara. Felipe já foi para a escola, pelo visto.

— Onde você dormiu? — ele questiona, e eu suspiro, me sentando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— No Gael...

— O quê? — os dois gritam assustando Leo e Arthur.

— Não é isso que estão pensando.

Estávamos na mesma festa. Eu não estava bem e pedi a ele para me levar para sua casa — explico e dou uma mordida no pão.

— Mas vocês estão juntos ou algo assim?

— Alícia questiona e Luca amolece o olhar quando escuta.

— O quê? Não! Logico que não! — esbravejo irritada, e Lili arregala os olhos. — Desculpa. Eu só não quero que pensem que pulei de Vinícius para Gael...

— Ninguém pensa isso, Valentina — Luca afirma sério, e eu desvio meus olhos dos seus. Pego um pedaço de mamão e o corto, levando-o à boca.

— Vinícius queria que fosse feliz. Nós sabemos que Gael a faz feliz e tudo bem...

— Isso mesmo — Lili confirma, e eu engulo em seco.

— Parem — peço e ergo minha atenção

PERIGOSAS ACHERON

para eles. — Não quero ou preciso de Gael. Ele tem namorada e está feliz.

— Não é crime amar outra vez, Tina. —
Alicia pega minha mão e a aperta ao sorrir.

— Se Luca tivesse morrido na cadeia você estaria com outra pessoa? — Minha pergunta faz Lili se afastar, seu rosto fica cheio de dor e eu sei que fui longe demais. — Lili...

— Não sei. — Ela balança a cabeça e encara meu irmão com lágrimas nos olhos. — Mas eu nunca olhei para outro homem depois de Luca. Ele é o amor da minha vida. Nunca senti meu coração acelerar por causa de outra pessoa, Tina. Como eu te disse anos atrás, você não tinha encontrado a pessoa que te faria esperar por ela o tempo que fosse, a pessoa que te faria querer correr contra as ondas só porque ela estaria no outro lado. — Lembro-me de suas palavras vagamente e minha cunhada sorri. — Luca é isso para mim. Ele é meu amor épico. Se Vinícius tivesse sido o seu, Gael não estaria fazendo seu coração acelerar.

Ela se levanta e pega os filhos, saindo da cozinha. Lágrimas enchem meus olhos e eu me viro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para Luca, que se aproxima de mim.

— Ninguém está dizendo para você correr para ele. — Meu irmão limpa minhas lágrimas e beija minha testa. — Só estamos dizendo que uma hora ou outra você vai ter que ceder.

PERIGOSAS ACHERON



*“Pois posso ser a pessoa certa
Pra você amar de vez em quando.”*

PERFECT | ONE DIRECTION

Arrumei os doces sobre a mesa e sorri ao ver que estava perfeito. Hoje era o aniversário de Luca. Ele resolveu dar uma festa na casa de praia que ele e Alícia compraram há alguns meses. Sorrio vendo Leo rindo e batendo os braços na água da piscina. Felipe está segurando-o enquanto está com alguns dos seus amigos mais próximos.

— Tina, pode trazer mais doces? Faltou desse lado — Alícia pede, tentando segurar Arthur e uma bandeja ao mesmo tempo.

— Já volto — aviso e entro na casa. Pego mais doces e, escondido de Karine, a madrasta de Alícia, eu pego alguns salgadinhos. Levo-os à minha boca e engulo sorrindo. Humm, delicioso.

Clarisse e Benjamim até queriam vir, mas Belinda ainda é muito nova para estar ao ar livre cheio de pessoas. Quem veio foi Laís, com o filho mais velho de Theo, Thomas. Deixo os doces com Alícia e pego Thomas, o levando para a piscina.

Brinco com ele junto de Leo e logo ele pede para voltar para sua mamãe. Lorena sempre se emociona quando o menino a chama assim.

Thomas é filho de Theo com uma antiga namorada.

Ele só se descobriu pai anos atrás. Lorena recebeu Thomas na sua família e hoje eles são inseparáveis.

Entro na casa, prendendo meu biquíni novamente, pois estava afrouxando, e ando para o banheiro. Bato duas vezes vendo a porta fechada e me afasto. Quando Gael sai de lá, eu sinto meu coração pular.

— Ei... — Ele para de falar quando seus olhos encaram meu corpo coberto só pelo biquíni pequeno. Suas íris dilatam quando ele vê meus seios. Não tenho peitos pequenos, até queria, porque grandes dão muito trabalho, porém Deus me deu dois seios grandes e pesados. Gael engole em seco e volta a olhar para meu rosto. — Desculpa.

Ele respira fundo e coloca a mão sobre seu short jeans. Arregalo os olhos e seu rosto fica vermelho vivo.

— Porra, desculpa, é sério! — ele gagueja e eu engulo em seco, tentando respirar.

— Tudo bem — consigo dizer e Gael morde seu lábio, passando por mim.

— Não quero ser escroto, mas tem uma

PERIGOSAS NACIONAIS

galera chegando — ele murmura nervoso e eu arqueio a sobancelha. — Droga, eu sou um idiota.

— O que ia falar?

— Para você trocar de roupa? Pôr um vestido? — ele grunhe e balança a cabeça. — Desculpa.

— Não vou trocar de roupa só porque você ou seus amigos não podem ver uma mulher de biquíni — digo firme, o fazendo ficar mais nervoso ainda. — Estou brincando, Gael. — Eu sorrio vendo-o relaxar e revirar os olhos. — Mas eu vou sim continuar com meu biquíni.

Entro no banheiro e quando vejo meu reflexo no espelho, quase não me reconheço. Um sorriso enorme está estendido por meus lábios. Suspiro quando a culpa preenche meu peito.

Clico em meu celular e o banner com o endereço aparece. Respiro fundo, guardando o celular na bolsa, e arrumo meu biquíni. Faço xixi e me limpo. Saio do banheiro e vou para fora. Gael não estava mentindo sobre seus amigos. Ele está com mais três meninos, entre eles Jefferson.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me cumprimenta de longe e eu sorrio, acenando. Entro na piscina e fico com Leo.

— Gael! — escuto a voz do meu irmão mais novo e elevo a cabeça. — Vamos brincar de bola, quer vir também? — Felipe sai da piscina com seus amigos e caminha até Gael.

— Claro. — Ele tira a blusa e a enfia no bolso da bermuda.

Gael e seus amigos saem em direção ao campinho ao lado da piscina e eu os observo jogar por vários minutos. Leo bate na água, o que acaba respingando em mim, e eu rio dizendo não. Leo parece que ouve sim, pois faz novamente.

Arthur se esperneia nos braços de Alícia, olhando para mim, e eu sorrio pedindo-o a ela. Theo entra na piscina e pega Leo dos meus braços para que eu possa pegar seu irmão.

— Ei! Estava com saudades? — questiono rindo e bato na água, fazendo respingar nele, que ri mostrando seu primeiro dentinho.

— Leo já está com ciúmes — Theo brinca, e eu beijo na bochecha de Leo e Theo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não fiquem — murmuro rindo.

— Porra, Gael! — escuto Jefferson gritar e me viro, vendo-o segurar sua barriga. — Doeu, não chuta com força!

Encaro Gael e engulo em seco ao ver sua atenção em mim.

— Acho que mais alguém está com ciúmes. — Theo ri atrás de mim e manda o dedo do meio para Gael. — Ela é minha irmã, imbecil. — Bato em seu braço e o fuzilo com os olhos. — Ei!

— Para com isso — mando irritada, e ele ri mais ainda, brincando com Arthur.

— Gabriele, nem fodendo. — Pulo assustada com o grito de Kieran. Eu me viro para ver Gabby tirando a saída de banho e ficando só de biquíni. Nico e Luca estão sentados, comendo churrasco enquanto observam os pais.

— Eu vou tomar banho só com meu biquíni, Kieran. Saia de perto de mim, antes que eu mate você por seu ciúme imbecil e sem cabimento. — Gabby caminha até a piscina, próximo a mim e Theo, mas Kieran agarra sua cintura e a coloca

PERIGOSAS ACHERON

sobre os ombros. — Kieran!

— Meninos, se comportem, papai vai conversar com a mamãe. — Ele pisca para os filhos, que parecem estar acostumados com eles agindo dessa maneira, pois não fazem nada além de acenar. — Alícia, olha eles.

Kieran leva uma Gabriele furiosa para dentro de casa e todo mundo aqui, fora as crianças, é claro, sabe o que eles vão fazer.

— Theo, vem pegar a Laís! — Lorena grita sentada em uma cadeira e Theo sai da água rapidamente, entregando Leo ao primeiro que vê na frente.

— Nossa, eles são lindos mesmo — escuto a voz de Gael e me viro para vê-lo olhando Leo, que está em seus braços.

— Incríveis.

Gael brinca com Leo por vários minutos até Alícia pedir que os levemos para dentro, para almoçarem. Entro em casa com Gael e os gêmeos e os levo até o banheiro para tirar a água com cloro do corpo. Primeiro dou banho Leo, depois em

Arthur.

Gael enxuga cada um e eu coloco fraldas.

— Por que chutou a bola nas costelas de Jefferson? — questiono quando nos sentamos à mesa da cozinha e começo a dar a comida dos gêmeos. Os dois estão sentados em suas cadeiras de alimentação enquanto Gael está ao meu lado.

— Porque você é teimosa e estava beijando aquele cara — ele fala sério e eu sorrio, balançando a cabeça.

— Você sabe que ele ajudou Luca a me criar, né? Que a mulher dele estava deitada em uma daquelas cadeiras com a filha deles, que tem poucos meses...

— Não, eu não sabia. — Ele faz uma careta e eu rio, balançando a cabeça.

— Pois é. — Enfio uma colherada na boca de Leo e me viro para Arthur, fazendo o mesmo.

— Quero que saia comigo — Gael fala de repente e eu o encaro, respirando fundo. — Um encontro, como o primeiro.

— Gael...

— Eu sei, Docinho. — Ele suspira cruzando os braços. — Vamos tentar. Só isso. Se for demais para você, a gente para. Mas precisamos tentar. — Gael se inclina sobre mim e beija minha bochecha. As batidas descontroladas do meu peito me fazem acenar.

Tentar. É isso que precisamos fazer.

À noite Gael está me esperando em frente à casa. Todo mundo está pelos quartos, menos os amigos dele e de Felipe, pois foram embora.

— Você está linda — ele elogia olhando meu short jeans desfiado e meu top, que deixa minha barriga à mostra. Meu cabelo está ondulado e hoje coloquei um pouco de maquiagem.

— Obrigada. Aonde vai me levar? — questiono assim que começamos a caminhar em direção à areia da praia.

— Para comer, é lógico, e depois vamos para a praia. — Ele aponta para as ondas quebrando nas pedras, e eu aceno.

Andamos lado a lado e subitamente sinto a mão de Gael entrar pela minha. Empurro a vontade

PERIGOSAS NACIONAIS

de me afastar e aperto sua palma. Ele sorri olhando para frente, e eu respiro fundo, me acalmando.

Comemos sanduíche na orla e logo Gael me puxa em direção ao mar. Nós nos sentamos na areia, um ao lado do outro, mantendo nossas mãos juntas. A luz da lua ilumina nós dois e eu sorrio, olhando para seu rosto de perfil.

— Está tudo bem? — ele pergunta baixo, e eu aceno, me sentando de frente para ele.

— Mas eu quero saber de você.

— O que quer saber? — Gael sorri, fazendo círculos na areia.

— Tudo. — Dou de ombros, e ele me encara franzindo as sobrancelhas. — Você sabe tudo sobre mim. Agora eu quero conhecer você.

— Beleza... — Ele lambe seus lábios e respiro fundo. — Minha mãe faleceu quando eu tinha sete anos. Não lembro dela. Queria lembrar, porque eu sei que ela me amava, mas nada me vem à mente. — Ele ri, ainda fazendo círculos na areia. — Meu pai me criou desde sua morte. No dia em que dormiu lá em casa eu estava sonhando com

PERIGOSAS ACHERON

uma das nossas últimas conversas...

— Sêrio?

— Sim. — Ele engole em seco e fixa seus olhos no oceano. — Ele me obrigou a ir com ele no galpão onde seus negócios eram feitos. Ele ficava repetindo que tudo aquilo seria meu, que eu precisava crescer e saber o meu lugar. — Gael ri e balança a cabeça. — Eu sempre soube que ele era ruim, que fazia coisas ilegais. Ele me levava para o galpão quando eu era menor, mas fui crescendo e aprendi a declinar quando ele me pedia para ir. Nesse dia ele disse que ia me tirar da escola. Que eu deveria saber de tudo. Quando entramos lá ele me bateu quando eu falei que não queria nada daquilo. Que queria estudar e ser alguém. Ele ficou bem puto. — Respiro fundo e me aproximo, agarrando seu braço e descansando minha cabeça nele.

— Sinto muito.

— Dias depois ele foi preso novamente e um tempo depois foi morto. Eu queria ter sentido algo. Sei disso, mas ele e o Tio Dudu eram horríveis. O último ficou pior depois que meu pai

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

morreu. — Gael dá de ombros e me encara, rindo.
— Ele parou quando eu devolvi o soco, quebrando seu nariz. Ele nunca mais me bateu, até o dia em que cheguei bêbado e não consegui me defender...

— O dia em que Luca te levou lá para casa — constato e ele acena, confirmando.

— Estou bem hoje. Eu tenho um trabalho, uma casa e uma garota. Então foda-se meu passado. Não me importo. — Gael sorri, tocando minha bochecha, e suspira.

— A garota, hein? — murmuro, elevando a sobrancelha.

— Ela é minha. Ela só não sabe disso ainda.
— Gael ri quando eu o empurro e subo em seu colo, colocando minhas pernas de cada lado do seu corpo.

— Ela sabe. Só está com medo — murmuro e ele leva suas mãos, depois de tirar a areia, até meu rosto. Gael segura minha cabeça e me faz incliná-la para encarar seus olhos.

— Eu posso ser o Superman para protegê-la se ela me der a porra de um segundo. — Meus

PERIGOSAS ACHERON

olhos ardem com as lágrimas e Gael beija cada uma delas enquanto fecho os olhos. — Eu amo você, Docinho. Eu estou aqui, agora, mas amanhã eu não sei. Então me agarra agora e não me deixa partir...

— Eu vou aonde estiver amanhã — murmuro abrindo meus olhos. — Eu amo você, Gael. — O rosto dele relaxa, e eu seguro seus braços enquanto levo minha boca à dele.

Minha língua procura a sua com urgência e, quando toco seu rosto, nós dois gememos. As mãos de Gael seguram minha cintura e derivam para minha bunda, me puxando contra seu corpo. Seus dentes raspam em meu lábio, fazendo fricção, e depois ele chupa a carne dolorida em sua boca.

— Como eu ia dizendo; tenho tudo que preciso — ele fala quando nos afastamos, à procura de ar. Seu corpo cai para trás, deitando-se sobre a areia, e eu sorrio sobre seu corpo, capturando sua boca mais uma vez.



— Faz silêncio — murmuro para Gael enquanto subimos as escadas. Abro a porta do meu

PERIGOSAS NACIONAIS

quarto e o deixo entrar. Eu lhe dou toalhas e o espero tomar banho enquanto tiro meu pijama da mala. Depois é minha vez e logo estou vestida com ele só de cueca no meu quarto.

Nós nos deitamos na cama e Gael me puxa para seus braços. Respiro fundo e relaxo contra seu corpo. Ele beija meus cabelos e segura meu queixo, me fazendo inclinar para beijá-lo. Nossas bocas voltam uma para a outra e eu sorrio durante o beijo.

Pela primeira vez em meses, eu me sentia bem. Ótima, até.

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu odeio ver o olhar em seu rosto
Eu gostaria de poder me fazer ficar
Mas nossos corações não vivem no mesmo
espaço.”*

GRACE | BEBE REXHA

— Docinho? Você está aí? — escuto a voz de Gael através da porta e respiro fundo, encarando meu celular.

Quando acordei, minutos atrás, me levantei e vim para o banheiro. Meu celular começou a tocar e quando vi quem era senti dor. Não física. Porém eu preferiria mil vezes que tivesse sido.

— Valentina? — Limpo meu rosto com papel higiênico e assoo meu nariz. Chorar já faz parte da minha rotina, infelizmente, mas não quero que Gael se sinta mal por isso.

— Só um momento — peço engolindo em seco. Abro a porta e ver Gael de pé com o rosto franzido e olhos semicerrados acaba comigo. — Desculpa, eu...

— Estava chorando? — ele questiona e eu desvio meus olhos dos seus. Escuto sua respiração pesada e o vejo se afastar a passos lentos. Ele vai até a cadeira e começa a vestir suas roupas.

— Gael... — murmuro, jogando o celular na cama.

— Desculpa, Docinho. Eu não deveria ter

forçado a barra...

— Você não forçou — afirmo andando até ele. Gael termina de pôr a camisa e se senta na cama para calçar seus sapatos.

— Não quero ser motivo de suas lágrimas. Você me entende? — Ele me encara e seus olhos verdes quase me imploram para que eu compreenda. — Eu não sei o que está passando, Docinho. Eu não sei. — Gael respira fundo e apoia suas mãos nas coxas. — Se estar comigo vai te machucar, eu te entendo. Eu vou me afastar agora antes que você passe a me odiar por me amar.

— Isso não vai acontecer, Gael — eu o interrompo firme, assim que ele se ergue. Ele olha para as mãos por alguns segundos e depois ergue a cabeça para me olhar.

— Nós só nos beijamos e dormimos juntos, Valentina. O que vai acontecer quando transarmos? — ele questiona abrindo os braços. — Não quero te irritar ou qualquer coisa parecida... Eu quero que entenda que se estar comigo te traz culpa, não devemos estar juntos.

— Mas eu quero — murmuro sob minhas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lágrimas. Gael volta a se sentar e pega minha mão, me levando para seu colo. — Eu juro que quero ficar com você...

— Sim, eu acredito. — Ele sorri de lado e cheira meus cabelos. — Mas não vou aguentar ver você chorar a cada vez que eu te tocar e você lembrar que quem deveria estar aqui era Vinícius. — Sua sinceridade crua me deixa soluçando. — Quero que me ame. Quero que fique feliz a cada vez que estivermos juntos.

Gael limpa meu rosto e beija meus lábios. Quando ele me tira do seu colo e me coloca na cama, eu sinto dor, mas ela se multiplica quando Gael me diz adeus.

DIAS DEPOIS

Sento-me em uma das cadeiras de plástico enquanto vejo a sala bem-iluminada se encher de pessoas. Engulo em seco, sentindo meus olhos crescerem quando encaro Flaviana sentada bem à minha frente. Ela sorri em minha direção, e eu devolvo o gesto.

PERIGOSAS ACHERON

— Boa tarde, gente — uma senhora de cabelos pretos fala. Seus olhos são puxados e eu tenho certeza de que ela tem ascendência oriental. — Hoje temos uma pessoa nova e eu gostaria que ela se apresentasse, se possível, e falasse conosco.

Aceno e espero as batidas irregulares em meu peito diminuírem. Mordo meu lábio e respiro fundo, focando no que vim fazer aqui.

— Oi! Meu nome é Valentina. — Engulo em seco quando vejo Flaviana me encarando. — Eu...

— Leve seu tempo, Valentina. Estamos aqui para te ouvir — a mulher volta a falar e eu tento ordenar as palavras.

— Eu perdi o meu primeiro namorado meses atrás para o câncer. Ele tinha leucemia mieloide aguda. — Olho para minhas mãos e pisco, tentando não chorar. — Ficamos alguns anos sem contato e recentemente ele tinha voltado. Fiquei feliz, mas depois percebi que ele tinha mudado. Ele me tratava mal. — Estremeço ao lembrar o modo que Vinícius falou comigo na festa na casa de Ellen. — Porém era pela doença. Ele não queria

PERIGOSAS ACHERON

que eu sofresse com sua perda quando... Enfim, nesse meio tempo, de brigas e afastamento, conheci uma pessoa. Ela é incrível. Não quero entrar em detalhes, mas ele me faz bem — confesso tremendo e suspiro, dando de ombros. — Porém, quando chegou o momento, eu escolhi meu primeiro amor. Fiquei com ele durante seu tratamento, tentando me convencer de que a outra pessoa não era importante. Mas era. Ele é. — Pisco novamente, mas dessa vez as lágrimas caem por meus olhos. — Hoje, meses depois da morte do meu primeiro namorado, eu me sinto culpada por amar o outro. O afastei no começo e nos aproximamos dias atrás, mas eu sinto culpa por amar outra pessoa além de Vinícius. — Tiro meus cabelos do rosto e mordo meu lábio. — Essa pessoa me deixou, ela não quer ser motivo da minha culpa ou o motivo das minhas lágrimas. — Respiro fundo e limpo meu rosto, sem conseguir encarar Flaviana. — Eu acho que é isso.

— Obrigada por compartilhar, Valentina.

Durante o tempo em que outras pessoas comentam como estão e em que pé do luto estão, eu fico tentando me acalmar, mesmo sentindo que os

olhos da mãe de Vinícius estão em mim.

— Oi, eu sou a Flaviana. — A voz dela sai embargada e eu continuo olhando para minhas mãos, com vergonha de ter falado sobre gostar de outra pessoa na frente dela. — Perdi meu filho há alguns meses. Ele era um menino de ouro. Eu sempre o admirei. Ele era altruísta, amoroso e acima de tudo generoso. Ele amava todos com muita intensidade. — Elevo meus olhos limpando meu nariz inchado e encontro os seus presos em mim. — Ele quer que todos nós, que ficamos aqui, sejamos felizes. Eu não estava entendendo isso, mas aprendi. Aqui, com vocês. Então, Valentina, Vinícius queria que fosse feliz. Independentemente de quem esteja ao seu lado — ela finaliza sorrindo, e eu não me aguento.

Eu me ergo e ando em sua direção, me jogando em seus braços.

— Eu sinto muito — murmuro aos soluços e ela me acolhe como se eu fosse um bebê indefeso.

— Não sinta, por favor. — Ela se afasta e limpa meu rosto com carinho. — Você merece ser feliz com quem quiser, Valentina. Não se sinta

culpada. Vinícius deve estar aliviado ao saber que está tentando. — Flaviana volta a me abraçar e eu suspiro.

— Obrigada.

— De nada, querida.



Eu lembrava perfeitamente que na última vez que estive aqui não acabou bem. Na verdade, tinha sido uma catástrofe. E para me lembrar disso, eu dou de cara com Fernanda assim que desço do carro de Benjamim.

— Você tem certeza? — Eu me viro ao ouvir sua voz e ele olha para o lugar em volta para me encarar.

— Já vim aqui várias vezes, Ben. Relaxa.
— Sorrio e me afasto, vendo-o partir depois de acenar.

— Você conseguiu o que queria. — Eu aperto meus lábios rosados juntos ao escutar a voz dela. É sério, porra? Até quando?

— Fernanda. Olá. — Eu coloco meu sorriso fingido no rosto e a encaro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Corta essa, sua idiota. — Ela dá um passo em minha direção, mas eu me afasto sem dar um segundo do meu tempo a ela. Ando para longe, mas sua voz me faz parar. — Como pode? Como pode enterrar um namorado e partir para o próximo?

Minha mão arde e só me dou conta do porquê quando vejo Fernanda segurar seu rosto.

— Você não sabe de nada — resmungo, apertando meus punhos. — Não fale de mim como se me conhecesse. Eu amo Gael. Amo tanto que dói respirar sem ele. — Minha voz quebra e ela me encara, tremendo.

— Eu o amo mais. Muito mais...

— Mas ele me ama! A mim, não a você! — grito quando uma fúria de ciúme me preenche.

— Pode ser — Fernanda murmura e dá de ombros. — Mas ontem era eu quem estava nos braços dele. Era eu quem ele fodia tão forte que desmaíamos depois. — Minha boca se abre e eu luto contra a onda de lágrimas que quer encher meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está mentindo...

— Estou? Pergunte a ele, então. — Ela acena em direção à pista e eu me viro para ver Gael ao lado do seu carro, de braços cruzados, enquanto espera ser chamado para correr.

Ando em sua direção tentando me acalmar. *É mentira.* Assim que ele ergue os olhos e me vê seu rosto fica branco. Reúno coragem e me aproximo até estar em sua frente.

— Você terminou comigo para transar com aquela vagabunda? — pergunto diretamente e ele franze as sobrancelhas.

— O quê? — Ele se ergue e eu o empurro quando tenta me tocar.

— Você ouviu. Fernanda acabou de dizer, com muita presunção, que vocês dormiram juntos ontem — explico erguendo meu queixo, e o vejo franzir os olhos e me encarar.

— Ela dormiu lá em casa ontem...

Saio andando ao mesmo tempo em que o chamam para correr. Mando mensagem para Benjamim pedindo que volte, e ele me responde

PERIGOSAS NACIONAIS

que fará isso.

— Valentina... — Gael segura meu braço e eu me viro, me livrando do seu domínio.

— Não me toque, porra! — grito, chamando a atenção das pessoas. — Não dirija a palavra a mim. Eu juro que vou te acertar.

— Eu...

— Não quero ouvir nada que saia da sua boca. — Abro os braços e sorrio, balançando a cabeça. — Que amor é esse? Você disse que me amava!

— Docinho, eu...

— Não quero você, Gael. Não quero seu amor. — Engulo em seco e suspiro. — Me esquece, tá bom? Só faz isso.

Benjamim estaciona e eu corro, entrando em seu carro. Não olho para trás, eu só respiro, tentando me acalmar. Só percebo que estou chorando quando Ben limpa minha bochecha.

— O cara é um filho da puta mesmo. — Ben balança a cabeça e eu me inclino, descansando minha cabeça em seu ombro.

PERIGOSAS ACHERON



— O que aconteceu? — Alícia me pergunta assim que me vê entrando em casa.

— Nada — murmuro passando por ela, mas minha cunhada segura meu braço enquanto respira fundo.

— Podemos voltar a ser amigas? — Sua pergunta me pega desprevenida, mas meus ombros caem.

— Somos amigas, Lili. Sempre seremos — explico séria, e vejo-a morder seu lábio.

— Só preciso que volte a se abrir comigo. Eu sinto que estamos afastadas... — Ela começa a chorar e eu recomeço ao me jogar em seus braços.

— Ele ficou com outra garota, Lili. Não estamos juntos, mas ele disse que me amava noites atrás — explico soluçando, e ela me carrega até o sofá.

— Não...

A porta de casa recebe batidas intensas e Lili arregala os olhos, se erguendo. Luca desce as escadas e aponta para a porta com o semblante

furioso.

— Que caralho é esse? — meu irmão grita, abrindo a porta, e logo Gael aparece querendo entrar em casa, mas meu irmão é mais forte e o segura no lugar. — Gael! Que porra você está fazendo?

— Valentina! Vem aqui agora! — A voz de Gael está furiosa e eu balanço a cabeça, sem conseguir acreditar.

— Mande-o embora. Agora! — grito para Luca e meu irmão franze as sobrancelhas.

— O que está acontecendo? — ele grita com o foco em Gael.

— Um mal-entendido. Luca, sua irmã é minha vida. Ela acha que a traí, mas isso não aconteceu...

— Você falou que ela dormiu na sua casa! Você confirmou, Gael! — grito tremendo, e Alícia põe suas mãos em meus ombros.

— Dormiu, bebê. Só isso. Ela estava bêbada. Eu não consegui levar ela para casa e a deixei dormir lá. Só isso, eu juro. Inferno, eu juro

PERIGOSAS NACIONAIS

pelas suas estrelas! Eu... — Corro na direção de Luca e termino de abrir a porta.

— Você jura? — questiono gaguejando e ele acena. Seu rosto está franzido e seus olhos parecem desesperados.

— Juro, Docinho. Eu juro pelas estrelas que não aconteceu nada. Eu amo você. Só você... — Não o deixo terminar de falar. Só me jogo em seus braços e respiro profundamente, chorando.

— Nunca senti tanta raiva e ciúme na minha vida — murmuro tentando parar as lágrimas, e Gael beija meu rosto sorrindo. Seus lábios encontram os meus e ele só me dá um selinho rápido.

— Solta minha irmã — Luca ordena, e eu tiro meus braços envoltos em Gael. Eu me viro para Luca e engulo em seco.

— Foi um mal-entendido, Luca. Não estou mais brava — explico respirando aliviada, e meu irmão franze o cenho.

— Nada de agarrção perto de mim. Eu juro que amarro seu namorado em uma cadeira e o deito embaixo do elevador com um carro em cima para

PERIGOSAS ACHERON

esmagá-lo — Luca fala brusco, e eu mordo meu lábio, acenando.

— Luca, deixe-os. Vamos para dentro. — Lili puxa o marido e ele relaxa, entrando com ela, mas não antes de dizer que está de olho.



*“E eu odeio o quanto eu te amo, garoto (sim)
Eu não suporto o quanto preciso de você.”*
HATE THAT I LOVE YOU | RIHANNA FEAT. NE-YO

Sento-me sobre o capô do carro de Gael e ele me puxa contra seu peito. Seu queixo descansa sobre a minha cabeça enquanto suas mãos ficam sobre meu estômago. Estamos no meio do nada, envoltos pelo vento frio e estrelas.

— O que deu em você hoje, hein? — ele questiona suspirando, e eu fecho meus olhos. Estou com vergonha de mim mesma. Deveria ter escutado Gael, não sair gritando e brigando.

— Não sei... — respondo com sinceridade. Não sou ciumenta, mas imaginar que ele tocou em Fernanda depois de dizer que me amava cortou meu coração.

— Você acha que em algum momento a gente vai dar certo? — Sua pergunta é séria e pego a emoção em seu tom de voz.

— Eu espero que sim. — Eu me viro em seus braços e encaro seus olhos verdes. — Quero ser feliz, Gael. Quero poder dormir e acordar com você sem medo. Estou no caminho certo, eu sei que sim. — Sorrio quando sua testa descansa contra a minha.

— Só preciso que a gente comece a

PERIGOSAS ACHERON

namorar e esqueçamos o resto. — Suas palavras me fazem engolir em seco. Não sinto mais culpa por estar com Gael, mas esquecer Vinícius não está nos meus planos. — Não quero que esqueça ele, baby. Eu quero que me ame e que a culpa não domine seus pensamentos. Vinícius é uma parte de você, eu aceito ela também.

— Você é incrível. Um homem lindo, honrado e generoso. Eu amo você, Gael. Me sinto pronta. Podemos voltar a namorar, podemos seguir em frente. — Sinto as pontas dos seus dedos contra minhas bochechas e suspiro. — Não vou mentir e dizer que não haverá momentos em que vou chorar e me lembrar dele. Eu vou, porque eu o amava. Ele era importante.

— Jogaram na minha cara que eu estava tapando um buraco em você, Valentina. Sabe como eu me senti? — Ele balança a cabeça e eu me aproximo, trazendo sua atenção para mim.

— Você não está fazendo isso. Olha para mim, eu amo você. Se Vinícius estivesse bem e sobrevivido em algum momento eu me tocaria de que não era com ele que eu queria ficar. Ninguém

PERIGOSAS NACIONAIS

ama duas pessoas igualmente. Ele sabia disso e hoje eu sei também. — Seguro seu rosto e mordo meu lábio. — Você é meu para sempre, Gael. Eu tenho certeza disso.

— Você também é o meu, Docinho. Você também. — Ele se inclina e nossos lábios se encontram. Deslizo minha língua para sua boca e o beijo se torna faminto.

Sua mão esquerda segura meus cabelos enquanto a outra me mantém sentada contra o capô. Nem percebi, mas estava me movendo para seu colo.

— Vamos devagar. Quase parando mesmo. — Gael se afasta e eu franzo as sobrancelhas. — Só vou tocar seu corpo dessa maneira quando eu tiver certeza que está pronta. — Ele beija meu nariz e eu suspiro ao perceber que acabo de me apaixonar mais um pouco.

Gael sorri e eu tampo meus olhos, balançando a cabeça. Como eu fiquei tão apaixonada, meu Deus?

— O quê? — ele ri ao questionar e eu me viro, olhando para as estrelas.

PERIGOSAS ACHERON

— Você é bonito demais para minha sanidade.

Ele gargalha e o som ecoa pela noite aquecendo meu coração.

MESES DEPOIS...

Hoje era o dia. Não importa se Gael se recusar. Acho que eu poderia até amarrá-lo em uma cadeira e forçá-lo. Nada me impediria. Hoje ele iria cortar o cabelo. Eu amo seus cachos, adoro, mas estavam tão grandes que quase batiam em seus ombros. Quero-o como antes. Cabelo aparado dos lados e cachos em cima.

Ele quer cortar, mas foi uma aposta imbecil que ele fez com seus amigos, e ele perdeu, é claro. Ele deveria ficar seis meses sem cortar o cabelo. Já estamos no sétimo mês e ele me falou que hoje era o dia. Se ele amarelar, eu vou dar na cara dele, eu juro por Deus.

— Você está me enlouquecendo, Luca! —
Alícia grita enquanto carrega Arthur em seus braços, entrando em casa. O menino ria do

desagrado da mãe na cara dura.

— Ele estava com as mãos em você! —
Luca responde alto o suficiente para Leo pular em seus braços. Pego meu sobrinho dos braços dele e o coloco dentro do cercadinho com um brinquedinho para manter ele entretido.

— Ele estava brincando comigo. É um amigo! — Lili me entrega Arthur e Felipe se senta perto dos meninos no cercadinho.

Os dois vão para a cozinha, mas as vozes nos alcançam.

— Amigo? Que caralho de conversa é essa?
— Luca grita batendo em algo, e eu pulo em meu lugar com Felipe. — O cara estava com as mãos em você, Alícia! Segurando meu filho...

— Luca, Rafael é um rapaz que faz entrega de material no atelier. Você pode, por favor, deixar seu ciúme de lado e ver com clareza? — A voz de Lili está cansada e me fez pressionar os dedos contra meus olhos.

— Por que ele estava com Leo nos braços?
— meu irmão questiona e eu escuto Lili bufar.

— Eu estava com ele nos braços enquanto Gabby tinha ido buscar Arthur, que estava dormindo lá atrás. Rafael pediu para segurar Leo e eu deixei, não achei nada de mais.

— Eu acho! Nunca mais quero outro cara segurando meus filhos, Alícia! — Felipe colocou música para os gêmeos e o ruído da briga deles baixou um pouco. — Tampouco tocando em você.

— Luca, eu não sou sua propriedade. Já falei isso para você mil vezes. Eu toco em quem eu quiser, eu deixo quem eu quiser me tocar! — ela grita de volta revoltada e eu a escuto arfar. Ando até a porta da cozinha com medo e vejo Luca sobre ela, acuando-a contra a parede.

— Sêrio? — Luca ri e eu suspiro, apertando minhas mãos. — Você é minha e sabe disso. Você tem certeza que vai deixar aquele cara pôr as mãos em você novamente?

— Luca, eu amo você. Só você, nunca olhei para outro homem com o pensamento de te trair ou algo parecido... você só está descontrolado...

— Sabe o que, Alícia? — Meu irmão se afasta e pega as chaves do carro de cima do balcão.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vou dormir no meu irmão hoje.

Theo.

— Não vai, não! — Alícia o segura e ele se desvencilha, vindo para a sala. Eu me encosto à parede e vejo Lili passar por mim rapidamente, seguindo-o para fora.

— Luca, se sair, não volte! Não quero mais você, se sair de casa. — O ar da casa muda e os bebês parecem sentir, pois começam a chorar e Felipe se ergue, indo para Luca.

— Você não sai daqui. Conversem e se entendam! — Felipe grita na cara do nosso irmão mais velho e Luca franze as sobrancelhas. Lipe já está quase do tamanho de Luca, cresceu muito nos últimos anos, mas nunca levantou a voz para Luca.

— Lipe... — murmuro surpresa, e ele eleva a mão, me parando.

— Luca, fique com seus filhos e sua esposa. Se entendam. — Lipe treme e ainda de frente para Luca murmura firme e sério como nunca vi. — Seus filhos estão chorando. — Ele aponta para os gêmeos e eu ando até eles.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Alícia se aproxima pondo a mão nas costas do meu irmão mais novo enquanto eu pego os gêmeos, tentando dar brinquedos a eles.

— Lipe, querido, está tudo bem — a voz de Lili soa suave, bem diferente de minutos antes.

— Não está. Eu quero que ele pare com isso. — Eu me aproximo de Lipe e coloco Leo na sua frente.

— Ele está bem, olha. Luca já está mais calmo e vai conversar com a Lili lá em cima. — Eu me viro para Luca, que ainda está perplexo — Não é?

— Sim, Lipe. Fica calmo, ok? — Luca toca o ombro do nosso irmão mais novo e suspira, dando sua atenção a Alícia. — Sobe. Vamos lá.

Os dois saem da sala e eu aperto Leo contra mim. Felipe respira fundo e se senta no sofá, passando a mão pelo cabelo.

— O que foi isso? — pergunto suavemente, e ele fica olhando para os pés. — Lipe...

— Eu... só senti medo de ele sair e Lili nos deixar. Só isso...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele não vai. Você sabe que esses dois se amam. — Respiro me acalmando e me sento no sofá, ao seu lado.

— Eles nunca mais tinham brigado assim, Tina. Você sabe disso — ele resmunga explicando, e eu aceno, pois é verdade.

— Luca com ciúmes fica fora de si. Nós sabemos disso. Alícia é a vida dele.

— Eu sei. Vou me desculpar depois. — Ele me encara e os olhos verdes iguais aos meus brilham. — Só pirei. Só...

— Eu entendo. — Eu me inclino e beijo sua cabeça.



Mais tarde, quando Gael chega para me pegar, Alícia e Luca já estão bem — o que eu agradei imensamente. Saio de casa assim que Lipe também sai, para encontrar alguns amigos. Sua explosão de mais cedo ainda está em meus pensamentos, porém Lili e Luca juraram que iriam ter uma conversa com ele.

— Ei, Docinho. — Gael se inclina em

PERIGOSAS ACHERON

minha direção e beija minha boca. Seguro seu rosto e solto gemidos ao sentir suas mãos em minha cintura, apertando-a. — Merda de saudade. — Eu sorrio ao ouvi-lo e dou um último beijo antes de sairmos.

— Eles já estão lá — aviso suavemente e ele acena, acelerando. Encaro seu cabelo grande e ele ri. — Você disse...

— Vou cortar amanhã, prometo. — Balanço a cabeça e beijo sua bochecha.

Quando chegamos ao shopping corremos de mãos dadas em direção ao boliche. Minha melhor amiga sorri, balançando a mão, e vamos em sua direção.

— Ei! — Abraço-a e me afasto, indo até Ben. Recebo um beijo na bochecha e pego minha afilhada dos seus braços. — Oi, bebezinha. — Beijo seu rosto rechonchudo e ela ri. Meu coração incha de amor e eu sinto Gael me abraçar. Belinda sorri para ele e tenta pegar seu cabelo para puxar. O que já fez inúmeras vezes, confesso.

— Ei, Linda. Você pode me deixar inteiro hoje? Preciso estar lindão para minha dona, sabe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele ergue as sobrancelhas e eu arregalo os olhos, pronta para bater nele, mas o danado se esquivava. — Para dormir ao meu lado. Só isso.

— Não vou dormir na sua casa hoje...

— Vai sim. Hoje é sexta. Dormimos juntos às sextas. — O rosto de Gael se fecha e ele fica sério. Seus ombros sobem e ele me encara completamente sério. Belinda pega seus cabelos, mas ele nem pisca.

— Pessoal, não mexam nas sextas do garoto aqui. Ele fica realmente furioso — Benjamim brinca gritando e pega sua filha de mim.

— Vai se foder, Benjamim! — Gael empurra Ben de brincadeira e Clarisse lhe dá um beliscão pelo palavrão perto da filha dela. — Desculpa. Eu esqueci. — Ele suspira se afastando.

Gael agarra minha cintura e nos sentamos nos bancos. Pegamos os sapatos do boliche e trocamos pelos nossos. Ele me puxa para o seu colo quando terminamos.

— Diz — ele pede olhando para minha boca, e eu sorrio balançando a cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que, bebezão?

— Você sabe o que, Docinho. — Ele segura meu queixo e eu suspiro me remexendo em seu colo. Sinto algo realmente duro e arregalo os olhos, olhando para os lados. — Porra, desculpa!

— Eu amo você, e sim, iremos dormir juntos hoje — mudo de assunto e Gael relaxa, beijando meu pescoço

— Mexa essa bunda e vamos ganhar desses dois perdedores. — Ele me faz levantar e dá um tapa no meu traseiro. Semicerro os olhos para ele, mas o desgraçado só ri ainda mais.

— Você está roubando tanto, Gael — Clarisse grunhe irritada enquanto Gael tira os cachos longos do rosto para mostrar o sorriso maravilhoso. Por que tão lindo, meu Deus?

— Quem rouba em boliche? — Benjamim resmunga enquanto ajusta Belinda no bebê conforto, onde está dormindo pacificamente.

— Pelo visto, o namorado da Valentina. — Clarisse não cede e eu sorrio, balançando a cabeça.

Ganhamos de lavada. Clarisse não sabe

PERIGOSAS ACHERON

jogar e Benjamim não queria desgrudar da filha tempo suficiente para jogar a bola de uma maneira estratégica.

Saímos do shopping e nos separamos no estacionamento depois de eu beijar Belinda e me despedir dos meus melhores amigos.

— Você colocou Gaab como trilha sonora da nossa vida, foi? — questiono quando mais uma vez a voz do homem ecoa. Gostei realmente dele. Suas músicas são legais e eu amo que Gael as cante para mim sempre que tem coragem.

— Ele é um cara apaixonado como eu. — Ele dá de ombros dirigindo, e eu me inclino tirando seu cabelo do rosto e beijando sua boca em seguida.

— Você é malditamente fofo. — Suspiro me afastando.

— Gostoso, maravilhoso, incrível. Tantos adjetivos, mas você tem que me chamar de fofo, Docinho? Nossa...

— E você, que me chama de Docinho? Eu também sou gostosa, maravilhosa e incrível. Me

PERIGOSAS NACIONAIS

chame assim a partir de agora — resmungo brincando, e Gael ri junto. Ele fica calado até eu me virar para olhar seus olhos.

— Gostosa, sabia que nossos filhos vão ter olho verde querendo ou não? — Ele ri quando eu me dou conta de que temos olhos da mesma cor. Como eu não me toquei?

— Se puxar os seus eu serei a gostosa mais feliz do mundo! — eu grito rindo quando ele enfia os dedos em meu estômago, me fazendo cócegas.

— Eu te amo, Valentina.

— Eu te amo, Gael. Indo e voltando das estrelas até aqui. — Suspiro encarando seus olhos, que estão presos nos meus. O sinal está fechado, por isso Gael se inclina e escova meus lábios com os seus.

— Hoje te farei minha. — A promessa em seus olhos foi crua e eu adorei cada minuto.

— Eu mal posso esperar.

Fim!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



SEIS ANOS DEPOIS...

Minha unha, que antes era longa, some enquanto mordo. Bato meus pés contra o carpete da minha casa e espero. Assim que escuto chaves na porta eu me ergo e olho ao redor. A casa está arrumada, pois hoje era minha folga da empresa onde trabalho. A sala decorada em cores neutras que Alícia fez questão de organizar estava impecável.

— Ei! — Ele sorri entrando em casa, e eu suspiro encarando-o. Seus olhos verdes brilhantes passam por meu corpo enquanto eu me demoro ao ver seu rosto sorridente e cabelos mais curtos.

Às vezes eu só não consigo acreditar que ele é meu.

— Como está? — Ele anda até mim e enlaça minha cintura, me dando um beijo longo. Derreto contra seu peito e meus braços enlaçam sua cintura.

— Bem. Como foi o trabalho hoje? — questiono quando ele se afasta e descansa sua testa na minha.

— Calmo, graças a Deus. — Ele ri se afastando mais e eu suspiro. Ao todo a oficina agora tem quatro lojas. Gael é dono de uma delas, enquanto as outras se dividem entre Kieran, Luca e Felipe.

— Fico feliz. — Engulo em seco e ando até a nossa cozinha.

Gael e eu passamos a morar juntos três anos atrás. Ele estava me levando para sua casa quase todos os dias, pois, segundo ele, não consegue dormir longe de mim. Eu queria dizer que era uma desculpa boba para me levar, mas era verdade. Com o passar do tempo eu percebi que ele ficava inquieto e com olheiras quando eu não dormia na sua casa por muito tempo.

— Então... — Ele cruza os braços e se encosta na parede. Sua regata branca abraça seu corpo perfeito e sua calça é a da oficina. Tem a logo da empresa nela.

— O quê? — questiono mordendo meu lábio ao servir nossa comida. Gael vem todos os dias almoçar em casa. Hoje é sábado, então mais um motivo, ele não voltava para o trabalho.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Docinho, você está me olhando como se eu fosse explodir em algum momento. — Ele arqueia a sobrancelha espessa e anda em minha direção. Gael me prende contra a ilha da cozinha e eu respiro fundo, amaldiçoando o tanto que esse homem me conhece.

— Tenho um presente para você — digo sorrindo nervosa.

— Meu aniversário é só daqui a dois meses, Docinho.

— Eu sei quando é seu aniversário, Gael. Eu sou sua esposa, eu sei a data em que você veio ao mundo... — retruco, sentindo meu peito inflamar com irritação.

— Valentina? — Gael segura meu queixo e me faz encarar seus olhos. — O que diabos está acontecendo? — Seu domínio sobre mim é forte, e, mesmo que ele não estivesse me segurando contra seu corpo, seus olhos me prenderiam no lugar.

— Ok. Fica aqui. Eu já volto — digo afastando-o de mim.

Gael franze as sobrancelhas, mas faz o que

PERIGOSAS ACHERON

peço. Ele se senta próximo ao balcão enquanto eu vou a passos rápidos em direção ao meu quarto. Pego a caixa de tamanho médio de cima da nossa cama e volto para a cozinha.

— Ei! — reclamo quando o vejo com uma colher na boca. Ele estava beliscando a comida.

— Já falei que amo sua comida? Eu me casei com a pessoa certa. Obrigado, Jesus — ele geme e eu sorrio, balançando a cabeça.

Gael volta a sentar deixando a comida de lado e eu coloco a caixa na sua frente.

— É sério que me comprou um presente? Docinho, não precisava...

— Você pode calar a boca e abrir? — Arqueio a sobrancelha e ele semicerra os olhos. Sei bem que mais tarde ele vai me punir por isso. Gael gosta de dar tapas na minha bunda, não nego, eu também amo, por isso sempre dou um jeito de infernizá-lo.

— Você sabe o que vai ganhar por seu atrevimento. — Ele acena abrindo a caixa. O laço branco é desfeito e ele tira a tampa da caixa. —

Porra. — Gael ergue os olhos para mim e tira o teste de gravidez de dentro da caixa. Há também um conjunto amarelo bordado e um macaquinho com os dizeres “estou chegando, papai.” — Você não me enganaria assim, né? É verdade, vida? — ele gagueja e eu me aproximo, balançando a cabeça. — Meu Deus, obrigado. — Ele sai da cadeira e se ajoelha na minha frente. Seus braços envolvem meu corpo e ele beija minha barriga diversas vezes, sorrindo com os olhos cheios de lágrimas.

Decidi parar com a pílula sem ele saber. Gael não queria me pressionar por filhos, mas eu via o jeito que ele tratava a filha de Jefferson. Ele beijava o chão do menino como também o de Belinda, minha afilhada. Ele desejava, mas não queria empurrar o assunto sobre mim. Faz três meses que parei com a pílula e logo fui abençoada.

— Eu estou tão feliz, Docinho. — Ele se ergue e me pega nos braços, me colocando em cima da ilha da nossa cozinha.

— Eu também. Nós vamos ter um bebê! Eu nem posso acreditar. — Eu sorrio largamente e ele

beija minha boca diversas vezes.

— Eu amo você. Tudo em você. Juro que serei um pai muito legal...

— Você vai ser o melhor, Gael. Tenho certeza disso. — Acaricio seu rosto e ele enfia a cabeça em meu pescoço.

Ficamos abraçados por tanto tempo que somente nós dois, quero dizer, nós três sabíamos o tamanho da felicidade que nos rodeava.

— Luca vai me matar. — Sua risada verbera pelo meu corpo e eu o sigo, pois era bem provável que sim.

Na manhã seguinte nós chegamos à casa de Luca e Alícia para almoçar. A família se reunia uma vez ao mês para almoçar juntos, e hoje era o dia.

— Você tem certeza de que quer contar aqui e agora? — pergunto a Gael assim que chegamos. Encaro a casa do meu irmão e sua esposa e sinto meu marido pegar minha mão.

— Sim. Estão todos juntos, é melhor...

— É por isso que estou repensando. E se

eles quiserem te afogar na piscina? — murmuro séria e Gael ri, balançando a cabeça.

— Estamos casados há três anos, Docinho. Vivemos juntos. Seus irmãos esperam que engravide. É normal. — Ele segura minha cabeça e eu aceno, me inclinando em sua direção.

Beijo seus lábios enquanto enfio meus dedos pelos seus cachos. Chupo seu lábio inferior e Gael geme se afastando.

— Nossa, Docinho, olha isso aqui. — Ele aponta para seu colo e eu sorrio, saindo do carro. — Malvada!

Ao entrarmos na casa eu sou agarrada por dois minis Luca e me ajoelho, abraçando os dois. Leo e Arthur balbuciam sobre brinquedos que ganharam e eu beijo ambos me envolvendo na conversa. Gael vai para a parte de trás da casa e logo eu estou seguindo-o.

Respiro fundo quando Alícia, Gabrielle e Lorena aparecem. Lorena está com seu filho mais novo, Gustavo, nos braços, enquanto Laís e Thomas estão correndo pelo quintal com Nico e Luca. Os gêmeos correm atrás deles enquanto

PERIGOSAS ACHERON

Gabby está dando frutas a Letícia, sua filha que nasceu há quase um ano. Sua barriga inchada diz tudo sobre ela e Kieran serem coelhos. Seis meses de gravidez do quarto filho. Nossa, ela adora estar grávida.

Alícia agita sua mão em minha direção e eu sorrio, abraçando todas elas.

— Você está bem? — ela pergunta, acariciando meu cabelo, e eu suspiro acenando. Ela nunca vai deixar o sentimento materno que nutre por mim e Felipe. Já nos acostumamos.

— Ótima. — Sorrio e brinco com Gustavo e Letícia.

— Gael conseguiu encontrar recepcionista para a loja? — Gabby pergunta e eu aceno.

— Sim, eu entrevistei algumas — murmuro e me inclino para as meninas. — Contratei a mais feia de todas. Juro que foi difícil. — As meninas caem na risada e eu as acompanho, dando de ombros.

Luca sobe em uma cadeira no meio do quintal e assobia, chamando nossa atenção. Alícia

PERIGOSAS NACIONAIS

vai para perto dele e sorri para todo mundo.

— Gravidez não é novidade com Kieran e Gabrielle como família, mas... — Gabby cora envergonhada enquanto Kieran ergue a mão para Gael e Theo baterem. — Alícia está grávida. Vamos ter mais um! — meu irmão grita sorrindo, e eu corro em sua direção.

— Oh, meu Deus! — um coro inteiro de mulheres grita e abraça Alícia, beijando o seu rosto, lhe dando parabéns. Luca me abraça também e eu escuto um pigarro.

Eu me viro para encontrar Gael de pé, me olhando. Aceno e nós dois nos viramos para nossa família.

— Não quero que me matem, mas eu coloquei um bebê na barriga da menina de vocês. Eu não estou me desculpando, no entanto! — ele grita e eu sorrio quando todo mundo parece tão chocado quanto eu, quando descobri.

— Estou grávida! — grito pulando de alegria, e as meninas começam a sessão de gritaria novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu bebê vai ter um bebê — Alícia murmura chorando e eu a abraço novamente. — Nem posso acreditar.

— Nem eu — Luca murmura com a voz embargada e eu me jogo em seus braços. — Você vai ser uma mãe incrível, Tina. Vocês dois serão pais incríveis. — Luca puxa Gael para o abraço e eu relaxo.

Felipe abre os braços quando Luca me solta e eu pulo nele, sorrindo e chorando.

— Você está seriamente encrencada. Não vou ser babá, ouviu? — Ele sorri enquanto eu abraço seu corpo. Ele passou da minha altura há anos, mas agora está forte. Seus braços são grandes e ele é todo homem.

— Vai sim! — faço cocegas nele e beijo sua bochecha. — Eu amo você. Muito mesmo, Lipe. — Ele pisca com o olhar úmido e beija minha testa.

— Eu também te amo.

Saio dos seus braços e sorrio para meu marido. Gael beija meus lábios e respira fundo, cheirando meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é meu mundo. Obrigado por tanto, baby. — Ele sorri com os olhos cheios de lágrimas e eu beijo sua boca com selinhos.

— Eu te amo, Bebezão. Indo e voltando das estrelas até aqui. Eu juro Pelas Estrelas.

Se eu estava feliz, o sorriso que Gael me dá me faz a mulher mais sortuda e contente de todo o universo. Eu amo esse homem e não poderia ter certeza disso sem a ajuda dele.

Encaro o céu e sorrio ao ver uma estrela brilhando mesmo com o céu azul.

Era Vinícius, eu sabia. *Obrigada, Vini.*

PERIGOSAS ACHERON



PERIGOSAS NACIONAIS

Essa foi minha primeira tentativa de criar um triângulo amoroso, e eu preciso dizer... nunca mais farei hahahaha. Gente, que complicação, né? Nossa, nem eu me decidi entre esses dois, que dirá a mocinha hahaha.

Valentina já estava em minha cabeça desde *Atroz* e chegou a vez dela de contar sua história de amor. Complicada, sofrida e bem diferente do que escrevo normalmente. Eu espero que tenham se emocionado, que algo aqui tenha tocado seu coração. Queria agradecer a todas que chegaram até aqui. Muito obrigada pelo apoio e carinho de sempre.

Obrigada em especial à Bianca Bonoto e à Nana Valentine por me ajudarem tanto. Amo vocês. Gratidão eterna!

Com amor, gratidão e muito carinho,
Evilane Oliveira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

[Grupo no Facebook](#) | [FanPage](#) | [Instagram](#) |
[Wattpad](#) | [Skoob](#) | [Site](#)

Gostou de *Pelas Estrelas*? Compartilhe sua opinião nas redes sociais e na Amazon, indicando-o para futuros leitores. Muito obrigada!

[\[1\]](#) Pressentimento | Gaab feat. Mc Livinho